Anno XIV. Terça feira 12 de março de 1839. N.º 59.

JORNAL DO COMMERCIO.

Rio de Janeiro. Impresso no prélo mechanico da typographia imperial e constitucional de J. Villeneuve e Comp.

ADVERTENCIA.

O JORNAL DO COMMERCIO se publica diariamente; o preço da assignatura he de 16$000 Rs. por anno: folha avulsa 160 Rs.

Os annuncios e avisos publicão-se no *Jornal do Commercio*, a razão de 80 Rs. por cada linha.

Todas as correspondencias, artigos communicados e reclamações, vindos das provincias, devem ser dirigidos aos editores, em cartas *francas* de porte.

O *Jornal do Commercio* publica todos os sabbados huma revista commercial, os preços correntes dos generos de importação e exportação, o resumo das fazendas importadas e exportadas, a lista das embarcações estrangeiras surtas no porto, etc.

PARTIDAS DOS CORREIOS.

Ouro Preto, S. João d'El-Rei, Valença, Vassouras, Parahyba, Iguassú, Freg. do Paty do Alferes: 2, 7, 12, 17, 22 e 27.

S. Paulo, Itaguahy, S. João do Principe, Rezende, Baependy, Campanha, Pouso Alegre, Freg. do Pouso Alto, Pirahy, Arrozal, Angra dos Reis, Paraty, Mangaratiba, Freg. de Mambucaba: 3, 8, 13, 18, 23 e 28.

Campos de Goitacazes, Macahé, S. João da Barra, Maricá, Aldêa de S. Pedro, Cidade de Cabo Frio: 4, 9, 14, 19, 24 e 29.

Cantagallo, Nova Friburgo, Magé, Santo Antonio de Sá, S. João de Itaborahy, Freg. de S. Bernabé e Santa Anna: 3, 13 e 23.

Nitherohy: todos os dias.

EFEMERIDES E METEOROLOGIA.

☾ Mingoante a 8, ás 10 h., 38 m. e 41 seg. da manhã.
● Nova a 15, ás 11 h., 19 m. e 41 seg. da manhã.
☽ Crescente a 23, ás 2 h., 35 m. e 29 seg. da manhã.
○ Cheia a 30, ás 11 h., 25 m. e 47 seg. da manhã.

11 de março.

Thermometro Fah. 75°, 77°, 78°.
» Reaum 19° 1/9, 20°, 20° 4/9.
Ventos. De manhã, N.
De tarde, E.-S.-E.
Tempo nublado, mar chão.

12 de março.

Nasc. do sol, 5 horas e 53 min.
Occ. do sol, 6 horas e 7 min.
Marêcheia, de M., 11 h. 45 m., de T., 0 h. 9 m.

CAMBIOS NO DIA 11 DE MARÇO.

As 3 horas da tarde.

Londres	30 1/4
Paris	
Hamburgo	588
Ouro em barras	
Dobrões hespanhóes	31$300 a 31$400
» da patria	31$300 a 31$400
Pesos Hespanhóes	1$850 a 1$860
» da Patria	1$850 a 1$860
Moedas de 6$400 velhas	15$700 a 15$800
» » novas	14$700 a 14$800
» de 4$000	8$050 a 8$100
Prata	90 1/2 a 91 1/2
Apolices de 6 por cento juro	79
» 5 »	nominal.
Acções da Comp. dos Paq. de vapor.	
» » Nitherohy	
» » dos Omnibus	
» » Monte Soccorro	
» » Banco	

EXTERIOR.

ESTADO ORIENTAL.

Corresp. do Jornal do Commercio.

Montevidéo, 25 de fevereiro.

Pouco faltou para que os amigos do general Rivera tivessem que deplorar a sua perda. Na noite de 14 do corrente, que foi muito escura, huma enchente repentina dos arroios das serranias do Maciel, mais violenta do que tudo quanto tem havido de semelhante, neste paiz, arrebatou o coche em que ia o general. Não havia segurança de salvação senão para os excellentes nadadores, e he o que valeu a Rivera. Não aconteceu assim aos officiaes de sua secretaria, Ramos, Rosados e Castillo, e mais alguns soldados de sua escolta, que se afogárão, apezar dos esforços pessoaes do general.

O consul francêz Roger foi para Durazno informar-se de varias cousas, relativas á marcha do exercito oriental argentino. Continua aqui a affluencia de emigrados argentinos, e de autores de planos de invasão contra Rosas: cruzão-se em todos os sentidos.

Chegou a rectificação do governo correntino ao tratado que se celebrou ultimamente nesta capital, entre Corrientes e o Estado Oriental. O exercito correntino he commandado por Veron de Astrada, governador de Corrientes, e pelo tenente coronel Aviola. Remetto-lhe a proclamação de Veron ás suas tropas.

Em Entre-Rios tem havido serias disputas entre Servando Gomez, Echague e Lavalleja, o que motivou a retirada deste para Buenos-Aires. Parece que Rosas não lhe deu razão nas suas disputas com Oribe; por isso, assegurão-me que Lavalleja trata de pedir passaporte para o Rio de Janeiro.

Em Coronda, departamento da provincia de Santa Fé, sublevou-se hum esquadrão completo de cavallaria, e levou todas as cavalhadas da divisão auxiliar de Buenos-Aires. Dirigio-se para Santiago del Estero, onde se acha o governador Cullen, que não deixa de excitar os governadores do interior contra Rosas, mostrando-lhes a correspondencia deste ao finado Lopez, na qual se acha o plano de assassinato do general Quiroga.

Em Buenos-Aires, o general Rosas mandou, pela terceira vez, para a cadêa o ex-presidente do tribunal de justiça, Dr. Tagle, homem septuagenario. Deu ordem para que o fusilassem, e assegura-se que foi suspensa esta ordem por intervenção do ministro inglez. Outras muitas pessoas forão presas, entre ellas hum irmão do filho de Tagle. Não quiz dizer onde estava seu irmão, ou não o sabia, e foi para a cadêa em seu lugar..... Mas não quero importuna-lo com huma extensa relação dos infortunios do pobre Buenos-Aires.

Terá V. notado a especie de contradicção que ha a respeito das noticias da provincia do interior. He isto resultado da inquisição que exerce Rosas sobre os que dali chegão a Buenos-Aires. Entretanto, toda a questão he de *mais* ou de *menos*, ou erro de datas. Rosas só conta com a provincia de Buenos-Aires, Santa Fé e Entre-Rios; e estas estão minadas. As outras lhe são hostis ou indifferentes. He tambem indubitavel, que o exercito boliviano vem avançando, e a essas horas já terá occupado todas as provincias do norte. A sua marcha he lenta, mas segura, e não encontra resistencia. Huma prova da veracidade destas noticias he o silencio que guarda Rosas sobre o que se passa no interior, depois da morte dos Heredias. Não duvide V. da sua queda, se bem que eu não creio que ella se verifique sem sangue. He certo que Rosas se apromptа para este acontecimento, o que amontoa cabedaes para viver fóra do paiz. Recebeu novo desengano com a recusa de lord Palmerston, de intervir a seu favor para com a França. Lord Palmerston disse que a questão do Mexico he de outra especie, que Bustamante he hum general civilisado, e Rosas hum caudilho excepcional e cruel.

Chile fará a paz com Santa Cruz, e a administração de Prieto cahirá opprimida com o peso da responsabilidade de huma guerra imprudente, e da perda de tres expedições loucamente calculadas.

Acabo de receber noticia de que muitas senhoras de Buenos-Aires recebêrão ordem de sahir do paiz ou de conservar-se em suas casas, e que Rosas trata de armar corsarios contra a França. He isto huma nova loucura do dictador, porque não ha portos para onde conduzir as presas; e a unica cousa que conseguirá, debaixo deste pretexto, he ficarem innundados de piratas os mares do sul, os quaes exercerão as suas depredações sobre as embarcações de todas as nações, sem distincção de bandeira alguma.

Outro escandalo he a famosa companhia, composta de Rosas e dos seus ministros, para a compra dos trigos. O monopolio he immenso, e he o mais tyrannico que se tenha conhecido em Buenos-Aires. Quando os negociantes de trigo sabem que algum agente da companhia commercial de Rosas veio ao mercado, retirão-se, para que se não creia que tratão de estabelecer huma concurrencia, e para livrarem-se de ser tidos por conspiradores ou *unitarios*, e de irem para a cadêa ou para o quartel do Retiro. Este estado não póde durar, e assim que Rivera pisar o territorio entreriano, será a explosão tremenda.

Recebi o seu jornal de 4 do corrente, e agradeço-lhe os elogios que me faz; mas deve lembrar-se que tenho muito que fazer, e que os meus negocios me obrigão, ás vezes, a ausentar-me de Montevidéo. Portanto, queira desculpar alguma falta de que eu seja culpado, na certeza de que farei todos os esforços para as não commetter.

PROCLAMAÇÃO.

O general em chefe aos soldados do exercito correntino.

Viva a federação argentina.

Soldados! Tendes-me já á vossa frente; e, de hoje em diante, o genio da discordia não poderá mais apontar seus tiros contra a nossa cara patria. Decidido, tanto ou mais do que ninguem, a sustentar a sua integridade, dignidade e honra, protesto-vos trocar os gozos mais preciosos da vida por todos os sacrificios que de mim dependêrem. Basta-me a este respeito o pronunciamento da provincia para aplainar os escolhos que puderem oppôr-se á justa causa que hoje vos obriga a empunhar as armas. Ella comprehende a defeza de vossos mais caros interesses, de perto ameaçados pela mais descomedida ambição; he o sustentaculo da mais solida e perfeita confederação, por que vós pronunciastes no anno de 1826; e o he emfim da liberdade e independencia de que sois dignos defensores.

Ao reunir-me, pois, comvosco para salvar a patria do perigo espantoso em que se vê, notei com a maior satisfação o enthusiasmo irresistivel que manifestaes por tão sagrado idolo; elle, e o patriotismo admiravel que com tanta força impellio todas as classes da sociedade a offerecêrem recursos de todos os generos, para pôr a coberto os sacrosantos direitos do povo correntino, me presagião, desde já, hum feliz resultado. Recebei por este motivo a mais grata felicitação; e preparai-vos a marchar, se fôr necessario, até o fim do mundo, para dar huma lição pratica de que, se bem que amigos da tranquillidade publica, não o sois da indifferença, quando se trata de attacar aquella impunemente.

Permitti-me, por ultimo, o desafogo que nestes momentos me inspira o nobre enthusiasmo, para prognosticar á provincia de Corrientes que o seu exercito, composto de 5,000 homens bem armados, que tenho a honra de commandar, em breve lhe apresentará hum dia de gloria: dia em que, destruidos os seus inimigos, tornará a gozar da tranquillidade, objecto terminante de sua politica; e então, entregue todo á deliciosa effusão da sua alma, suas congratulações vos tributará o vosso melhor amigo.

Genaro Veron de Astrada.

Quartel general em Abalos, em 20 de janeiro de 1839.

(*El Nacional.*)

AS REPUBLICAS NA AMERICA.

Os tristes e vergonhosos exemplos que se repetem quasi diariamente na America, de turbulencias e agitações interiores, de guerras sanguinolentas de partidos, de homens ineptos ou malvados, sem merito algum, elevados ao poder supremo, e emfim, de desordens e injustiças de toda a casta, commettidas em nome da republica por homens que se dizem republicanos, começárão a produzir no animo de muitos, não só tibieza e desaffeição a esta sorte de governo, senão tambem, o que he peior, a desconfiança, que já quasi toca á desesperação, da possibilidade de estabelecer-se hum regimen justo e permanente sob hum systema representativo republicano.

Conhecemos muitas pessoas de não vulgar instrucção e de bem conhecida adhesão a este systema que, posto não tenhão chegado ainda a abjura-lo de todo, começárão a duvidar se será praticavel na America, ao menos por muitos annos, ou talvez seculos. Outros conhecemos nós que, levando mais longe suas desconfianças, o julgão já, não só impraticavel, senão tambem pernicioso, como occasião ou causa immediata dos males e desordens que se observão, lamentando a destruição do systema colonial. Os primeiros, ainda que conhecem que em nenhuma das novas republicas póde estabelecer-se o systema monarchico, desalentárão completamente, e o seu desanimo he tão prejudicial como a sinistra persuasão a que chegárão os segundos.

São estes sem duvida os peiores, os que inspirão mais cuidado, porque, não sendo capazes de formar elementos para hum systema monarchico regular, tem disposição constante para promovê-lo, ou pelo menos para sustentar qualquer genero de despotismo. Com os primeiros, ainda póde contar-se para fazer hum ultimo esforço e restaurar o credito dos principios republicanos, altamente compromettidos por tantos erros e tantas desordens; os segundos, que desgraçadamente são em maior numero, são homens perdidos para a republica, e o mais que delles póde esperar-se he que não faráõ opposição tenaz e systematica ao seu estabelecimento, que a sua falta de principios e de luzes, se os predispõe para supportar o despotismo, não lhes inspira valor para oppôrem-se ao estabelecimento de hum regimen justo e illustrado.

As novas republicas da America Meridional conservão ainda em seu seio muitos restos do systema colonial, que, oppondo huma resistencia constante á acção dos novos principios, nos ameação com funesta reacção. Se entre os mesmos que devião sustenta-los se encontrão homens debeis e vacillantes, mui exposta está a causa dos principios a ceder o campo ao despotismo. Já a reacção começou em alguns pontos da America, erigindo se tyrannos e despotas em vez de governos, e substituindo-se a vontade de hum homem á vontade dos povos.

Verdade he que os da America, para sacudir o jugo colonial e alcançar a sua independencia, tivêrão necessidade de tocar em molas perigosas; proclamárão principios exagerados, para infundir em huns o inflammar em outros o enthusiasmo da liberdade; e no calor do combate, não detivêrão-se, nem podião deter-se, em definir esta nem em fixar a natureza e extensão daquelles. Assim he que este primeiro impulso, communicado com tão nobre fim, adquirio na guerra hum movimento precipitado e irregular, que levou a acção desses principios a extremos reprovados e ás mais deploraveis demasias. Quando, depois de cessar o objecto, que foi a destruição do poder colonial, se quiz modera-lo e accommoda-lo á nova situação do paiz, a resistencia que se lhe oppôz, longe de traz-lo a seus limites, fez com que os ultrapassasse.

Não lançaremos, porém, a culpa sómente sobre os exaltados demagogos. As desordens de que forão autores ou instrumentos, forão não poucas vezes effeito das mesmas medidas que se adoptárão para reprimir a sua insubordinação aos principios. Sob pretexto de estabelecer o seu imperio, tomárão-se em seu nome medidas extraordinarias e iniquas, que mais parecião destinadas ao seu descredito, do que a grangear-lhes o affecto e submissão dos extraviados. Assim se vio perseguir successivamente de morte os partidos, accusando-se mutuamente das mesmas faltas, attribuindo-se as mesmas intenções e commettendo ao mesmo tempo os mesmos erros e desvarios, tudo em nome da liberdade e em obsequio dos principios republicanos.

Arbitrarios huns, levárão a sua acção a extremos illegaes; impetuosos outros, levárão a vingança além do ponto onde por ventura chegou a offensa; excedendo-se em seus esforços, como se excede o ar comprimido, quando chega a vencer a força que o comprimia. Assim, por huma successão de arbitrariedades e de vinganças illegaes, que tem sido o estado quasi ordinario das novas republicas, durante os 28 annos que levamos de independencia, chegámos a hum termo em que quasi a ultima alternativa que nos resta he a anarchia ou o despotismo.

Opprimidos por este, renasce em nossos peitos o sentimento da liberdade: a sua recuperação faz-se sempre á viva força, como acabamos de ver, e a resistencia que faz o despota para conservar-se, impede que as reacções possão deter-se nos termos da justiça ou da moderação: ultrapassão-se com muito excesso, e as demasias da liberdade chegão quasi sempre mais longe no damno, do que as arbitrariedades da oppressão. Canção-se os povos da tyrannia de muitos, e lanção-se de novo nos braços do despotismo de hum só, para procurarem descanço.

Tal ha sido e he ainda, com poucas excepções, o tristissimo circulo em que volteão sem cessar as novas republicas da America Meridional, sem poder encontrar esse justo equilibrio que torna tão invejavel a situação de nossos irmãos do Norte. Preciso he, pois, que busquemos hum ponto fixo, no qual nos firmemos, para não sermos perpetuamente o joguete destes contrarios embates. Este ponto fixo são os principios: a sua essencia he serem invariaveis.

Mas adoptemo-los com franqueza, observemo-los religiosamente, sem jámais faltarmos a elles. He este hum bem para todos os partidos, porque não ha hum só que possa lisongear-se de estar sempre no poder. Quando nelle se está, costuma-se sustentar algumas theorias que por então não parecem funestas, porque lisongeão as paixões dos que governão e servem-lhes contra seus inimigos. Foge, porém, das mãos o poder, e cahe nas daquelles mesmos que dellas forão victimas, os quaes por seu turno as fazem valer contra os mesmos que as pregárão. Então invocão os principios aquelles mesmos que pouco antes os tinhão esquecido ou desprezado, julgando-se garantidos com a posse do poder.

Assim os invoca hoje o general Oribe, e queira Deos que o faça por estar convencido de que são necessarios para fixar emfim a incerta sorte da patria, e não pelo ignobil desejo de tornar a domina-la e tornar a esquece-los, como he provavel. Por fortuna não necessita invoca-los, porque ninguem o persegue. Fugio do paiz, mais receloso de seus proprios delictos do que da vingança de seus inimigos. Se tivesse confiado na sua consciencia, hoje acharia justiça no meio da sua desgraça, porque o povo sempre he generoso e magnanimo nos seus triumphos. Terrivel he a sua sanha contra o poder arbitrario; irresistivel o seu enfado contra quem o provoca; mas, desarmado e cahido o monstro, já he não para elle mais que hum objecto de compaixão ou de desprezo.

O general Rivera, que deve a sua popularidade á posse de sentimentos iguaes aos do povo, que o segue e ama como seu libertador, a quem tem perseguido? Qual he a victima da sua fria vingança depois do triumpho? Qual he o acto da sua administração que desminta a sua adhesão aos principios? A republica goza da mais completa paz e liberdade; os negocios seguem o seu curso ordinario; o unico poder, cujas funcções se fizerão cessar, por sua notoria prevaricação, foi convocado immediatamente, e está a ponto de reunir-se. Não póde, pois, dizer-se que neste paiz triumphou hum partido sobre outro, mas sim o povo contra alguns despotas, os principios contra a arbitrariedade. A popularidade de hum cidadão, que tantas vezes tem sido funesta ás republicas, hoje he a maior felicidade para o Estado Oriental, pois que, em paizes onde as instituições e os principios não adquirirão estabilidade e solidez, porque não são populares, he hum bem que a adhesão aos principios e o amor ás instituições estejão firmemente arraigadas no coração do cidadão mais popular da nossa patria. Esta feliz associação da popularidade com o mais sincero patriotismo fez de hum Washington o maior homem da America, se he que a sua grandeza tem de medir-se pela da nação que fez feliz, fixando os seus destinos na base invariavel dos principios. Os do Estado Orien-

FOLHETIM.

RELIGIÃO, AMOR E PATRIA.

ROMANCE HISTORICO.

PARTE PRIMEIRA.—Coimbra.

I.

O admiravel orgão do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra echoava variados e harmoniosos sons, para acompanhar a missa do gallo. Estava a igreja magnificamente preparada. Grupos de luzes brilhavão sobre todos os altares, como se fossem as mil estrellas do firmamento, engastadas na cupola celeste. O incenso se evaporava dos vasos de prata e ouro, e se dirigia directamente ao céo, como hum solemne testemunho da gratidão do homem, como huma manifestação sincera de seu respeito e amor áquella que tudo creára. Hum povo immenso, enchia o templo, e attendia ás sagradas ceremonias daquelle acto religioso.

Havia nesse espectaculo, que offerecia o templo em tal momento, como que huma idéa divina, que poetisava todas as obras do homem, frageis como elle.

Os olhos de todos levantados para o céo, os joelhos beijando o pó da terra, o pensamento applicado inteiramente em Deos, dir-se-ia que elles se deixavão guiar por esse sentimento de enthusiasmo e de exaltação por tudo quanto he grande, harmonico e mysterioso; dir-se-ia que elles comprehendião naquelle instante toda a grandeza do creador e a sua propria missão na terra.

E ao lado desses homens, que breve esquecerião semelhante espectaculo, que breve se precipitarião no oceano immenso dos interesses mundanos, outros havião que dedicárão sua vida ao serviço do senhor, que dirigião seus pensamentos sómente a elle; homens que, pela gloria e adoração de Deos, pais deixárão, desampárárão familia, patria, prazeres e ditas: encerrárão-se entre os muros de huma prisão, e noite e dia, e a todas as horas, e a todos os instantes, com sua imagem se alimentavão, vivião e pretendião morrer.—Erão os monges, habitadores de Santa Cruz.

Como devia ser magestosa essa ceremonia, consagrada toda ao anniversario de Jesu-Christo, daquelle que, com seus martyrios, seu sangue e sua vida saldou as dividas dos homens? O povo reunido, a suave e melancolica harmonia do orgão, a missa, as predicas e os cantos dos religiosos, tudo concorria a augmentar sua pompa e magnificencia. E a isto, que já por si era grande, uni a idéa de ter sido aquelle mosteiro edificado por Affonso Henriques, e coevo da monarchia portugueza, e que todo o espectaculo se passava em cima dos tumulos dos dous primeiros monarchas lusitanos; nessa mesma igreja, a primeira do reino, que guarda nos seus archivos e no seu sanctuario os mais gloriosos monumentos e as mais santas reliquias de Portugal.

Não dirieis que a grande alma de Affonso Henriques presidia a toda esta ceremonia, animava essas physionomias, possuidas todas do mesmo pensamento, da mesma idéa?—Não dirieis que do sepulchro do fundador do reino se levantava a sombra magestosa do heróe, que vinha agradecer e abençoar seu povo?

Entre os noviços, que se preparavão para merecer hum dia o titulo de conegos regrantes de Santo Agostinho, e que do côro assistião á missa, havia hum joven, que parecia insensivel ao encanto deste espectaculo. Hum outro Deos, muito diverso daquelle para quem se elevavão os votos de todos, absorvia o seu pensamento; seus olhos não procuravão o céo, preferião sem duvida ao credor alguma creatura...

Nunca sentistes, nos bellos dias da vossa mocidade, huma vaga inquietação, que domina os sentidos, e faz desapparecer da reminiscencia aquelles perfumados sonhos d'ouro, que tanto nos aprazião? Não imaginastes nunca hum ente, anjo ou mulher, que attrahe a sympathia, e curva a seu jugo a vontade e o coração?... A cujos pés quereríeis ficar extasiado huma eternidade inteira, de quem ambicionaríeis huma lagrima, hum suspiro, hum olhar?... De cujos labios esperaríeis a terrivel sentença, que deveria decidir de vosso futuro — de dôres ou prazeres, de soffrimentos ou de venturas? Hum desses entes diaphanos, fructos de nossa imaginação escaldada, que imprime no coração hum traço indelevel, que revela huma qualidade preciosa d'alma, o amor?

Pois bem; isso mesmo sentia, nisso mesmo pensava Eugenio, o noviço de que vos fallei. Debaixo do habito de religioso, elle alojava hum coração proprio para amar.—E essa successão de horas e dias, de mezes e annos, sempre iguaes e sempre os mesmos; esse silencio de tumulos, essas praticas religiosas, cujo fim e utilidade elle não podia comprehender, esse som monotono e funebre, que continua e compassadamente vibrava, não havião conseguido suffocar no seu peito a paixão que o devorava.

Quando o orgão emmudeceu, e cessou o sacrificio divino, o povo todo deixou o templo, as luzes se apagárão e os monges se retirárão para suas cellas.

Eugenio, sem poder encontrar o somno que lhe aliviasse as magoas do coração, e lhe mitigasse as dores e padecimentos d'alma, vio decorrer lentamente a noite, e succeder-lhe tristemente o dia, sem que hum só momento de repouso, hum só instante de socego o viessem acalmar.

II.

— Como está escuro o céo! Como são pallidas estas arvores! Como triste murmura este lago!... E condemnado a ver sempre o mesmo repucho d'agua que se deslisa, a mesma cascata que chora, a mesma fonte que suspira, as mesmas arvores que murchão!... Forçado a ouvir o som do maldito sino que, para mim, não tem encantos, e que, entretanto, me chama e me governa! Adeos, oh! passaros que saudaveis tão docemente a aurora, desprendendo vossas azas á liberdade! Adeos, oh! lindas margens do Mondego, bellas flores dos bosques! Nunca mais vos verei desabrochar aos raios da madrugada! Cisnes tão alvos como a alva espuma dos mares, brincai, brincai nesse lago... Sois mais felizes do que eu!

Assim fallava Eugenio, recostado a hum dos assentos do passeio, que perto fica do lago da quinta dos Grusios. Ali tinha elle vindo com outros jovens, seus companheiros, seguidos pelo mestre dos noviços. E, entre elles, Deos sabe quantos forão os violentados por seus pais e familias, para vivos se enterrarem naquelle mosteiro! Deos sabe quantos pensavão como Eugenio; quantos, como elle, profunda e intimamente se carpião!

He a quinta ou cerca dos Grusios huma das mais bellas e vastas da Europa, não só pelo esplendido jardim, todo coberto de flores as mais primorosas, senão tambem pelas raridades que dentro guarda, comprehendendo-se neste numero hum lindo viveiro de passaros. No fundo da quinta, em hum terreno hum pouco mais elevado, e cercado de hum fingido muro de rama de cedro, espalmada, junta e cortada, imitando a muralha de hum castello antigo, com ameias, está o magnifico lago, que rodeia huma pequena, mas muito pittoresca ilha, aonde vegetava huma bellissima larangeira, assemelhando-se a hum rico topazio no centro de hum anel de ouro. Perto do lago, ao subir hum pequeno lanço de alguns degráos, ha dous lindos torreões, proprios para ali se respirar livremente o ar perfumado das flores e das arvores, e sentir o fresco das virações da tarde. Esses torreões são pintados a fresco, e representão as acções memoraveis de Affonso Henriques, e os mais notaveis acontecimentos do mosteiro. Entre as pinturas, sobresahia, como mais bella e mais perfeita, a entrada, em Santa Cruz, do fundador da monarchia portugueza, recebido pelo primeiro D. Prior S. Theotonio.

Entretanto, tamanhas bellezas não podião agradar a Eugenio, cuja imaginação tanto se havia exaltado, cuja melancolia tanto crescia e se augmentava, e que, tendo no coração hum amor em que se cifravão todos os seus desejos e esperanças, só nelle podia encontrar dita e ventura, só nelle via prazeres e gloria!...

E, quando elle mais se perdia nas suas tristes meditações, soou o sino do mosteiro, chamando a primeira vez os noviços ao estudo e á pratica religiosa. Ao ouvi-lo, não pôde Eugenio suffocar hum suspiro que do mais intimo d'alma partia... Elle amaldiçoou mil vezes esse sino, cuja voz tão desagradavel lhe fôra sempre, e agora mais que nunca.

Oh! que differença não havia entre este monumento, e os seus tempos passados; entre este som monotono e triste, e a voz que outr'ora, em instantes de dôr e de amargura, o en-

tal pendem hoje do general Rivera, e temos a mais grata esperança de que, emulando a gloria daquelle nobre Virginiano, não deixará burladas as que nelle depositou a patria. *(Revista Official.)*

INTERIOR.

S. PEDRO DO SUL.

Quartel general em Porto Alegre, 5 de fevereiro de 1839.

ORDEM DO DIA.

O marechal de campo graduado, presidente e commandante das armas da provincia, patenteia aos militares, que tem a honra de commandar, seu regozijo pelo bem que se houve a força que immediatamente elle dirigia, e a que por sua ordem surtira de Porto Alegre contra os rebeldes que sitiavão esta cidade: a regularidade durante as marchas e nos acampamentos, o ardor com que avançava para o inimigo, que fugia de sua frente, e a ordem e tranquillidade com que depois se retirou, fazendo estragos ao inimigo, não obstante saber-se que huma numerosa força, ao mando do caudilho Bento Manoel, vinha pelo flanco, para entre dous fogos difficultar ou impedir tal retirada, tudo mostra que em pouco tempo esta honrada tropa, muito moderna aliás no serviço, tocará a meta da disciplina e da pericia militar.

Não he menos de louvar a morigeração destes bravos, não obstante estarem sobre-maneira offendidos pelo que hão soffrido da immoralidade dos rebeldes, quando, passando pelas habitações das familias dos anarchistas que nos fugião, respeitárão pessoas e propriedades, apezar do contraste que se lhe apresentava aos olhos, de se acharem estragados os predios e plantações dos legalistas, com seus campos desertos das ricas manadas que outr'ora possuião, emquanto as outras habitações estavão na fruição de seus e alheios bens.

A força que o mesmo presidente e commandante das armas dirigio entrou na madrugada do dia 2 do corrente nesta cidade, trazendo apenas oito homens levemente feridos ou contusos, emquanto o inimigo teve muitos mortos e feridos. São por tanto merecedores de grandes elogios cada hum dos militares que com tanto denodo fizerão hum giro de mais de trinta leguas por entre hum inimigo numeroso, sem que tivessem perda, fazendo lhe comtudo muito damno.

Seria completa a satisfação do presidente e commandante das armas senão occorresse desastre no rio Caby á duas canhoneiras, que ali se achavão. No dia 1° do corrente mez, o caudilho Bento Manoel mandou huma consideravel força de infantaria e 2 peças de calibre 6 fazer hum violento fogo ás ditas canhoneiras surtas no passo do Contracto do rio de Caby, o qual, matando o commandante da canhoneira n. 7, e grande parte da guarnição, o mestre da canhoneira n. 9, e ainda alguma maruja della, tivêrão de succumbir, indo a pique a n. 7, e ficando a outra em máo estado.

A pericia e bravura que desenvolveu, segundo a parte dada pelo chefe da divisão naval, o 1° tenente Antonio Dias dos Santos Bellico, cujo nome deverá ser de eterno respeito, passando á posteridade nas paginas da historia brazileira, são superiores a toda a admiração, e este honradissimo e bravo militar serviria sem duvida de estimulo, se estimulos fossem precisos aos militares de mar e terra que se achão em serviço nesta provincia, para bem servirem ao imperio a que tem a honra de pertencer.

A marinha, não obstante esta pequena perda he digna de muitos elogios, como varias vezes tem patenteado ao actual chefe das forças navaes, o referido presidente e commandante das armas da provincia.

Tendo o Exm. marechal de campo reformado Thomaz José da Silva pedido, ha tempo, dispensa do commando da guarnição desta cidade, não havia o marechal graduado ainda satisfeito o seu pedido, por não haver aqui hum Sr. general em effectividade de serviço para o substituir; agora, porém, que existe o Exm. Sr. brigadeiro visconde de Castro, elle passará a tomar o commando da guarnição, devendo declarar-se que o Sr. marechal Silva muito bem se houve durante o tempo do seu commando, de que ora fica exonerado, em razão do seu pedido.

Recommenda-se aos Srs. commandantes dos corpos não consintão que, do toque de recolher em diante, as praças de pret saião dos seus respectivos quarteis, castigando rigorosamente aquelles que infringirem suas ordens. — *Antonio Elzeario de Miranda e Brito.* — Está conforme. — *Gabriel de Araujo e Silva*, major e ajudante de ordens. *(Mercantil.)*

RIO DE JANEIRO.

Hontem foi o dia anniversario da Augusta Princeza Imperial a Sra. D. Januaria, que completou os seus 17 annos. Concorrêrão ao cortejo, no paço, o Exm. Regente, os ministros da corôa, o corpo diplomatico, muitas pessoas de distincção, e a officialidade da guarda nacional, exercito e marinha. Os navios de guerra nacionaes e estrangeiros, surtos neste porto, e as fortalezas, embandeirárão e salvárão ás horas do costume. A' noite deu-se representação dramatica no theatro de S. Januario, em commemoração deste fausto dia, e houve baile no paço.

A cidade illuminou-se; e notou-se entre aquelles estabelecimentos e casas que maior brilhantismo apresentavão, o hospital de S. Francisco de Paula, de que he protectora a Augusta Princeza

---

A accusação do presidente de S. Paulo, de que fallou a *Phenix* de 23 de fevereiro, limita-se á indicação que abaixo transcrevêmos do *Observador Paulistano* de 2 de março. Muito sentimos que o estilo de personalidades que ora empregão alguns jornaes de S. Paulo nos inhiba de transcrever os seus artigos, aliás aproveitaveis.

« Proponho que a illustre commissão de constituição e justiça, examinando as instrucções dadas pelo governo ao commandante da força que marchou a restabelecer a ordem na Franca, indique os meios de annullar, ou o que parecer conveniente, os artigos 7° e 8° das mencionadas instrucções; não só porque o primeiro he huma escandalosa infracção da lei de 18 de agosto de 1831, e fará que nem hum guarda nacional se preste a marchar quando o serviço publico exigir, como porque o segundo nega a protecção a que tem direito todo aquelle que, confiado nas leis, pugna para que não sejão violadas, *fazendo recahir a responsabilidade sobre aquelles que cumprirão taes arts.*, e não praticárão o que cumpre no caso de ordens illegaes.

« Paço da assembléa, 18 de fevereiro de 1839. — *T. de Aguiar.* »

Lêmos no *Correio de Minas*, de 28 de fevereiro:

« Foi nomeado bispo de Marianna o reverendissimo parocho de S. Domingos de Minas Novas, Carlos Pereira Freire de Moura. Tão acertada escolha deve encher de jubilo os pacificos diocesanos, que já começavão a sentir os inconvenientes da viuvez da igreja mariannense. »

ARTIGO DE OFFICIO.

MINISTERIO DA MARINHA.

Illm. e Exm. Sr. — Tendo succumbido honrosamente o 1° tenente da armada Antonio Dias dos Santos Bellico, defendendo a causa da legalidade contra os rebeldes que desgraçadamente assolão a provincia do Rio Grande do Sul; e querendo o regente, em nome do imperador, recompensar tão distinctos serviços; ordena que V. Ex., procedendo ahi ás necessarias indagações, informe a esta secretaria acerca da familia deste benemerito official, e do estado em que ella se acha.

Deos guarde a V. Ex. Palacio do Rio de Janeiro, em 5 de março de 1839. — *Joaquim José Rodrigues Torres.* — Sr. Thomaz Xavier Garcia de Almeida.

(Correio Official.)

ASSEMBLÉA PROVINCIAL DO RIO DE JANEIRO.

SESSÃO EM 9 DE MARÇO.

Presidencia do Sr. Freitas Magalhães.

As 11 horas feita a chamada, achárão-se presentes 27 Srs. deputados; o Sr. presidente declarou aberta a sessão, e lida a acta da antecedente, foi approvada.

O Sr. 1° secretario deu conta do seguinte expediente:

Officio do Sr. deputado José Bernardino Baptista Pereira, participando não poder comparecer na presente sessão por motivo de molestia: — A' commissão de poderes.

Dito do Sr. deputado supplente José Luiz de Freitas, communicando não lhe ser possivel comparecer já ás sessões: — A' mesma commissão.

Dito do secretario do governo da provincia, remettendo a informação da directoria das obras publicas, sobre a estrada que com preferencia convinha construir em cada secção, e em quanto poderá montar a sua despeza: — A' commissão das obras publicas.

Dito do mesmo secretario, remettendo as plantas da ponte de cantaria, actualmente em construcção sobre o rio Parahiba, junto a villa da Parahiba do Sul, e mais obras no mesmo lugar: — A' mesma commissão.

Dito do mesmo secretario, remettendo a planta e orçamento de huma ponte sobre o rio Sebastiana: — O mesmo destino.

Dito do mesmo secretario, enviando o desenho da cadêa da villa de Maricá, a que se refere o Exm. presidente da provincia no seu relatorio: — O mesmo destino.

Dito do mesmo secretario, transmittindo a planta do canal projectado entre Campos e o Rio de Janeiro: — Igual destino.

Dito do mesmo secretario, enviando a planta e orçamento de huma ponte para os dous rios, no municipio de Campos: — A' mesma commissão.

Dito do mesmo secretario, transmittindo o projecto de huma valla navegavel entre o rio Imbé e a lagôa de Cima, no municipio de Campos: — A' mesma commissão.

Dito do mesmo secretario, remettendo a planta demonstrativa do estado em que se achão os ramaes da ponte suspensa de Cabo Frio, e o orçamento da despeza necessaria para a sua conclusão: — A' mencionada commissão.

Dito do mesmo secretario, enviando a planta, alçados, e ornamentos das obras projectadas para fechar em roda a cadêa da Armação desta cidade: — A' mesma commissão.

Dito do mesmo secretario, remettendo a deliberação do governo, de 13 de outubro passado, sobre os districtos de paz da provincia: — A' commissão de leis regulamentares.

Dito do mesmo secretario, transmittindo a deliberação do governo, de 28 de setembro passado, ácerca da demarcação dos limites do novo municipio do Pirahy, acompanhada das informações e mais papeis, á vista dos quaes foi feita a mesma demarcação: — A' commissão de estatistica.

Dito do mesmo secretario, enviando a informação da camara municipal de Itaguahy, sobre o requerimento do carcereiro da cadêa da mesma villa: — A' commissão de fazenda.

Dito do mesmo secretario, remettendo huma representação dos negociantes da villa de Rezende, em que expoem os inconvenientes que traz ao seu negocio a execução da lei provincial n. 18 do anno passado: — A' mesma commissão.

Dito do mesmo secretario, enviando huma representação da camara municipal de S. João do Principe, relativa á demarcação de limites do seu municipio com o de Pirahy: — A' commissão de estatistica.

Dito do mesmo secretario, remettendo o regimento interno, organisado pela camara municipal de Valença: — A's commissões de camaras municipaes e justiça civil e criminal.

Dito do mesmo secretario, enviando a informação do Rvm. vigario capitular, acerca da pretenção do marquez de S. João Marcos, de ficar a sua fazenda de Santa Anna pertencendo á freguezia da Sacra Familia da villa de Vassouras: — A' commissão ecclesiastica.

Dito do mesmo secretario, remettendo as informações das camaras municipaes de Valença, Pirahy e Barra Mansa, sobre a pretenção dos moradores entre o Ribeirão das Ipiabas, Minhocas e Rio Parahiba, de ficarem novamente fazendo parte do curato das Dôres: — A' mesma commissão.

Dito do mesmo secretario, enviando a copia do contracto pelo qual Victor Larêcê se obrigou a lithographar e estampar a carta da provincia: — Ficou a assembléa inteirada.

Requerimento dos Irmãos da ordem terceira da Boa Morte de Campos, pedindo dispensa nas leis de amortisação, para poderem legitimamente possuir bens de raiz: — A' commissão de fazenda.

Dito de João Baptista Midosi, pedindo prorogação do prazo marcado na lei n. 8 do anno passado, para o supplicante incorporar a companhia da estrada de ferro: — A' commissão de obras publicas.

O Sr. Vaz Vieira pedio dispensa da commissão ecclesiastica, e em seu lugar foi nomeado o Sr. Monteiro.

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA.

Foi lido e approvado hum parecer da commissão ecclesiastica, exigindo informações das autoridades ecclesiasticas e da camara de Campos sobre a pretenção dos moradores da capella de Santo Amaro.

Foi lido hum outro parecer da mesma commissão, sobre a pretenção dos moradores do curato do Rio Claro do municipio de S. João do Principe, offerecendo em resultado a seguinte resolução, que foi julgada objecto de deliberação, indo a imprimir, para entrar na ordem dos trabalhos:

« A assembléa legislativa provincial resolve:

« Art. 1. Fica erecta em freguezia, e com a mesma denominação, a capella curada de N. S. da Piedade do Rio Claro, no municipio de S. João do Principe.

« Art. 2. A freguezia terá por limites os existentes, e que lhe forão designados, quando em visita do ordinario foi creada a capella curada.

« Art. 3. Ficão derogadas as disposições em contrario.

« Paço da assembléa, 9 de março de 1839. — *J. V. da Silva Cavalcante.* — *J. I. Vaz Vieira.* »

Foi lido hum parecer da commissão de instrucção publica sobre o requerimento do professor publico de primeiras letras de S. Gonçalo, do termo desta cidade, Manoel Jorge de Faria, offerecendo em resultado a seguinte resolução, que foi julgada objecto de deliberação, indo a imprimir, para entrar na ordem dos trabalhos:

« Os professores publicos de ensino primario, declarados isentos de frequentar a escola normal, em virtude do art. 1° da lei provincial n. 10 de 1835, tem direito a vencer o ordenado do art. 9 da lei provincial n. 1 de 1837, e todas as outras vantagens della, desde a promulgação desta lei. Paço da assembléa, 9 de março de 1839. — *João Alves Loureiro.* — *Thomaz Gomes dos Santos.* — *João Candido de Deos e Silva.* »

Foi lido e approvado o seguinte requerimento:

« Rogo ao Sr. presidente que convide a illustre commissão de justiça civil e criminal que apresente o projecto de requerimento á assembléa geral para huma nova qualificação de jurados, como requeri em huma das sessões passadas. — *Cesar de Menezes.* »

Procedendo-se á eleição dos vice-presidentes da provincia, e produzindo o escrutinio 27 cedulas, ficárão eleitos com a maioria absoluta de votos os Srs. Visconde de Baependy e Dr. João Caldas Vianna, com 17 votos; Dr. Antonio Alves da Silva Pinto Junior e Dr. José Ignacio Vaz Vieira, com 16; Dr. Thomaz Gomes dos Santos e Des. Antonio Pereira Barreto Pedroso, com 15: decidindo a sorte nos casos de empate pela collocação acima referida.

2.ª PARTE DA ORDEM DO DIA.

Foi approvado em 1ª discussão, e passou para a 2ª, o projecto sobre a approvação dos compromissos das irmandades e confrarias religiosas, já publicado neste jornal.

Foi approvado em 2ª discussão, e passou para a 3ª, o projecto n. 44 — B — elevando a freguezia o curato de S. Antonio do Rio Bonito, do termo de Valença.

Entrou em 2ª discussão o projecto n. 37 — B — acerca de diversas obras municipaes na villa de S. João do Principe.

O Sr. Carneiro de Campos pedio que o projecto voltasse á commissão de obras publicas, para que, á vista do relatorio do presidente da provincia, o tome na devida consideração. Este requerimento ficou adiado por empate na votação.

Foi approvado em 2ª discussão, e passou para a 3ª, o projecto n. 40 — B — permittindo á irmandade da Conceição desta cidade possuir até 50 contos de réis de bens de raiz.

Entrando em discussão o projecto n. 43 — B — acerca da organisação de hum plano geral de divisão civil e judiciaria para a provincia, o Sr. Gomes dos Santos pedio o adiamento por 48 horas: o requerimento foi apoiado e approvado.

Entrou em 2ª discussão o projecto n. 33 — B — que se segue:

« A assembléa legislativa provincial resolve:

« Art. 1.° O presidente da provincia fará as despezas necessarias com o exame e orçamento para hum canal, que de Sapinhoatuba se dirija a Japoiba, pela chacara do finado Azevedo, ao sitio dos Limas, no municipio de Angra dos Reis, em pequena distancia ao norte da cidade do mesmo nome.

« Art. 2.° O mesmo presidente apresentará o resultado destes trabalhos na primeira sessão ordinaria da assembléa legislativa provincial.

« Paço da assembléa, aos 10 de abril de 1838. — *J. A. de Miranda.* »

O 1.° art. foi approvado; o 2° art. não passou; o projecto foi approvado, para passar para a 3ª discussão.

Seguio se a 2ª discussão do seguinte projecto, n. 25 — B. —

« A assembléa legislativa provincial resolve:

« Art. 1.° O extincto districto de S. José de Campo Bello, termo da villa de Rezende, he declarado capella filial curata.

« Art. 2.° O presidente da provincia mandará proceder á divisão da capella creada e á eleição dos juizes de paz respectivos.

« Art. 3.° Os processos, livros e mais papeis do extincto juizo, serão ora devolvidos ao respectivo cartorio.

« Art. 4.° Ficão revogadas todas as disposições em contrario.

« Paço da assembléa legislativa provincial, 3 de abril de 1838. — *J. I. Vaz Vieira.* — *J. Clemente Pereira.* — *F. S. Dias da Motta.* — *Thomaz Gomes dos Santos.*

O art. 1° foi approvado.

O art. 2° foi approvado com a seguinte emenda: — « Depois das palavras — divisão da capella creada — diga-se — que transmittirá á assembléa para definitiva approvação, mas vigorando desde logo provisoriamente. — *Vaz Vieira.*

Os artigos 3° e 4° forão approvados. — O projecto passou para 3ª discussão.

Entrou em 2ª discussão o projecto n. 44 — A — sobre a ponte que se tem de construir no rio Casseribu', no porto do Pereira; e, a requerimento do Sr. Vaz Vieira, foi remettido á commissão de obras publicas.

Entrou em 2ª discussão o 1° art. do projecto n. 30 — A — approvando os orçamentos e plantas das pontes dos rios Alcantara, Aldêa, Gabussu' e do Cordão da Itaoca, com o seu competente aterro, na freguezia de S. Gonçalo, com huma emenda additiva do Sr. Cesar de Menezes, fazendo extensiva a mesma providencia á do rio Aldêa em Itaborahy: o art. e a emenda forão approvados.

Seguindo-se a discussão do art° 2°, mandando construir as sobreditas pontes, ou por arrematação, ou como mais convier aos interesses da provincia o serviço publico, foi offerecida a seguinte emenda, que foi apoiada.

« Esta obra será feita por arrematação. — *Gomes dos Santos.*

O Sr. Vianna apresentou o seguinte requerimento, que foi apoiado e approvado.

« Que este projecto vá á commissão de obras publicas para, á vista das plantas e orçamentos, interpôr com urgencia o seu parecer, apresentando o mesmo projecto, quando se conforme com os referidos planos e orçamentos. »

Dando a hora, o Sr. presidente deu a ordem do dia 12 do corrente, visto ser feriado o dia 11, por ser o anniversario do natalicio de Sua Alteza a princeza imperial, e levantou a sessão ás 2 horas da tarde.

TRIBUNAL DOS JURADOS.

3ª SESSÃO ORDINARIA EM 8 DE MARÇO.

Presidencia do Sr. juiz de direito chefe de policia.

Ás dez horas da manhã abre-se a sessão.

São dispensados os Srs. jurados José Antonio Esperança, João da Costa Nunes, Joaquim Clarimundo da Silva, Bernardino José da Costa; e, da sessão de hoje, Antonio Caetano da Cruz.

Consta pelos Srs. jurados que o jurado João Alves dos Reis he fallecido.

São approvados, e chamados para servirem na presente sessão judiciaria, os senhores Marcellino Leite Pereira, João da Silva Pinto, Antonio Ricardo Benedicto de Abreu, João José de Brito e José Marques de Sá.

São multados em 200 rs. os jurados que faltárão sem o participarem.

São sorteados 23 jurados para, em primeiro conselho, e depois de prestarem o devido juramento, tomarem conhecimento dos seguintes processos:

1°. Autora a justiça e réo Antonio Pereira da Motta.

---

cantava por tal modo com sua melodia, com suas doces modulações, que o soffrimento se lhe esvaecia, e a tranquillidade e o socego o procuravão! Voz fresca e pura que fazia vibrar todas as cordas d'alma, harmonica e suave, como o suspiro de hum espirito celeste!

Como lhe bateu o coração naquelle momento! Como desappareceu-lhe do pensamento toda a idéa que podia liga-lo á vida, que podia offertar-lhe esperanças consoladoras!... Para que veio aquelle sino augmentar-lhe seus martyrios, já tão grandes e profundos?

A branda viração affagava mollemente as folhas dos carvalhos, e ellas, como que querendo acompanha-lo na sua dôr, precipitavão-se dos galhos, e formavão com sua queda hum triste murmurio, que se assemelhava ao gemido de algum ente infeliz em transes arriscados...

Os outros noviços passeiavão...

O bom mestre, entretanto, homem de virtudes austeras e de puras intenções, descobrio que alguma dôr padecia Eugenio, e approximou-se delle.

Eugenio tinha abaixado a cabeça, e a escondia entre suas mãos, para roubar aos olhos de seus companheiros o espectaculo de suas lagrimas, que a jorros se desprendião.

O velho contemplou-o silenciosamente e por alguns momentos, e, depois, com a franqueza e a cordialidade que são o apanagio das almas grandes, assim lhe fallou, batendo-lhe no hombro, como para acorda-lo do lethargo em que se achava.

— Tu choras, filho? Qual tua dôr?

— Eu! respondeu-lhe o joven, balbuciando, trémulo e erguendo-se; enganai-vos, mestre.

— Tens saudades dos prazeres mundanos? continuou o velho; eia, conta-me tudo, nada me encubras. Se tua vocação te não chama para o serviço do Senhor, se laços terrestres te prendem... dize-o... procurarei consolar-te!

Tanta cordialidade da parte de mestre dos noviços fez cahir a seus pés o infeliz Eugenio.

— Vossa bondade, disse lhe o joven todo banhado em lagrimas, vossa bondade me mata! Como ousarei nunca confiar-vos o que sinto e o que soffro?

O mestre prestou-lhe então todas aquellas consolações de que elle parecia necessitar; animou-o com o exemplo de suas virtudes, e o induzio a confidenciar-lhe suas dôres.

Eugenio, ganhando alguma coragem, e, entretanto, meio envergonhado, disse-lhe, abaixando os olhos á terra:

— Meu mal provém de que não nasci para o convento, e que fui forçado por meus pais a entrar para elle. Meu mal provém de que aqui dentro — perdão, mestre — neste coração, eu sinto huma força que me impelle para o mundo....

— Amor, talvez! — interrompeu-o o velho, com hum sorriso melancolico.

— Oh! Sim.... amor!.... continuou o joven.... Semelhante paixão he minha desventura.... A não ser ella, eu me curvaria á vontade de meus pais, tudo venceria, tudo conseguiria fazer calar, mas o meu amor he tão forte, tão profundo, que eu já não tenho pensamentos, que sejão meus; alma, que seja minha; vida, que me pertença.... Não posso resistir-lhe, antes a morte!....

— Se assim he, desgraçado! — torna-lhe o bom mestre — deixa o serviço de Deos, não prostituas, não profanes nossa nobre missão. Deos he grande, e não quer sacrificios acima de nossas forças! Deixa esse habito!

Assim como, no meio de huma tempestade, arma-se repentinamente hum tufão de ventos contrarios, que se desencadeião de todos os lados, combatem huns contra os outros, tudo assolão e estragão, assim sentio Eugenio bater com força seu peito, e com a violencia da paixão quasi quebrar-se....

— Eu amo! eu amo! sim, mestre, e desesperadamente! — exclamou-lhe elle: — este amor me levará ao tumulo.... He já muito tarde, porém, para seguir vosso conselho!

E estas palavras forão pronunciadas com huma dôr tão profunda, com tal desesperação, com ancias tão duras e agudas, que, para sustentar o joven, que ia cahindo, foi mister que o velho o detivesse em seus braços.

— Como muito tarde? — docemente lhe disse o mestre; — pois, não és ainda noviço?

— Sim, eu o sou ainda hoje, mas amanhã deixarei de sê-lo! E precipitou-se nos braços do ancião, balbuciando estas palavras.

— Mancebos! mancebos! — disse consigo o velho, — como vos fazeis a vós mesmos desgraçados!

III.

Desde as primeiras horas do dia que dobravão a defuntos os sinos do mosteiro de Santa Cruz. O echo funebre e sonóro repercutia ao longe pelas campinas que rodeião a cidade, e que banhão as aguas crystallinas do Mondego. Os camponezes deixavão suas choupanas, os habitantes da cidade, suas cazas, e como que huma indefinivel attracção a todos levava, para assistirem ao espectaculo da profissão de hum noviço, que preparavão os conegos regrantes de Santo Agostinho. A manhã era alegre, e o dia affiançava imita-la.

O valle encantador que em torno do Mondego se deslisa, desde as portas de Coimbra, até ir morrer nas praias da Figueira, matizava-se com flores, que união ao mais perfeito aroma as côres as mais deleitosas. Dir-se-ia que a natureza quizéra ali realisar todas as inspirações da poesia, todos os vôos da imaginação, os sonhos do espirito, as mil maravilhas de huma sempiterna primavera. Os lirios agitavão suas brancas flores, tão contentes, como as ondas do mar, quando se debrução pelas praias, brincão, saltão, e, depois de imprimirem na area hum beijo de amor, retrocedem, murmurando de prazer. A acacia balanceava suas flores coloridas, tão livres, como o vento que sopra, tão bellas, como a aurora da esperança e da ventura. Mil outras flores alegres e folgasonas brincavão no valle, e sorrião á brisa que docemente as affagava; e, como hum pensamento profundo da sciencia, dominando todas as futilidades do prazer, se erguia, por entre as flores, por entre as arvores, o magestoso cypreste, elevando seus galhos acima de tudo.

O Mondego, immortalisado pelo mais suave e melancolico dos vates modernos, deitado em hum leito de area fina, limpida e purissima, correndo suas aguas atravez de tão magestosa campina, até ir entrega-las nos braços do oceano, parecia hum cinto azul-dourado, que, por acaso, brincando, tivesse atirado sobre hum rico tapete do oriente a mais bella das odaliscas de serralho.

No centro, e em cima de huma collina elevada, está situada a antiga capital da Lusitania, mostrando aos olhos do viajor estrangeiro innumeraveis conventos, mil arcos sobrepostos huns sobre os outros, e como em amphitheatro. O grande edificio da universidade, antiga residencia dos monarchas portuguezes, furando os ares com suas torres gigantescas, parece coroar a cidade, ou, para melhor dizer, assemelha-se á aureola do genio da sciencia, que immortalisa Coimbra, ao anjo da guarda que vigia a planicie, á ninfa amorosa que inspira o Mondego.

E, no dia 6 de julho de 1827, como hum povo immenso atravessava a campina, e passava a celebre ponte do rio, edificada, primeiramente, por Affonso Henriques, e reedificada, depois, por D. Manuel o afortunado; como as ruas da cidade, e principalmente a de Santa Sophia, estavão apinhoadas de gente, que toda se dirigia para o mosteiro de Santa Cruz, maiores bellezas offertava o paiz, encantos maiores sobresahião....

Os dôbres funebres dos sinos denunciavão huma ceremonia que, pela sua pompa e magnificencia, pelas variadas circumstancias que a acompanhavão, em extremo exaltava a curiosidade de todos os habitantes de Coimbra e dos seus arredores, e os attrahia ao templo.

Quando, nos tempos do heroismo grego, para applacar os deoses avidos de sangue, se conduzia ante os altares os mais formosos jovens, ornados com fitas, perfumados todos, quaes sans e puras ovelhas, e ahi, no meio das ceremonias e ovações religiosas, os sacrificavão, ainda que esse dogma religioso fosse por todos approvado, adoptado e praticado; ainda que as crenças e opiniões lhe erão favoraveis, comtudo, coração nenhum materno havia que se não sensibilisasse profundamente, homem nenhum deixava de sentir apertar-lhe de dôr sua alma, e as donzellas as mais castas, entre soluços e suspiros secretos, deslisavão lagrimas furtivas, dizendo comsigo todos: como são barbaros estes deoses!

E, nos tempos humanos do christianismo, quando huma religião pura e santa rege as nossas acções, dirige nossos pensamentos e proclama o amor entre os humanos, como o apogeo da gloria, custa a crêr que homens hajão, que não tirão a vida, não, mas que murchão todas as folhas de suas arvores, todos os seus prazeres, todas as suas ditas. — Em vez de arrancar-nos a existencia, arrancão-nos ao mundo: e o que he a vida sem mundo? O que he a existencia sem este variado espectaculo do universo?

P. S.

(Continuar-se-ha.)

Anno XIV. Quarta feira 13 de março de 1839. N.° 60.

JORNAL DO COMMERCIO.

Rio de Janeiro. Impresso no prélo mechanico da typographia imperial e constitucional de J. Villeneuve e Comp.

ADVERTENCIA.

O JORNAL DO COMMERCIO se publica diariamente; o preço da assignatura he de 16$000 Rs. por anno; folha avulsa 160 Rs.

Os annuncios e avisos publicão-se no *Jornal do Commercio*, a razão de 80 Rs. por cada linha.

Todas as correspondencias, artigos communicados e reclamações, vindos das provincias, devem ser dirigidos aos editores, em cartas *francas* de porte.

O *Jornal do Commercio* publica todos os sabbados huma revista commercial, os preços correntes dos generos de importação e exportação, o resumo das fazendas importadas e exportadas, a lista das embarcações estrangeiras surtas no porto, etc.

PARTIDAS DOS CORREIOS.

Ouro Preto, S. João d'El-Rei, Valença, Vassouras, Parahyba, Iguassú, Freg. do Paty do Alferes: 2, 7, 12, 17, 22 e 27.

S. Paulo, Itaguahy, S. João do Principe, Rezende, Baependy, Campanha, Pouso Alegre, Freg. do Pouso Alto, Pirahy, Arrozal, Angra dos Reis, Paraty, Mangaratiba, Freg. de Mambucaba: 3, 8, 13, 18, 23 e 28.

Campos de Goitacazes, Macahé, S. João da Barra, Maricá, Aldêa de S. Pedro, Cidade de Cabo Frio: 4, 9, 14, 19, 24 e 29.

Cantagallo, Nova Friburgo, Magé, Santo Antonio de Sá, S. João de Itaborahy, Freg. de S. Bernabé e Santa Anna: 3, 13 e 23.

Nitherohy: todos os dias.

EFEMERIDES E METEOROLOGIA.

☾ Mingoante a 8, ás 10 h., 38 m. e 41 seg. da manhã.
● Nova a 15, ás 11 h., 19 m. e 41 seg. da manhã.
☽ Crescente a 22, ás 2 h., 35 m. e 29 seg. da manhã.
○ Cheia a 30, ás 11 h., 25 m. e 47 seg. da manhã.

12 de março.

Thermometro Fah. 75°, 77°, 78°.
» Resum 19° 1/9, 20°, 20° 4/9.
Ventos. De manhã, N.-O.
De tarde, N.-E.
Tempo nublado, mar hum pouco agitado.

13 de março.

Nasc. do sol, 5 horas e 53 min.
Occ. do sol, 6 horas e 7 min.
Maré cheia, de M., 0 h. 33 m., de T., 0 h. 57 m.

CAMBIOS NO DIA 12 DE MARÇO.

As 3 horas da tarde.

Londres	30 1/4
Paris	
Hamburgo	588
Ouro em barras	
Dobrões hespanhóes	31$300 a 31$400
» da patria	31$300
Pesos Hespanhóes	1$850 a 1$860
» da Patria	1$840 a 1$850
Moedas de 6$400 velhas	15$700 a 15$800
» » novas	14$700 a 14$800
» de 4$000	8$000 a 8$100
Prata	91 1/2 a 92 1/2
Apolices de 6 por cento juro	79
» 5 »	nominal.
Acções da Comp. dos Paq. de vapor.	
» » Nitherohy	
» » dos Omnibus	
» » Monte Soccorro	
» » Banco	

RIO DE JANEIRO.

JORNAL DO COMMERCIO.

O VOTO DE GRAÇAS NA CAMARA FRANCEZA.

Os debates da camara dos deputados sobre o voto de graças apresentárão este anno em França o maior interesse, já pelas grandes questões que forão ventiladas, já pela famosa coalisão parlamentar recentemente organisada contra o gabinete do Sr. Molé, já emfim pelas consequencias que dahi tem de resultar para a politica da Europa e do paiz. Julgámos, pois, que os nossos leitores não verião sem interesse huma resenha geral sobre estas importantes discussões.

A maioria governamental, que desde 1830 tinha sustentado a politica do *justo meio*, dissolveu-se; o ministerio vio-se assaltado por huma liga de differentes partidos parlamentares, que até aqui vivêrão em hum estado permanente de divisão e hostilidade. Huma grande fracção dos doutrinarios, outra dos legitimistas, a opposição constitucional e a radical achárão-se nesta discussão debaixo de huma mesma bandeira; e o gabinete, apoiado unicamente nos *centros*, teve de arrostar esta formidavel coalisão, que reune quasi todas as capacidades da camara e da França. O fim da coalisação he momentaneo; os diversos grupos que o formão conservão cada hum os seus principios e talvez as suas reminiscencias de reciprocos rancores; mas, os aggravos contra a administração são communs, e o voto de graças formulava os pontos capitaes de accusação em que concordavão todos os membros da coalisão.

O Sr. Guizot, accusado de entrar nesta extraordinaria alliança com a opposição dos Srs. Odillon Barrot e Mauguin, respondeu: « Se se liga á palavra *coalisão* a idéa do menor abandono de nossos antecedentes e principios, nada ha ahi mais falso.... nada mais falso, e eu rechaço absolutamente tal transacção. Combato o ministerio com a opposição, mas, combatendo-o, conservo-me e serei sempre do justo meio. Se porém pelo termo *coalisão* quer-se dizer que ha nesta camara homens oppostos entre si, a muitos respeitos, porém convencidos todos de que a administração actual he funesta... (*rumor*) essencialmente funesta ao paiz e ao trono (*reclamações no centro*), então eu sou dessa opinião.

O Sr. Odillon Barrot, respondendo em outra sessão á mesma imputação, dizia: « Agradeço por mim ao honrado Sr. Guizot o haver elle declarado que suas opiniões erão perfeitamente livres, que não erão o resultado de transacção alguma. Inutil he dizer á camara que, de minha parte, não ha igualmente concessão alguma de opiniões e principios. Hum laço porém existe mais forte que os contractos de partido para os homens politicos, e vem a ser a simples idéa que nasce das circumstancias, e que lhe demostra pelos factos que se não póde ir adiante. Não deveis maravilhar-vos de que, debaixo da influencia desta opinião conscienciosa, vozes se reunão, opiniões se agglomerem, afim de obter huma mudança de systema. Para nega-lo, fôra mister riscar a historia do governo representativo, que nada mais he do que isto mesmo. *Coalisão* quer dizer que a situação he má, que convém ao paiz que seja mudada. Se, pelo contrario, entende-se que sacrificamos nossas opiniões e convicções, desde já reclamo contra semelhante mentira e calumnia. »

O projecto do voto de graças, dissemos nós, resumia os queixumes communs da nova cruzada parlamentar. Para o exterior reclamava huma politica *firme e prudente*, unica garantia da paz; o respeito da dignidade nacional, e a fidelidade ás allianças. Recommendava a politica *firme*, alludindo á questão de Ancona, pela qual a commissão da camara mostrava-se pesarosa com o conselho de *prudencia*; tinha em vistas censurar a questão suissa que veio *alterar* a velha amizade entre os dous paizes. Ao lado do respeito da dignidade punha seus votos pela independencia da Belgica; emfim, reclamando a fidelidade das allianças, lembrava o nome da Hespanha, e protestava em favor da alliança da Inglaterra contra a politica das côrtes do norte.

Pelo que toca á politica interior, o projecto de resposta á falla da corôa não era menos explicito. A revolução de julho, origem da dynastia, a *omnipotencia* do voto nacional, a união dos poderes contidos em seus respectivos limites; em huma palavra, a sinceridade da monarchia constitucional, forão ali mencionadas, como outras tantas exprobrações feitas ao ministerio do Sr. conde Molé. Como corollarios destas premissas, a commissão exprimia o pedido formal da conversão das rendas, leis destinadas a realisar as promessas da carta, lei sobre o estado maior do exercito, e emfim, huma administração *habil*, apoiada em sentimentos generosos, e que cobrisse o trono com a sua propria responsabilidade.

Foi sobre este voto que se abrio huma das discussões mais tempestuosas de quantas tem tido lugar depois da revolução; cada grupo da coalisão enviava successivamente seus oradores á tribuna, entretanto que o presidente do conselho defendia-se quasi só. O Sr. Liadières, hum dos poucos oradores ministeriaes, foi o primeiro que rompeu o fogo contra o voto da commissão, procurando lançar o odioso sobre os doutrinarios, que se havião coalisado com a opposição, e para isso principiou por citar as seguintes palavras do Sr. Guizot, pronunciadas ha dous annos, no fim de demonstrar o quão perigosas são para o paiz as variações dos homens politicos:

« Vimos os acontecimentos fazer variar incessantemente as opiniões, as instituições, a conducta e a linguagem. O publico, em presença deste espectaculo, contrahio, ora huma grande indifferença, ora grande desconfiança de semelhante variação dos homens politicos, o que he hum mal incalculavel, porque enfraquece a fé moral do paiz. »

Quanto ao mais, o Sr. Liadières taxou a opposição de ambiciosa, de não ter outro intuito senão o de derrubar o ministerio, e succeder-lhe, ao que o Sr. Guizot respondeu: « A situação em que me vejo hoje nada tem de novo para mim; he aquella mesma em que já me achei com meus amigos politicos, dentro e fóra desta camara, durante muitos annos, no tempo da restauração. Estivemos longo prazo separados da opposição, e hum dia nos dirigimos para ella; obrámos e fallamos de concerto com ella. Pensaveis que não havião então dissidencias entre nós? Não, senhores; mas queriamos todos duas cousas, duas cousas vitaes, dominantes: o triumpho dos interesses novos creados em França por nossa revolução, e a realidade do governo representativo. Obravamos e fallavamos de concerto nesta grande causa, subordinando, sacrificando nossos desentimentos a esses interesses superiores, como homens sinceros e sensatos. Fomos bem succedidos em commum; chegámos a fazer huma revolução. Sim, senhores, não digo isto para captar a approvação de qualquer lado desta camara; digo do fundo do coração, que conseguimos salvar, com o preço de huma revolução, a honra e os direitos da França (*muito bem*).

« Senhores! A revolução de julho impôz-nos muitas fadigas, muitos desastres, muitos perigos; mas, eu julgar-me-ia ingrato para com a Providencia, julgar-me-ia deshonrado, se algum dia mudasse a este respeito de sentimentos e de linguagem. Quaesquer que sejão os perigos que nos tenha custado a revolução, os seus bens forão maiores ainda; deu-nos a salvação no presente, e a gloria no porvir. Póde-se atacar a politica seguida desde 1830; póde-se assacar-lhe muitas faltas. Cumpre, porém, confessar que teve hum só fim fundamental, que foi salvar o governo de julho, e este huma vez fundado, salva-lo contra seus inimigos pelas forças unicas do systema representativo. Este fim foi conseguido; a luta terminou-se; os grandes perigos passárão; hum progresso manifestou-se naturalmente. Duas grandes opiniões desenhavão-se, ou, para fallar a linguagem parlamentar, dous grandes partidos formavão-se; hum applicado sobre tudo a defender, a fundar o poder publico; outro applicado a proteger, a estender a esphera das liberdades nacionaes.

« Mas, senhores, a existencia destes dous partidos constitue o estado regular, o estado salutar do governo representativo; elle tem precisamente por fim o dar aberta a ambas estas opiniões; a opinião governamental e a opinião critica, de classifica-las regularmente, com franqueza, afim de que mutuamente se auxiliem e esclareção em huma luta honrosa. Eis-aqui o resultado para o qual tendiamos; eis o resultado que começava a deixar entrever-se, não só nesta camara, senhores, mas no paiz; eis o progresso almejado por todos ao sahirmos da grande luta.

« Pois bem! Em vez de fazer-nos progredir nesta senda, o que fez o gabinete? Lançou-nos na incerteza, na confusão, na obscuridade; vimos apparecer huma politica sem systema racional, sem principios fixos; mendigando por toda a parte medidas e allianças. Sabeis como isto se chama, senhores? chama se anarchia. (*Murmurios no centro. Longa agitação*).

« Tem-se dito que Napoleão só destronisára a anarchia. O gabinete actual só governa pela anarchia; anarchia nas camaras, anarchia nas eleições, anarchia na administração. A anarchia entrou comvosco para esta camara, e não sahirá della senão comvosco. Não tendes direito de queixar-vos; vós mesmos a gerastes e a destes á luz. (*Agitação*). Havia nesta camara hum partido governamental; hoje está dividido; huns vos abandonárão; outros seguem-vos ainda. Vejamos o que fizestes delles.

« Não reproduzirei nesta tribuna as accusações de servilismo, de corrupção, que retinem por toda parte. Bem sei que ellas costumão ser dirigidas a todos os partidos que sobem ao poder, supposto que nem sempre sejão justas e verdadeiras. Mas, quando erão dirigidas outr'ora ao partido ministerial, este podia replicar com argumentos peremptorios, gloriosos. Tinha restabelecido a ordem; vingado alguns principios sociaes; via a sociedade firmar-se e realçar por seus esforços. Hoje, porém, póde acaso ter os mesmos sentimentos? Póde allegar as mesmas razões? Os ministeriaes vêm o governo, que defendem, debilitar-se, rebaixar-se, perecer entre suas mãos; elles mesmos estão compromettidos, entregues sem defeza, sem gloria, sem successo, a seus adversarios. Em outro tempo tinhão esperanças de victoria; hoje tudo o que esperão he retardar, adoçar a derrota do poder que sustentão. E he este o justo preço do desinteresse e coragem que exigis? Não, senhores ministros, tendes compromettido e estragado com vãs tentativas a força e a virtude do partido governamental que vos segue ainda. (*Muito bem*). »

O Sr. Guizot insistio muito no resto do seu discurso, sobre a idéa que a politica retrograda e illiberal do conde Molé abria caminho á anarchia e ás reacções.

« Creio, disse o conde Molé, com o honrado orador nos males que deplora; mas, deplore hum de mais, que he vêr hum homem tão eminente, que tantos serviços fez ao paiz, vir pronunciar nesta tribuna as recriminações a que elle mesmo não póde escapar. Não ha peior corrupção, diz Cicero, do que a dos espiritos. Como quereis que os espiritos não caião na duvida, vendo os homens mais notaveis confundir suas bandeiras com as bandeiras oppostas, e favonear opiniões que por longo tempo combattêrão? »

Antes de entrar na discussão dos paragraphos, o ministerio, durante tres sessões, continuou a ser violentamente atacado, relativamente aos seus meios geraes de governo.

« A politica actual he funesta, disse o Sr. Duvergier de Hauranne, não só para nossas instituições, que ella vicia no coração, mas ainda para a moral publica, que perverte. Qual he a consequencia deste deploravel systema? He que cada cobiça satisfeita gera logo dez cobiças esfaimadas e impacientes, he que em torno do poder fórma-se huma tribu malfazeja, que engrossa-se de dia em dia de homens mais ou menos habeis, mas que só vêm na politica huma mina a explorar. No ponto a que chegárão as cousas, estou persuadido de que o partido mais honesto he tambem o mais util, e que o gabinete que tiver a coragem de romper esses laços indignos, trabalhará tanto para o progresso da moral publica, como para a honra do paiz. »

O orador procura, em balde, huma maioria que apoie o ministerio. Os velhos partidos achão-se dispersos e destruidos. O conde Molé quereria que elles cahissem em dissolução, sem que, todavia, de suas ruinas sahissem partidos novos e hostis; situação esta que seria segura, mas não gloriosa para o ministerio.

Este trecho do discurso do Sr. Duvergier de Hauranne que, em verdade, era pouco parlamentar, provocou huma violenta agitação nos bancos ministeriaes, e o presidente do conselho intitulou-o em alta voz hum *mauvais pamphlet*.

« O Sr. Barthe, ministro da justiça, levado pelo fogo da discussão e pelo despeito das resistencias, chegou a taxar o voto de graças de faccioso e injurioso para a corôa, ao que o Sr. Guizot respondeu, analysando-o paragrapho por paragrapho, e depois de o haver defendido desta imputação, concluio dizendo: « Nada ha ahi menos revolucionario do que este pensamento, nada ha menos faccioso do que invocar huma administração assás habil, assás grande para servir á corôa de verdadeiro baluarte, e cobri-la inteiramente com a sua responsabilidade. São os amigos sinceros da realeza que querem que ella seja por este modo defendida, e tudo recaia sobre a administração. Eis a verdadeira doutrina realista. Sei que ella não corresponde a certos preconceitos, que ainda dominão os espiritos; sei que o direito arbitrario, absoluto, existe ainda em alguns espiritos (*viva agitação*). Quando houvermos vivido cem annos sob o regimen representativo, nenhuma destas discussões se ventilará na tribuna. O voto de graças não he nem revolucionario nem faccioso; he sim dictado, eu o repito, pelos sentimentos os mais constitucionaes, e se tivesse a honra de ser o seu autor, julgaria com isso haver servido á corôa e a meu paiz. »

O Sr. de Lamartine, que em todas as phases da sua vida parlamentar tem o costume de tomar a defeza e o partido dos mais fracos, foi de todos os oradores ministeriaes aquelle que maior effeito produzio nos debates preliminares do voto de graças.

« A camara, disse elle, não espera de mim que me constitua o defensor e o panegyrista de gabinete algum. Não vejo os homens, e porém sim huma crise sem desenlace e sem sahida. Não he o gabinete, mas huma situação do paiz que venho defender. Defendê-la em todos os pontos? Não, sem duvida. Não serei eu quem glorifique a corrupção, esse meio infame de governo, verdadeiro veneno, verdadeiro opio injectado nas veias do corpo social, que aggrava o mal, parecendo allivia-lo. Não serei eu quem justifique a questão suissa, mas nem tão pouco responderei aos ultrajes da Suissa por caricias de opposição. A mim não cabe igualmente fallar da evacuação de Ancona. Vivi quinze annos no meio do patriotismo italiano, e bem que reconheça a posição forçada dos ministros, não posso deixar de affligir-me de ver a bandeira franceza dobrada sobre a derradeira polegada do solo italiano que nos restava. Srs., considero as cousas em geral: no meio da anarchia parlamentar, em que esta camara apresenta-se desde quatro dias, assevero-vos que não votarei huma só palavra da vossa mensagem, afim de não causar huma ruina de mais entre tantas ruinas. O ministerio está talvez abaixo das necessidades do paiz, mas não tanto quanto o dizeis, e para cobrir a França com a sua responsabilidade diante da Europa, tem peitos tão dignos como os que lhe offereceis.

« A politica do ministerio resume-se em tres ac-

FOLHETIM.

RELIGIÃO, AMOR E PATRIA.

ROMANCE HISTORICO.

Eugenio, sustido por dous monges, e avançando para o altar com hum passo tremulo e mal seguro, parecia huma victima da antiguidade, levada para o terrivel sacrificio, em honra dos deoses, ou hum criminoso que marcha para o cadafalso.

Apenas chegou ao lugar, aonde de joelhos devia professar, o movimento que fez para curvar se pareceu mais instinctivo, e talvez forçado, do que natural e de motu proprio.

O povo, que no templo reunido se achava, notou este movimento, e deu logo indicios de tambem soffrer. Todos nós, por effeito, sem duvida, dessa secreta sympathia que inspira sempre a desdita, todos nós facilmente percebemos o que de extraordinario se passa na alma de algum infeliz... todos nós partilhamos suas dôres, e quereriamos faze-las desapparecer.

Os religiosos cantavão em côro alguns psalmos em honra do creador; e Eugenio, com os olhos em terra, postas as mãos e o peito fortemente comprimido entre seus braços, mais inanimado parecia do que as estatuas de marmore que adornão o templo. Solemne immobilidade! Terrivel e enganador socego do vulcão, que breve despejará lavas de fogo!

Chegou o instante fatal. O sacerdote approxima-se de Eugenio, trazendo todas as insignias que, apenas o revestirem, não lhe permittirão dizer mais, tenho hum coração e huma vontade. Seguem-se as supplicas e as rezas do costume, a que todos attendeu com essa calma precursora de algum acontecimento extraordinario, com o vago presentimento de alguma cousa que deva acontecer. O orgão resonou então com vozes dolorosas e sentimentaes. O orgão chamou a religião aos peitos de todos, infundio-lhes n'alma o respeito e a melancolia.

(*) Vide Jornal do Commercio de 12 de março.

—Mancebo, diz-lhe o sacerdote, com voz forte e sonora, queres ser tão pobre como aquelle, que não teve se quer hum pequeno canto, onde pousar a cabeça? Queres ser tão obediente como aquelle, que com tanta resignação obedeceu, que com a cruz foi infamado? Queres ser tão casto como aquella, que concebeu sem peccado?

Esta pergunta foi tres vezes repetida.

O noviço levantou-se então, fazendo hum ultimo esforço, e orgulhosamente olhou para todos os lados do templo, como para desafiar o mundo a olha-lo, como para mostrar-lhe que elle contente lhe preferia Deos.

Mas, de repente seus olhos escurecêrão-se, seus joelhos tremêrão, seu espirito perdeu-se, e pallido, no accesso do delirio, deixou escapar de seu peito, que com força battia, hum sonoro e terrivel — não — ás perguntas do sacerdote...

E cahio sem sentidos...

Terião seus olhos encontrado alguem?

IV.

Ao occidente da cidade de Coimbra, e á margem esquerda do Mondego, existem perdidas e espalhadas humas velhas e grandiosas ruinas que restão do famoso convento de Santa Clara. Perto dellas está a *quinta das Lagrimas*, celebre pela morte que ahi derão os perversos conselheiros de Affonso IV á infeliz Ignez de Castro. Que homens serião esses, a quem as supplicas da mais formosa senhora, as vozes de huma mãi que pede por seus filhos, os gritos de huma esposa ausente daquelle que a devia proteger, não podêrão desarmar o braço que sostinha o terrivel punhal com que lhe atravessárão o mimoso peito?

Nessa quinta, Pedro, o justiceiro, passava seus instantes de amargura e de saudade, lembrando-se, no meio do esplendor da purpura, da morte cruel de sua amante. D'ali foi elle a Alcobaça com seus nobres e povo, para render ao cadaver já carcomido de Ignez as honras devidas á rainha de Portugal. D'ali foi elle ver arrancar os corações dos assassinos de sua esposa, e trinca-los com seus proprios dentes! — Vingança terrivel, digna porém da grandeza de taes amores!

Que idéas grandes que revela essa quinta!... O acontecimento mais triste e romantico da historia dos nossos antepassados succedeu naquelle lugar. A historia proclamou a sua veracidade, e o cantor dos Lusiadas, o infeliz Luiz de Camões, deu-lhe a gloria e a immortalidade!...

Perto de hum circulo de cedros, tão antigos como a monarchia portugueza, e que existem ao lado da *quinta das Lagrimas*, se dessa, como hum manto de sul, a affamada *fonte dos amores*. Em hum marmore ali collocado pelo general inglez Trant, lê-se os seguintes versos dos Lusiadas:

« As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo, chorando, memorárão;
E por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformárão.
O nome lhe pozérão, que ainda dura
Dos amores de Ignez, que ali passárão,
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são agua, e o nome amores. »

Nessa fonte nasceu huma especie de musgo encarnado, que floresce e medra, humedecido pelas suas aguas, que sobre elle murmurando se precipitão; huma antiga tradição, que ainda hoje dura, conta que he o sangue da bella Ignez de Castro, que, salpicando aquelle lugar, envermelheceu o musgo, e lhe deu eternamente sua côr. . . . .

Por ahi passeiava Eugenio, huma tarde, depois da sua sahida do mosteiro de Santa Cruz. E, em vez de alegrar-se, por ver de novo aquelles lugares tão agradaveis, que, por espaço de hum anno que durou o seu noviciado, forão prohibidos a seus olhos; em vez de respirar, livre e contente, a aura da liberdade, seu semblante indicava huma dôr profunda . . . .

Elle estava só. Seu pai, desesperado pela sua repugnancia em pertencer ao mosteiro, o havia lançado para fóra de sua casa, e, o que mais sente hum homem de bem, o tinha amaldiçoado!

Elle se encaminhou para a fonte dos amores, ali sentou-se e deu liberdade a seus pensamentos.

Então, como hum destes genios das florestas, como hum anjo escapado do paraizo e perdido na terra, veio para elle approximando huma donzella, linda e formosa como hum sonho de poeta, como huma inspiração de artista.

— Anjo do céo, clamou-lhe Eugenio, levantando-se precipitadamente e indo a seu encontro. Só tu . . . oh! só tu liveste piedade do desgraçado! . . . Só tu vieste trazer balsamo á sua dôr, alivio a seu soffrimento! . . . Eu te agradeço! . . . Desamparado por todos, por todos renegado, eu não vivo senão por ti, eu não vejo senão a ti no mundo . . . Meu horizonte além não vai . . .

E ella o escutava com amor . . .

— Só tu te lembraste de mim, continuou elle, e hum pai barbaro amaldiçoou-me! Pois bem! . . . Se queres viver, eu viverei, se queres morrer, eu morrerei, porque meu corpo não he mais que o sombrero de teu, minha vida o reflexo da tua! . . . Palacio, choupana, tumulo, que me importa! . . Tudo na terra será para mim céo e paraizo, se consentes que tua vóz resôe sempre perto da minha, que meus olhos se percão sempre na presença dos teus! . . .

Os dous amantes procurárão, então, nos braços hum de outro, mitigar-se mutuamente as dôres. Seus pais os quizerão separar, mas, essa mesma dura vontade havia ainda mais estreitado os laços que ja os prendião, havia dado novas forças á sua paixão, coragem e resignação ao amor que ambos nutrião. Hum parente de Isabel, que desesperadamente a amava, e que em troca de carinhos recebia desprezos, havia muito cooperado para marcar huma linha de ferro entre o amor della e o de Eugenio. Elle pretendia que nenhuma união era entre elles possivel, porque Eugenio, desmentindo todas as esperanças de sua familia, desobedecendo ás ordens paternas, havia recusado professar, e o mundo dava como causa deste acontecimento a paixão que o ex-noviço de Santa Cruz consagrava a Isabel; e o escandalo do acto da profissão constituia huma nodoa indelevel, de que nunca conseguiria lavar-se toda a sua familia. Além disso, o estado presente de Eugenio, longe de seus parentes, que o não querião vêr, entregue a si e á sua inexperiencia de joven, amaldiçoado por seu pai, sem bens, sem fortuna, tudo era motivo ponderoso para reforçar sua opinião. E os pais de Isabel, que tinhão por dogmas do Evangelho as palavras desse homem, e com quem a pretendião unir, adoptárão os meios, por elle lembrados, para obstar a progressão do seu amor.

Que importa! A paixão era mais forte que o dever. Isabel desattendeu as palavras de seu pai, e deixou-se guiar por essa embriaguez dos sentidos e d'alma, que chamão—amor;—embriaguez profunda, em que, a hum tempo e de huma vez, mergulhão e perdem-se todas as reminiscencias, dôres, desejos e razão. Elle tudo daria por ella, sangue, vida, honra, eternidade. Ella tudo por elle esqueceu, pai, parentes, mundo . . . não viu senão hum objecto, elle; não pensou senão em hum ente, sempre elle.

Que importava a elles, quando se entregavão á livre expansão de seu amor, que nuvens cobrissem o horizonte, negras e furiosas, como phantasmas perseguidos pela colera divina, alegres e tranquillas, como os navios que mansamente seguem o seu rumo? Nem essas mesmas bellezas da terra valião cousa alguma para elles, a não reflectirem a imagem de hum e de outro, o esboço de seus amores.

F. B.

(*Continuar-se-ha.*)

Anno XIV. Quinta feira 14 de março de 1839. N.° 61.

JORNAL DO COMMERCIO.

Rio de Janeiro. Impresso no prélo mechanico da typographia imperial e constitucional de J. Villeneuve e Comp.

ADVERTENCIA.

O JORNAL DO COMMERCIO se publica diariamente; o preço da assignatura he de 16$000 Rs. por anno; folha avulsa 160 Rs.

Os annuncios e avisos publicão-se no *Jornal do Commercio*, a razão de 80 Rs. por cada linha.

Todas as correspondencias, artigos communicados e reclamações, vindos das provincias, devem ser dirigidos aos editores, em cartas *francas* de porte.

O *Jornal do Commercio* publica todos os sabbados huma revista commercial, os preços correntes dos generos de importação e exportação, o resumo das fazendas importadas e exportadas, a lista das embarcações estrangeiras surtas no porto, etc.

PARTIDAS DOS CORREIOS.

Ouro Preto, S. João d'El-Rei, Valença, Vassouras, Parahyba, Iguassú, Freg. do Paty do Alferes: 2, 7, 12, 17, 22 e 27.

S. Paulo, Itaguahy, S. João do Principe, Rezende, Baependy, Campanha, Pouso Alegre, Freg. do Pouso Alto, Pirahy, Arrozal, Angra dos Reis, Paraty, Mangaratiba, Freg. de Mambucaba: 3, 8, 13, 18, 23 e 28.

Campos de Goitacazes, Macahé, S. João da Barra, Maricá, Aldêa de S. Pedro, Cidade de Cabo Frio: 4, 9, 14, 19, 24 e 29.

Cantagallo, Nova Friburgo, Magé, Santo Antonio de Sá, S. João de Itaborahy, Freg. de S. Bernabé e Santa Anna: 3, 13 e 23.

Nitheroy: todos os dias.

EFEMERIDES E METEOROLOGIA.

☾ Mingoante a 8, ás 10 h., 38 m. e 41 seg. da manhã.
● Nova a 15, ás 11 h., 19 m. e 41 seg. da manhã.
☽ Crescente a 22, ás 2 h., 35 m. e 29 seg. da manhã.
○ Cheia a 30, ás 11 h., 25 m. e 47 seg. da manhã.

13 de março.

Thermometro Fah. 74°, 75°, 75°.
» Resum 18° 6/9, 19° 1/9, 19° 1/9.
Ventos. De manhã, bonança.
De tarde, Sul fraco.
Tempo chuvoso, mar menos agitado.

14 de março.

Nasc. do sol, 5 horas e 53 min.
Occ. do sol, 6 horas e 7 min.
Mar cheia, de M., 1 h. 21 m., de T., 1 h. 45 m.

CAMBIOS NO DIA 13 DE MARÇO.

Ás 3 horas da tarde.

Londres	30 1/4 a 30
Paris	
Hamburgo	588
Ouro em barras	
Dobrões hespanhóes	31$300 a 31$400
» da patria	31$300
Pesos Hespanhóes	1$850 a 1$860
» da Patria	1$840 a 1$850
Moedas de 6$400 velhas	15$700 a 15$800
» » novas	14$700 a 14$800
» de 4$000	8$000 a 8$100
Prata	91 1/2 a 92 1/2
Apolices de 6 por cento juro	79
» 5 »	nominal.
Acções da Comp. dos Paq. de vapor.	
» » Nitheroy	
» » dos Omnibus	
» » Monte Soccorro	
» » Banco	

EXTERIOR.

CORSEGA.

TRIBUNAL DOS JURADOS.

Vendetta.— Os Antomarchi e os Negroni. — Serie de assassinatos.

Huma moça da villa de Ampriani tinha attrahido os olhos e cativado o coração de José Antomarchi, de sobrenome Gallochio. Este a roubou e, durante algum tempo, viveu com ella em casa. Cesario Negroni, amigo dos pais da moça, e talvez rival secreto de Gallochio, conseguio arranca-la do poder do seu roubador, e reconduzi-la á casa paterna. Dahi originou-se huma inimizade que devia ter as mais funestas consequencias. Ferido em seu amor e orgulho, Gallochio não pensou mais, desde então, senão em projectos da vingança. No decurso do anno de 1821, Negroni, tendo ido hum dia á aldêa de Casavecchia, morreu assassinado pela mão de seu inimigo. Gallochio tornou-se salteador; assignalou-se por outros crimes, de sorte que não fallava-se mais no seu nome, senão com huma especie de horror.

Os factos, que acabamos de referir, remontão a essa época já remota, em que a revolta dos Gregos contra as Turcos absorvia a attenção da Europa. A imprensa politica e litteraria só tratava da causa dos Hellenas, pela qual morrêra lord Byron. Galliochio deixou a Corsega; desembarcou na Grecia; e o salteador, transformado em official de fortuna, distinguio-se no assedio de Missolonghi; e seu nome não era mais pronunciado em Corsega, senão nos epicedios populares, compostos pelos parentes e amigos das victimas.

Cesario Negroni tinha deixado quadro irmãos. Hum delles, Julio, de sobrenome Peverone, querendo casar-se com huma mulher de Orezza, sollicitou o consentimento de sua mãi.

— Qual casamento! exclamou a mãi irritada; pensa antes, pensa primeiro que tudo, em vingar a morte de teu irmão, porque he isso mais honroso.

Na noite de quinta feira santa, do anno de 1833, Carlos Philippe Antomarchi, irmão de Gallochio, sahia da igreja de Ampriani, onde affluira a enchente dos fieis neste dia de tristeza e de devoção. Havia elle atravessado a praça publica, e tocava já o lumiar de sua casa, quando, de subito, a explosão de huma arma de fogo, partida de detraz de hum muro, se fez ouvir. Huma bala acabava de ferir mortalmente o infeliz Antomarchi.

Não deixou-se de accusar Julio Negroni desta morte, por huma lembrança das palavras de sua mãi. Huma prima do ferido declarou que, logo depois do crime, vira Julio e Paulo Antonio Negroni fugirem para o campo. Outro parente assegurou que a victima, no leito da morte, designára a Peverone como seu assassino. Instaurou-se o processo de Julio e Paulo Antonio Negroni.

Gallochio achava-se em Corfou; ahi he informado da fatal nova; parte immediatamente; chega a Leorne; embarca-se disfarçado; passa o mar; e, depois de huma viagem tempestuosa, desembarca nas praias do Corsega, d'onde julgava-se para sempre desterrado. Hum habitante de Ampriani vio-o na planicie de Alerza.

Eu o reconheci, disse elle, bem que estivesse coberto com hum capote de veludo e hum capucho escuro, e que sua barba fosse acinzentada.

Dous dias havião apenas decorrido, depois do apparecimento do salteador, quando hum cadaver jazia estendido na estrada publica de Antifani: era Pepino, o mais moço dos irmãos de Negroni, de idade de 17 annos; seu corpo estava ferido de duas balas. Gallochio assignalava por este modo a sua volta.

Desde esse momento houve, entre Galliochio e Peverone, que tambem se fizéra salteador, huma luta encarniçada, huma emulação de rancor ardente e de vingança implacavel, hum systema de represalias sanguinolentas, que abrangia os amigos, os parentes dos dous adversarios. Desgraçado daquelle que lhes desse asylo e protecção.

Paulo Antonio Negroni tinha sido preso, e devia ser julgado pelo jury do mez de abril de 1834. Gallochio escreveu huma carta ao conselheiro Capelle, presidente, em que intimava com ameaças á justiça a ordem do condemnar o accusado. Mas, os indicios de complicidade, que contra elle militavão, erão demasiadamente vagos para motivar á sua condemnação. Paulo Antonio Negroni foi absolvido pelo jury. Pouco tempo depois, victima de huma horrivel trahição, elle cahio aos golpes de hum sicario de Gallochio. O furor de Peverone augmentou-se, e seu resentimento não conheceu mais limites.

João André Giaccobini, alcaide da justiça de paz de Moita, e parente de Gallochio, havia, por occasião do assassinato de Carlos Philippe Antomarchi, apresentado contra os Negroni hum memorial ao promotor publico de Corte. Aos 18 de agosto de 1834, na estrada de Zuani a Zalana, Giaccobini foi ferido de hum tiro de espingarda. Algumas pessoas corrêrão aos seus gritos e o levárão a hum quarto. Quem era o autor deste novo assassinato? O alcaide, antes de exhalar o ultimo suspiro, e depois de ter recebido a visita do padre, declarou que era Peverone, a quem reconhecêra, posto em emboscada por traz de hum loureiro selvagem, na bórda de huma *macchia* (pequeno bosque).

Sebastião Miguel di Noceta, cunhado de hum primo irmão de Gallochio, passava no paiz por hum dos mais fieis agentes do assassino. Servia-lhe de guarda avançada em suas emprezas, ajudando-o a evitar os encontros da força armada e as emboscadas de seus inimigos. A familia Negroni o suspeitava de ter participado no assassinato de Pepino, indicando a Gallochio o lugar em que poderia achar a sua victima. Micheli foi morto na manhã do 1° de dezembro de 1834, quando ia só por hum atalho estreito á sua roça. Tres balas o ferirão; elle expirou no mesmo instante, sem proferir huma só palavra. A voz publica accusou Julio Negroni Peverone deste crime.

Igual destino estava reservado a Francisco Antonio Battaglini, primo de Gallochio. Hum tiro, sahido de huma espessa *macchia*, deu-lhe a morte, no momento em que colhia uvas no seu jardim. Battaglini havia varias vezes recebido Gallochio em sua casa, fornecia-lhe viveres e acompanhava-o em suas expedições. Peverone foi ainda assignalado como o assassino.

Gallochio, por outro lado, proseguia no curso das suas mortes. Tinha assassinado na familia dos Negroni tres irmãos, hum tio e outros parentes em grão menos proximo. Acabou elle mesmo por ser assassinado: surprendido em quanto dormia, recebeu a morte, que tantas vezes tinha dado. Desde esse momento, Peverone cessou suas hostilidades e mortes, e só procurou escapar ás buscas da policia. Em 5 de julho de 1838, a brigada de Piedicorte soube, que Peverone se tinha refugiado no convento de Zuani; o convento foi cercado. No dia seguinte, o sargento e seus soldados penetrárão no interior; Peverone, ao vê-los em hum corredor escuro, quiz franquear-se passagem com seu stylete na mão; mas foi preso e amarrado.

Julio Negroni, mais conhecido sob o nome de Peverone, compareceu pois diante o tribunal dos jurados. Quatro accusações capitaes lhe erão dirigidas.

O publico afflue ao recinto.

O accusado tem quarenta e seis annos, cabellos louros, estatura mediana, os traços physionomicos nada tem de notavel; todavia, huma grande sagacidade se vislumbra na expressão dos seus olhos. Mostra-se, além disso, tranquillo, indifferente, e como que estranho a este drama judiciario, cujo desenlace lhe poderia ser tão fatal.

Os debates, que durárão tres dias, revelárão os factos taes como acabamos de traçar.

M. Bertora, advogado general, sustenta a accusação por hum modo brilhante e animado.

MM. Caraffa e Antonetti discutirão e combattêrão principalmente a accusação do assassinato commettido sobre a pessoa de Charles Philippe Antomarchi.

O jury affastou esta primeira accusação, e respondeu affirmativamente sobre os outros tres pontos, declarando, todavia, que existia em favor do accusado circumstancias attenuantes.

Julio Negroni foi condemnado a galés perpetuas.

O Sr. presidente, que tinha dirigido e resumido os trabalhos com muita ordem, exactidão, imparcialidade e talento, exhortou o condemnado á resignação.

« Se os Srs. jurados, disse aquelle magistrado, julgárão dever admittir em vosso favor circumstancias attenuantes, he, sem duvida, por que tomárão em consideração a posição extraordinaria em que vos achastes e as desgraças que affligirão vossa familia. O jury quiz conciliar as exigencias severas da justiça com as generosas inspirações da humanidade. »

As palavras do presidente produzirão sobre o accusado e o auditorio huma profunda sensação.

Negroni recorreu ao poder moderador.

(*Gazeta dos Tribunaes*)

RIO DE JANEIRO.

JORNAL DO COMMERCIO.

O VOTO DE GRAÇAS NA CAMARA FRANCEZA.

(*Continuação do n. antecedente.*)

De todas as questões que suscitou o voto de graças, aquella que mais embaraçou o ministerio foi a do Luxemburgo e do Limburgo, não só pela impopularidade da sua politica nesta parte, como pela sua impotencia de dar huma solução ás difficuldades gravissimas que ella traz comsigo. A *coalisão* parlamentar, supposto que condemnasse unanimemente as vistas do conde Molé, todavia, nem todos os grupos que a compoem offerecião huma maneira identica de sahir desta extraordinaria conjunctura.

Para o partido do Sr. Odillon Barrot e Mauguin, para o partido da guerra e da propaganda, a questão era simples, e estava por si mesmo resolvida: a França, apoiando as resistencias belgas contra a execução do tratado dos vinte quatro artigos, correria açodadamente aos campos de batalha que lhe abriria o norte; esmagaria a Austria com o peso da Italia revoltada; resuscitaria o cadaver da Polonia; lançaria a joven Allemanha contra Berlim e Vienna, e toda a Europa liberal contra o colosso russiano.

A opinião, porém, da fracção que o Sr. Thiers representa accusava simplesmento o conde Molé por não haver insistido no adiamento da questão, na conservação do *statu quo*, como meio de evitar a guerra, e ao mesmo tempo não abandonar as duas provincias. As razões apresentadas pelo Sr. Mauguin para legitimar a reluctancia da Belgica, a respeito da execução dos vinte quatro artigos, tinha produzido na camara hum effeito desfavoravel ao gabinete; o Sr. conde Molé subio logo á tribuna e disse:

« Senhores, insinuou-se que o tratado dos vinte quatro artigos, feito ha sete ou oito annos, não era obrigatorio para a Belgica, que havia sido apresentado á Hollanda e á Belgica conjunctamente, e que, por consequencia, huma não o tendo aceitado, a outra estava desempenhada. Eis a objecção, eis o terreno que escolhe o orador que desce da tribuna. Elle disse que os vinte quatro artigos não prendião hoje a Belgica, porque a Hollanda recalcitrára em aceita-lo durante sete annos. Sabeis qual era o fim geral do tratado dos vinte quatro artigos? Era a manutenção da paz, huma transacção, por meio da qual a Europa foi preservada de huma conflagração geral que podia ser a consequencia da revolução belga. O que fez a conferencia de Londres? Apresentou o tratado á assignatura da Hollanda e da Belgica. Verdade he que a Hollanda recusou assignar. A Belgica sentio de quanta importancia era para si o fixar sua existencia e fazer-se reconhecer por todas as potencias. Assim, em 14 de novembro de 1831, os proprios plenipotenciarios belgas em Londres pedirão espontaneamente á conferencia que convertesse este tratado, que deveria empenhar a hum tempo a Hollanda e a Belgica, em hum tratado separado entre a Belgica e as outras potencias. Eis o principio da questão. O que succedeu? A Hollanda invadio, foi rechaçada. A Belgica reclamou a execução dos vinte quatro artigos; então teve lugar a convenção provisoria de maio de 1833, convenção que estabelecia o *statu quo*, isto he, que cada huma das potencias devia ficar no estado em que se achava. O fim, os esforços das cinco potencias erão fazer assignar os vinte quatro artigos, para manter a paz. Elles creavão assim huma situação onerosa á Hollanda, afim de que esta se interessasse em pôr-lhe hum termo. Não olvidemos, senhores, que ha só duas politicas: os tratados, a observancia da fé jurada, e a lei do mais forte. A preferencia dada á primeira destas politicas foi a causa da paz de que gozamos. Todas as vezes que os orgãos do governo belga tiverão occasião de explicar-se publicamente sobre os vinte quatro artigos, sempre os considerárão como a base de seu direito publico. »

O Sr. Thiers, respondendo ao presidente do conselho, entrou em desenvolvimentos historicos sobre a questão belga; lembrou que immediatamente, depois da revolução de julho, toda a difficuldade versou precisamente sobre a provincia de Luxemburgo, provincia que tinha sido belga em todas as épocas, e que exigia a conservação de suas instituições e nacionalidade. « Não se trata, acrescentou o orador, de pretenções ambiciosas de hum soberano, porém, sim de hum sentimento profundamente honesto e legitimo, de hum sentimento que compelle huma nação inteira a reclamar em favor da communidade de costumes, de religião, de nacionalidade, que sempre lhe pertencêrão desde seculos. (*Applausos.*) Pois bem! Senhores, eu quizéra que o gabinete apreciasse esta situação, e fosse consequente com ella. A grande difficuldade era a provincia do Luxemburgo. O Luxemburgo era belga como o resto do paiz; revoltou-se no mesmo dia, sem ser preciso que fosse excitado pelos acontecimentos de Bruxellas; elle teve a iniciativa no movimento nacional; e sua inimizade contra a Hollanda rompeu no mesmo instante em toda a Belgica. A conferencia, que cuidava servir muito á Belgica, reconhecendo-lhe a independencia, tinha por suas primeiras decisões dado o Luxemburgo á confederação germanica. Bem; nesta época, quando a Belgica não tinha ainda forças, o congresso protestou contra a decisão da conferencia; e as cinco potencias, que podião facilmente forçar á obediencia esta fraca população, respeitárão, todavia, os seus sentimentos.

« Quando o rei Leopoldo foi sollicitado para tomar a corôa, disse que a não poderia aceitar, se não fosse proclamada a independencia da Belgica, e se o Luxemburgo não fosse reunido a seu territorio. O tratado dos 18 artigos reservou, pois, a questão do Luxemburgo; e o rei de Hollanda, vendo que o negocio era serio, vendo hum rei nomeado, fez huma tentativa, não de rei desleal, este termo não applica-se aos soberanos, mas, desesperada; e sem Casimir Perier, talvez se effectuasse a restauração: o exercito francez chegou a tempo para impedi-la. Então sobreveio o tratado dos 24 artigos; a Belgica disse a si mesma: separar-me-hei de huma provincia belga, farei hum

FOLHETIM.

RELIGIÃO, AMOR E PATRIA.

ROMANCE HISTORICO.

—Se não fôra o fogo que por ti me abraza, dizia lhe elle, apertando-a em seus braços, de certo que a vida me seria de pezo insupportavel... de certo que o suicidio della me livraria!..

E na sua exaltação amorosa, e em despeito das paixões diversas que germinárão em sua alma, viver com ella incognito, no seio das florestas e penedos, seria o apogeo da felicidade. Lá, em presença de todas as maravilhas de huma natureza rica, abundante e primorosa, elle quereria passar inteiramente sua vida, como hum hymno eterno, hum holocausto infinito!

Erão puras illusões da mocidade, e o mundo e a experiencia que o digão! Variavel, como o universo, he a creatura sujeita a mil diversas mudanças, a infinitas modificações.

A tarde ia morrendo, e já a lua subia no firmamento, porém, ainda tão pallida, como a lampada sepulchral que allumia o cadaver...

—Aqui, disse Eugenio, aqui mesmo, no lugar em que estamos sentados, entre dous suspiros, escapárão dos labios de Ignez de Castro estas duas palavras do céo e do inferno:— eu te amo!

E as mãos da donzella corrêrão a cobrir seu rosto, que enverme lhecia ao ouvir estas palavras. Nesse momento, a expressão do seu pudor eclipsou tudo quanto possa admirar-se no mundo...

(*) Vide Jornal do Commercio de 12 e 13 de março.

O murmurio da fonte, o canto de hum rouxinol que perto estava pousado, e o movimento das folhas que balanceavão com o vento, foi tudo o que se ouvio naquelle instante!...

V.

A guerra civil tinha rebentado em Portugal. D. Miguel, o Nero moderno, havia calcado aos pés a carta constitucional, dada por seu augusto irmão aos Portuguezes, e se declarára rei absoluto. Ainda fresca e presente a todos era a reminiscencia do assassinato do marquez de Loulé, e do envenenamento de D. João VI, e entretanto, o receio de huns, de ficar Portugal colonia do Brasil, se reconhecessem como rainha a filha do imperador; a esperança de outros, de que D. Miguel, apenas rei, lançaria hum espesso véo sobre seu tenebroso e sanguinario passado, e, recordando-se da gloria de seus antepassados, da virtude de seus avós de Bragança, de huma vez se corrigiria; e emfim, a ambição daquelles Portuguezes, sem fé, sem honra, sem pudor, sem dignidade, sem consciencia, o ajudárão a subir a esse trono, que resplandecêra com tanta gloria, a cingir esse diadêma, onde encrustados se achavão os louros ganhados na Asia, a descoberta do America, e as victorias obtidas contra os Mouros e Castelhanos. Prostituição do espirito humano! Vergonha eterna a esses que se não peijárão em pugnar pelo governo de hum filho assassino de seu pai, de hum monarcha assassino de seu povo! Maldição eterna sobre aquelles que, com as armas ou com a penna, o defendêrão e sustentárão!...

Formou-se em Coimbra huma sociedade de Portuguezes honrados, amigos de sua patria e da liberdade. Elles declarárão guerra ao tyranno, odio ao despotismo, e organisárão hum batalhão sagrado, como o de Thebas antiga. Os estudantes, jovens cheios de enthusiasmo e de amor, esperança da patria, das sciencias e das artes, recrutavão-se quotidianamente, para fazer parte dos defensores da carta, para unirem seus destinos aos della, por ella pugnar até a ultima gôta de sangue, com ella vencer ou morrer.

Erguei-vos, vós, mancebos, já que os velhos dormem o somno da indifferença pelos destinos da patria! Erguei-vos, valentes e bravos, empunhai a espada, combatei pela liberdade, já que em vossas veias gira o mais nobre sangue, já que em vossos peitos bate a mais sagrada paixão, já que em vossos cerebros germina a mais bella idéa! Erguei-vos, outros que se deixem garrotear em suas casas, assassinar em seus leitos!... Vós tendes enthusiasmo por tudo quanto he grande, e o enthusiasmo he força, he valor. Vós tendes coragem para bem cumprir huma missão, e a vossa he a de salvar a patria, de defender a liberdade, os direitos, os foros e as garantias de hum povo!

Erguei-vos, mancebos!

O partido do infante organisou-se tambem; nelle figurava toda a baixa classe da sociedade que, não tendo que perder, mirava com ciume as riquezas alheias, e se preparava para hum dia chamadas suas.

Antonio Gonçalves, o parente de Isabel, de que já vos fallei, entretinha relações de amizade com o chefe do partido do usurpador. Ambos, nutrindo as mesmas paixões, alimentando os mesmos vicios, possuidos da mesma sede de sangue e de riquezas, alistárão-se debaixo das mesmas bandeiras politicas.

Eugenio, porém, ao principio, não quiz ligar-se a partido algum. Contente de amar e de ver correr seus dias doce e alegremente nos braços daquella que lhe prendêra o coração, embora como que não fizesse parte de sua familia, embora separado vivesse de seu pai, o amor bastava para espargir flores sobre sua existencia, perfumar a estrada que elle devia percorrer, e dar-lhe a dita e ventura que ambicionasse.

Mas, assim como amor venceu á religião, a patria venceu a elle. Que coração haveria no mundo, cujas aras tão pouco fogo patriotico abrazasse que, em presença da luta que se passava em Portugal, não abidasse seus sentimentos anuiosados, suas idéas de amor, não deixasse de parte considerações tão mesquinhas, tão curto egoismo, e corresse ás armas? Que homem seria esse a quem pouco importassem o destino da patria, seus proprios interesses e a gloria do solo em que nascêra? Eugenio correu a pertencer á sociedade dos Jardineiros de Coimbra.

Os partidos derão começo ás hostilidades. Assassinatos commettião-se todos os dias, á luz do sol, á vista dos homens. A anarchia ceifava as mais respeitaveis cabeças; a desordem era geral em Coimbra e em algumas cidades mais do reino. Como que huma vertigem cobria esses homens, que assim se sacrificavão sem interesse seu e do paiz.

Era o partido dos constitucionaes que quotidianamente perdia seus melhores athletas aos punhaes dos salteadores, que se intitulavão—defensores do trono e do altar.

A's noites, bandos de assassinos percorrião as ruas, cantando em choro o hymno do seu rei.

A'vante, Miguel,
Não ha que temer;
Os braços são nossos,
He vosso o poder.

Por vós, por a patria,
O sangue daremos;
Por gloria so temos
Vencer ou morrer.

E aquelles que não querião unir suas vozes ao grito desenfreado de taes homens—infelizes—o sangue lhes não girava por muito tempo nas veias!...

Chegou, emfim, o momento da luta geral... Cruzárão-se os ferros em campo...

A's armas, o Lusos!
O ferro empunhemos;
Maria c'o a carta
Ao trono elevemos.

Combater e soffrer por huma tão bella e santa causa não era acaso a maior das glorias? Victorioso, que renome! Vencido, que lagrimas a seus infortunios! Vencedor ou vencido, sempre havia algum conso digno das almas generosas, o prazer do triumpho ou as delicias do martyrio!

P. S.

(*Continuar-se-ha.*)

Anno XIV. Sexta feira 15 de março de 1839. N.° 62.

JORNAL DO COMMERCIO.

Rio de Janeiro. Impresso no prelo mechanico da typographia imperial e constitucional de J. Villeneuve e Comp.

ADVERTENCIA.

O JORNAL DO COMMERCIO se publica diariamente; o preço da assignatura he de 16$000 Rs. por anno; folha avulsa 160 Rs.

Os annuncios e avisos publicão-se no *Jornal do Commercio*, a razão de 80 Rs. por cada linha.

Todas as correspondencias, artigos communicados e reclamações, vindos das provincias, devem ser dirigidos aos editores, em cartas *francas* de porte.

O *Jornal do Commercio* publica todos os sabbados huma revista commercial, os preços correntes dos generos de importação e exportação, o resumo das fazendas importadas e exportadas, a lista das embarcações estrangeiras surtas no porto, etc.

PARTIDAS DOS CORREIOS.

Ouro Preto, S. João d'El-Rei, Valença, Vassouras, Parahyba, Iguassú, Freg. do Paty do Alferes: 2, 7, 12, 17, 22 e 27.

S. Paulo, Itaguahy, S. João do Principe, Rezende, Baependy, Campanha, Pouso Alegre, Freg. do Pouso Alto, Pirahy, Arrozal, Angra dos Reis, Paraty, Mangaratiba, Freg. de Mambucaba: 3, 8, 13, 18, 23 e 28.

Campos de Goitacazes, Macahé, S. João da Barra, Maricá, Aldêa de S. Pedro, Cidade do Cabo Frio: 4, 9, 14, 19, 24 e 29.

Cantagallo, Nova Friburgo, Magé, Santo Antonio de Sá, S. João de Itaborahy, Freg. de S. Bernabé e Santa Anna: 3, 13 e 23.

Nitherohy: todos os dias.

EFEMERIDES E METEOROLOGIA.

☾ Minguante a 8, ás 10 h., 38 m. e 41 seg. da manhã.
● Nova a 15, ás 11 h., 19 m. e 41 seg. da manhã.
☽ Crescente a 22, ás 2 h., 35 m. e 29 seg. da manhã.
○ Cheia a 30, ás 11 h., 25 m. e 47 seg. da manhã.

14 de março.

Thermometro Fah. 74°, 75°, 75°.
» Reaum 18° 6/9, 19° 1/9, 19° 1/9.
Ventos. De manhã, N.-O.
De tarde, S.-S.-E.
Tempo nublado, mar chão.

15 de março.

Nasc. do sol, 5 horas e 56 min.
Occ. do sol, 6 horas e 4 min.
Mar á cheia, de M., 2 h. 57 m., de T., 3 h. 21 m.

CAMBIOS NO DIA 14 DE MARÇO.

As 3 horas da tarde.

Londres	30 a 30 1/4
Paris	320
Hamburgo	588
Ouro em barras	
Dobrões hespanhoes	31$300 a 31$400
» da patria	31$300
Pesos Hespanhoes	1$830 a 1$800
» da Patria	1$840 a 1$830
Moedas de 6$400 velhas	15$700 a 15$800
» » novas	14$700 a 14$800
» de 4$000	8$000 a 8$100
Prata	91 1/2 a 92 1/2
Apolices de 6 por cento juro	79
» 5 »	nominal.
Acções da Comp. dos Paq. de vapor.	
» » Nitherohy	
» » dos Omnibus	
» » Monte Soccorro	
» » Banco	

RIO DE JANEIRO.

JORNAL DO COMMERCIO.

O VOTO DE GRAÇAS NA CAMARA FRANCEZA.

(Continuação do n. antecedente.)

A evacuação de Ancona não podia deixar de provocar os clamores da opposição que, nessa retirada das tropas francezas, sem condições, sem compensação, via não só a perda da influencia da França sobre a Italia, mas ainda huma decepção a todas as promessas feitas desde 1830. Occupando a Romanha, Casimir Périer tinha em vistas obter em favor das provincias occupadas, instituições capazes de fazer-lhes preferir o dominio pontifical ao jugo austriaco. Os progressos da Austria na Italia impunhão á França a necessidade dessa occupação, cujos effeitos moraes erão mui grandes. Com 2,000 homens, sómente, de guarnição, a França teria defendido aquelle ponto contra qualquer surpreza, em quanto não chegassem outros auxilios. Hoje, se a Austria, cedendo ás necessidades de sua politica, voltasse á Romanha, a França não poderia mais oppôr-se-lhe sem gravissimas difficuldades.

O conde Molé, neste acto de sua politica, obedeceu a escrupulos mal fundados, a huma confiança exagerada e imprudente na lealdade do gabinete de Vienna. Todavia, os oradores ministeriaes procurárão sustentar o acto do gabinete, pintando a continuação da occupação como huma violencia feita á Santa Sé, e huma violação dos tratados.

O Sr. Thiers respondeu-lhes: « Muito exagerou-se as cousas nesta discussão; insinuou-se que eu quizera violar os tratados e compellir a França á guerra. Não, senhores; não queria-se violar os tratados; queria-se simplesmente, em presença de interesses gravissimos, ganhar algum tempo; e para isso não havia guerra a temer. Póde-se razoavelmente sustentar que a França annunciou á Santa Sé pretenções extraordinarias, que della exigio brutalmente que modificasse as instituições da Romanha, ameaçando-a de vêr parte de seus estados em nosso poder? Não, tal não foi o pensamento do governo francez; seria isso faltar ao respeito dos direitos de hum povo independente, e á sua propria dignidade.

« A Austria, a pedido da papa, notai bem senhores, a pedido do papa, tinha invadido duas vezes as Legações. O que fez então a França? Huma cousa vulgar, huma cousa elementar em direito das gentes; ella disse ao papa: « Tendes, sem duvida alguma, o direito de não acquiescer ás reclamações de vossos subditos; de lhes recusar as instituições que pedem, e mesmo de desconhecer os aggravos de que se queixão; mas, obrai só e por vós mesmo. Se, pelo contrario, chamardes o estrangeiro em vosso auxilio, então dais com isso aos estados visinhos o direito de intervir nos vossos negocios. » Equivoca-se alguem sobre o direito das grandes potencias, de intervir, em certos casos, nos negocios dos estados? Pensais que, se a Russia interviesse no imperio ottomano, a Inglaterra o consentiria? E se fosse a Inglaterra, cuidais que a Russia o soffreria sem intervir immediatamente? Este direito não tem outro fim senão o de manter a paz europea e o equilibrio territorial (*muito bem! muito bem.*) O que fez, pois, Casimir Périer? Não limitou-se a huma politica de expedientes. Occupar Ancona, unicamente porque a Austria occupava as Legações, era oppôr hum facto material, isto he, huma politica de expedientes, indigna da França. Então he que se poderia dizer com razão, que Ancona era hum facto violento e sem idéa.

Tal foi, Srs., o fim da occupação. Casimir Périer não queria emprehender expedições periodicas na Italia, cada vez que approuvesse ao santo padre chamar os Austriacos. Não, isso inquietaria a paz europea: para que os estados romanos fiquem independentes, cumpre tomar huma attitude que faça esperar aos homens sensatos o restabelecimento da tranquillidade. Tão razoavel foi esta resolução, que as cinco potencias lhe dérão sua adhesão. Era hum acto de bom senso provocar esta adhesão da parte das cinco potencias, e, sobre tudo, de obtê-la. Este acto politico tinha por fim impedir as correrias dos Austriacos na Italia; e era, ao mesmo tempo, confórme ao interesse da Santa Sé melhorar o estado da Romanha, e dar-lhe instituições mais liberaes. Ainda digo mais, era do interesse da Europa, a qual não soffreria que os estados romanos, quer politica quer religiosamente, pertencessem a potencia alguma. Quereis, Srs., que vos confesse huma fraqueza? (*signaes de attenção*) Estou persuadido de que, se eu tivesse ficado no gabinete, não se nos teria pedido a evacuação de Ancona (*movimentos em sentidos diversos: hilaridade no centro*). Não houverão negociações previas; he esta huma exprobração grande e justa que cumpre fazer ao ministerio. Vós não negociastes, e fizestes muito mal; ou negociastes, e então não concebo o porque não fizestes ouvir a voz da França, o porque deixaste-vos lançar fóra de Ancona! » (*bravos á esquerda!*)

O Sr. Guizot disse, sobre o mesmo assumpto: « Qual era o valor real dos empenhos tomados pela França? He o que eu vou examinar. Tenho por evidente que os gabinetes anteriores nunca abandonárão as instituições da Romanha, e nem renunciárão a fazer servir a occupação de Ancona a este grande designio. A França conservava o direito, quando a occupação fosse proposta, de examinar a sua opportunidade; tinha o direito, sobretudo, de pedir garantias contra a volta da occupação austriaca. Forçoso era que assim fosse: a França não podia pôr suas tropas á disposição da Austria; não podia ter mandado a Ancona soldados, prestes a retirarem-se ao primeiro signal, sem observação, como huma sentinella que se rende do posto. Fóra isso incrivel; a propria Austria não houvéra aceitado semelhante condição, a de evacuar pela reclamação da Santa Sé, sem examinar a opportunidade. »

O Sr. Guizot lembrou a opinião que havia emittido na tribuna, quando dizia que por preço nenhum a França podia deixar a influencia austriaca sem contrapeso na Italia.

« Persisto ainda, proseguio o orador, nessa politica, que he a politica da paz, e não a da guerra; mas não a *da paz a todo o preço*. Pasmo á vista da attitude que se quer tomar hoje. Que! Não basta o abandonardes Ancona; pretendeis tambem criminar-nos por havermos ali entrado? (*sensação*) Não basta que esteja perdida a nossa posição, quereis taxa-la de illegitima e injusta? A cada qual suas obras: a Casimir Périer a occupação; a outros a manutenção dessa occupação; a vós, a evacuação... (*viva approvação á esquerda*) Conserve cada hum sua parte neste periodo de nossa historia; não contestamos a vossa.. (*muito bem! muito bem!*) Não tinhamos, dizeis vós, senão alguns soldados em Ancona e algumas peças; mas sabeis qual era o seu resultado moral? He que, em toda a Italia, os espiritos sensatos e esclarecidos tinhão huma esperança, e huma satisfação...

« Hum ministro Inglez (Canning) pintou seu paiz com o poder de desencadear, a seu alvedrio, as tempestades sobre a Europa: não he isto o que eu ambiciono para a França, porém sim o direito de prevenir as tempestades, de impedir que ellas desfechem sobre a Europa: este era o direito da França... (*muito bem! muito bem*) E Ancona era o ponto proprio a proteger a segurança da Italia. Vós, porém, olvidastes tudo isto; olvidastes as precauções que poderião assegurar á França essa preponderancia; o interesse francez o exigia; o interesse europeo o aconselhava, os tratados o permittião: sacrificastes tudo isto sem precauções para o porvir. » (*viva approvação á esquerda.*)

No meio de todos estes debates o partido legitimista da camara apresentou-se fraccionado; o maior numero apoiou o ministerio; porém, o mais brilhante dos seus oradores associou-se á opposição, na obra commum de demolir o gabinete do conde Molé. Bem que em vistas e fins diversos dos da opposição, o Sr. Berryer recapitulou com huma eloquencia admiravel todas as accusações dirigidas ao governo pelos differentes oradores da coalisão; e terminou assim.

« Percorro a carta geographica da França e a mim mesmo pergunto onde estão as sympathias, sobre que podiamos contar. No Meia-dia, a Hespanha que não he mais nossa alliada; no Norte e Belgica, que não poderemos defender. A Suissa; não a haveis assaz maltratado? A Italia; pensais que tendes ali amigos para vosso systema? Não; estaes abandonados, e isolados em toda a parte. Eis a posição, a que reduzistes a França, (*violentos murmurios no centro.*) Pois bem! Srs., minha mão se secará antes que deponha huma bola nessa urna para testemunhar, que hum ministerio tal tem sido conservador dos interesses e da dignidade de meu paiz (*applausos em grande numero de bancos e até nas galerias*) »

Depois deste discurso o Sr. Guizot foi forçado de subir á tribuna ainda huma vez. O conde Molé, respondendo ao Sr. Berryer, havia dito, que quasi todas as recriminações do deputado legitimista erão applicaveis aos governos que se tem succedido em França desde 1830, e que a sua politica era a mesma dos gabinetes antecedentes. O Sr. Guizot tratou immediatamente de repellir a analogia, e discriminar o systema da sua administração daquelle hoje seguido.

« Minha fadiga disse elle, he extrema; tenho a voz quasi extincta; mas impossivel me he não vir protestar nesta tribuna contra a politica do gabinete, sobretudo quando apparece hum novo aggravo contra elle.... (*silencio! silencio!*) Esse aggravo he o discurso do Sr. Berryer (*interrupção*). Sabeis a quem deveis as apparencias de razão, com que tal discurso foi pronunciado? á politica do ministerio. Ha oito annos que a França e seu governo estão empenhados na politica da paz. Eu a sustentei, ministro ou não, em todos os bancos. Estou persuadido de que hoje, como então, a moralidade e o principio de nossa resolução o exigia. Sou eternamente fiel a essa opinião. Mas cuidaes acaso, que essa politica da paz que sustentamos desde 1830 he a politica que preside hoje? Cuidaes que não ha differença entre o que se passa hoje, e o que occorria em 1831, quando defendiamos em 1832, em meio das mais violentas borrascas a politica da paz contra as paixões populares, paixões legitimas em seus principios, perigosas, deploraveis talvez em suas consequencias? Lembrai vos quaes forão os seus resultados! a Belgica fundada por nós: sua revolução acceita, consolidada. Lembrai-vos Ancona, penhor de nossa preeminencia sobre a Austria na Italia. Eis ahi quaes forão as consequencias da politica da paz. Não são vãs palavras: estivemos em Antuerpia, em Ancona; demos provas de que não temiamos vingar a honra, a influencia, a dignidade do paiz, ao mesmo tempo que pôr nossas palavras defendiamos o systema da paz. Sem duvida soffremos revezes; mas não fomos obrigados á retirar-nos de toda a parte (*sensação.*) Quanto á vós abandonastes tudo (*gritos nos centros*) abandonastes todos os lugares, em que haviamos triumphado. Sim, sou devotado á politica seguida desde 1830; mas a honra não me permitte acceitar as analogias que se quer estabelecer. He em nome da honra do paiz, em nome da minha propria honra, que protesto contra tudo o que se tem feito. »

A pesar dos rudes golpes dados pela *coalisão* no gabinete do conde Molé; a pesar das accusações graves que lhe fôrão de toda a parte dirigidas, pôde comtudo emendar os topicos principaes do projecto da commissão. Verdade he que o numero de votos que obteve foi tão diminuto, que tem de ver-se, a cada instante, no decurso da sessão, ameaçado de ficar sem maioria na camara. Já na emenda ao paragrapho sobre *Ancona*, apenas teve a maioria por hum unico voto, incluidos os votos dos proprios ministros que são deputados. Todos os calculos concordão pois em huma proxima dissolução do gabinete, tanto mais que grandes questões, questões perigosas para elle, serão agitadas na presente sessão, taes como a lei sobre o estado maior do exercito, a conversão das rendas, as tarifas dos assucares, a questão commercial e ecclesiastica, os caminhos de ferro, etc.

Impossivel he que o ministerio atravesse incolume tantos escolhos, e as tempestades violentas da tribuna, que inevitavelmente essas discussões devem suscitar. A deslocação de tres ou quatro votos para a opposição bastará para causar a sua ruina. Por outra parte, restaria saber de que grupo parlamentar sahirá a nova administração. Nós suppômos que os Srs. Thiers e Guizot serão talvez os successores do actual gabinete; e que poderão contar com o apoio da maioria, que sustenta o Sr. Molé. Quanto ao Sr. Odillon Barrot, elle mesmo declarou que reconhecia que a sua opinião ainda não tinha chegado ao ponto de conquistar as sympathias da maioria parlamentar. A presença deste famoso orador no governo da França seria hum objecto de alarma para toda a Europa, a quem logo se antolharia a politica da guerra e da propaganda. A opposição dessa côr está pois condemnada, ainda por muitos annos, a huma existencia de luta incessante, fóra do poder.

Pelo *Rios*, entrado ante-hontem do Rio Grande, não recebêmos gazetas nem cartas daquella provincia, e consta-nos que a mala vem no brigue-escuna *Pampeiro*, sahido no mesmo dia. O *Rios* destinava-se para os portos do norte, e, por isso, trouxe muito pouca correspondencia. Sabemos, comtudo, que o comboy de Porto Alegre tinha chegado ao Rio Grande, e que o sitio da capital era muito rigoroso.

ASSEMBLÉA PROVINCIAL DO RIO DE JANEIRO.

SESSÃO EM 13 DE MARÇO.

Presidencia do Sr. Freitas Magalhães.

A's 11 horas da manhã feita a chamada, acharão-se presentes 23 Srs. deputados: o Sr. presidente declarou aberta a sessão, e lida a acta da antecedente foi approvada.

O Sr. 1° secretario deu conta do seguinte expediente:

Officio do Sr. deputado José Carneiro da Silva, communicando não lhe ser possivel, por incommodos de pessoas de sua familia, comparecer na presente sessão: — A' commissão de poderes.

Do secretario do governo da provincia, participando, de ordem de S. Ex. o Sr. presidente da provincia, que, supposto o relatorio, com que fez a abertura desta assembléa, se achar impresso desde o 1° do corrente, não tem sido remettido o numero de exemplares preciso para ser distribuido pelos Srs. deputados, por não se haver ainda podido concluir a impressão de algumas das muitas complicadas tabellas que o acompanhão, sendo de esperar que breve estejão impressas: — Ficou a assembléa inteirada.

Do mesmo secretario, enviando as copias das informações, a que se refere o Exm. presidente da provincia no seu relatorio, dadas pelas camaras de Campos, Cabo Frio, Paraty e Rezende, e as mesas das irmandades da Misericordia de Angra e Valença, sobre as casas de caridade existentes em seus municipios; e bem assim transmittindo os compromissos das ditas irmandades de Valença e Angra, e de Santa Izabel de Cabo Frio: — Ficou sobre a mesa.

Do mesmo secretario, remettendo a planta e orçamento da ponte do rio Macacu', no lugar da Cachoeira de Cima, na estrada geral de Cantagallo, e bem assim as informações relativas aos dous caminhos que se podem seguir no lugar denominado — do Registo da Estrada —, e a planta respectiva: — A' commissão de obras publicas.

Do mesmo secretario, enviando por copia dous officios da camara municipal de Iguassu', pedindo differentes providencias para o seu municipio: — A' commissão de camaras municipaes.

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA.

Foi lida e approvada a redacção do projecto n. 48 — B —, adoptado na sessão de hontem, e remettido para a sancção.

Foi lido e approvado hum parecer da commissão ecclesiastica, pedindo informações do Rmv. vigario capitular, acerca da erecção em freguezia do curato de Cebolas do municipio da Parahiba do Sul.

SEGUNDA PARTE DA ORDEM DO DIA.

Forão approvados em primeira discussão, e passárão para a segunda, os projectos ns. 2 e 3 — C —, o primeiro autorisando o presidente da provincia a mandar proceder ao orçamento da despeza provavel com a edificação de huma igreja matriz nesta capital, e o segundo ordenando que seja traduzido e impresso o curso normal para os professores primarios de Mr. Degerando.

Entrou em discussão o requerimento do Sr. Carneiro de Campos, adiado por empate na votação em 9 do corrente, propondo que fosse remettido á commissão de obras publicas o projecto n. 37 — B — acerca de diversas obras municipaes na villa de S. João do Principe: o requerimento ficou approvado.

Seguio-se a segunda discussão do projecto n. 43 — B — mandando proceder immediatamente á organisação de hum plano geral de divisão civil e judiciaria da provincia. Ao art. 1° o Sr. Cesar do Amaral offereceu a seguinte emenda, que foi apoiada:

« Em lugar da palavra — immediatamente — diga-se: o mais breve que fôr possivel. — Salva a redacção. »

Não tendo sido approvado o art. 1°, julgou-se prejudicada a emenda e rejeitado o projecto.

Entrou em segunda discussão o projecto n. 80 de 1836, augmentando os ordenados dos empregados da secretaria do governo da provincia.

FOLHETIM.

RELIGIÃO, AMOR E PATRIA.

ROMANCE HISTORICO.

VI.

Era noite. Isabel estava no seu aposento, triste e pensativa. A sorte dos combatentes ainda se não havia decidido; a luta foi renhida. Ella ajoelhou-se diante de huma imagem da Santissima Virgem, e pedio-lhe, com respeito e devoção, que do alto de sua morada celeste lançasse os olhos de misericordia sobre o seu amante, que a guerra lhe arrancára dos braços. Nove horas soavão.

Hum homem pallido, com os olhos espantados e huma pistola na mão, entra de repente. Era Eugenio. Ella reconheceu-o, e gritou-lhe, atirando-se nos seus braços:

— Estás salvo?
— Não.
— Mas vives?
— Vencido.
— A victoria?
— He delles.
— E agora?
— Só me resta a morte ou o exilio.
— O ultimo, ao menos, salva tua vida.
— Se a queres salvar, vem comigo.

— Não posso.

Elle sorrio sardonicamente. Ella começou a chorar. Espectaculo terrivel, onde o coração do homem não póde conservar-se impassivel!

— Pois morrerei, disse-lhe elle desesperadamente.

— E me queres tambem ver morta? perguntou-lhe Isabel.

— Tu morrer!... Oh! nunca! nunca!... Por piedade, assim me não mates!

— Então, foge.

— Eu fugir sem ti? Ir mendigar a estranhos lares, longe do unico ente no mundo que eu amo? Oh! não! Vem comigo, Isabel! Partamos para o Brazil, para esse imperio nascente que tantos recursos offerta aos infelizes!... Deixemos esta terra regada com o sangue dos martyres da liberdade; terra profanada por sicarios e bandidos!... Deixemos Portugal entregue a D. Miguel e a seus infames satellites; vamos respirar a atmosphera da liberdade.

— Eu!... Como és injusto!... Posso, acaso, deixar minha familia, meu velho pai, minha boa e terna mãi, para seguir-te, quando sei que, de desgostos, elles morrerão!... E, seguindo-te assim, não perderei eu mesmo parte da tua estima, e poderá sobreviver-lhe o amor?

Eugenio conheceu então toda a enormidade de sua situação... Entre o cadafalso e a fuga, elle balanceava até então, porque pensava que esta seria seguida de todas as venturas do presente, guardando-se apenas a reminiscencia de hum funebre passado... E, agora, a justa decisão de sua amante o fez estremecer todo... á emigração longe de sua patria, á saudade que o devia carcomir por aquelle sólo de seus primeiros prazeres, de seus primeiros dias e dos seus amores, ligava-se a idéa da ausencia de Isabel, da unica creatura que delle tivera piedade em criticas circumstancias!...

— Coragem! lhe disse ella para socega-lo; coragem e esperança, Eugenio!... Deos he todo piedoso!... Elle se lembrará de nós!... Parte, ama-me sempre, e confia que hum dia, voltando á patria, mais feliz do que agora, mais contente e alegre, de novo me revejas e conheças!... No entanto, posso-te afiançar huma fidelidade eterna!

— Juras-me?

— Eu t'o juro.

— Concebes tu toda a força, toda a grandeza do juramento que acabas de prestar, Isabel? Sabes tu que, quando cessares de amar-me, eu cessarei de viver?

— Sei.

— Pois então, Isabel, adeos!... E que o Senhor nos ajude a ambos!

E os dous amantes se separárão.

VII.

Ha perto de Coimbra huma pequena planicie, toda plantada de olivaes, e rodeada de muitas quintas pittorescas, aonde os pastores fazem pascer seus rebanhos, e os poetas vão receber inspirações. De hum lado se eleva huma alta collina de pedra, chamada pelos Conimbrenses o *Penedo da saudade*.

Eugenio, depois de deixar sua amante, encaminhou-se para aquelle penedo, subio a seu cume e lançou os olhos sobre o valle dos olivaes. A lua brilhava no céo, e esclarecia a terra. O espectaculo melancolico daquelles olivaes, que tanto se assemelhão aos chorões, que se conservão ao lado dos tumulos; o nome do penedo em que se achava; a sua presente situação, prestes a desamparar sua patria, para salvar sua vida, e vendo, quem sabe se pela ultima vez, sitios de sua infancia, despertárão nelle idéas tão dolorosas, que não pôde reter suas lagrimas.

A victoria coube a D. Miguel e a seus sicarios... só o exilio restava a aquelles que havião pugnado pelo bem de seu paiz...

Saudou aquelles sitios, banhado em hum pranto copioso. Disse-lhes hum adeos tão terno, que bem parecia dever ser o derradeiro.

VIII.

Na igreja de Santa Cruz se rendião graças ao Todo Poderoso pela victoria alcançada pelos miguelistas. O rei e os frades se havião dado as mãos, para unidos dominarem o mundo. O altar e o trono combinárão-se para mergulhar em hum pelago de males aquelle desditoso paiz. Acaso o Deos, para quem parecião subir os votos desses hypocritas e malvados, de bom grado os aceitaria? Acaso aquelle incenso profanado e impuro, que exhalava o thuribulo sagrado, não se perdia nos miasmas putridos dos ares, antes de chegar aos pés do eterno creador do universo? Como poderia o supremo arbitro dos mundos receber homenagens offerecidas por mãos ainda tintas de sangue humano, dedicadas por corações gangrenados de vicios e crimes?

Oh! Porque não cahio o raio vingador sobre as cabeças daquelles sicarios, que no templo risonhos se reunião, capitaniados pelo mais vil de todos os homens.

Eugenio dirigio-se ao *Collegio da Sapiencia*. Parece que huma idéa triste o dominava, que elle nunca mais viria aquelles lugares, e por isso os queria saudar hum por hum, antes de partir. Pelo subterraneo, que communica o collegio com o mosteiro de Santa Cruz, que nessa noite de desordens, de guerra, de fogo e de sangue, estava aberto para todos, elle encaminhou-se para o lugar, onde depositadas se achão as cinzas de Affonso Henriques. Elle pretendia derramar algumas lagrimas sobre o tumulo do grande homem, que abrio a estrada da gloria para a nação portugueza, que a fez independente, valorosa e grande. Elle queria saudar no berço a monarchia, já que a havia saudado no tumulo, porquê, em sua opinião, a patria dos Gamas, Castros, Camões e Albuquerques tinha exhalado o ultimo suspiro de vida, com a elevação de D. Miguel ao trono. Ajoelhado perto desse tumulo, que em 1832 devia ser arrasado e destruido pelo usurpador do trono de Maria II, porque nelle sua cobiça esperava encontrar ouro e riquezas, Eugenio disse-lhe o derradeiro adeos, recitando

(*) Vide Jornal do Commercio de 12, 13 e 14 de março.

Ao art. 1° o Sr. Dias da Motta offereceu a seguinte emenda substitutiva, que foi apoiada:

« O presidente da provincia fica autorisado a dar huma gratificação entre 50$ e 200$ rs. ao secretario, officiaes, amanuenses e mais empregados da secretaria da presidencia, segundo seu zelo, actividade e assiduidade no serviço respectivo. »

Seguio-se a segunda discussão do projecto n. 19 — A — mandando substituir, em quanto não estiver prehenchido em cada municipio da provincia o numero de escolas primarias que se julgarem necessarias, as disposições do art. 7 da lei n. 10 de 1835, que creou a escola normal.

A requerimento do Sr. Santos Barreto, ficou a discussão do projecto adiada, até que seja distribuido na casa o relatorio do presidente da provincia.

Entrou em discussão o parecer das commissões ecclesiasticas e de fazenda, indeferindo o requerimento do padre Joaquim Valerio Lizardo e Rego, vigario collado da freguezia de S. Nicoláo de Suruhy, em que pede ser aposentado com a sua congrua, visto ter parochiado aquella freguezia por mais de 25 annos, e achar-se por suas enfermidades menos apto para continuar no exercicio de cura de almas, com o voto em separado do Sr. Santos Lobo. Depois de longo debate, ficou a materia adiada por haver dado a hora.

O Sr. presidente deu a ordem do dia seguinte, e levantou a sessão ás 2 horas da tarde.

TRIBUNAL DOS JURADOS.

5ª SESSÃO ORDINARIA EM 11 DE MARÇO.

Presidencia do Sr. juiz de direito chefe de policia.

A's dez horas da manhã abre-se a sessão.

He dispensado de toda a sessão o jurado, Sr. Alexandre Teixeira de Azevedo.

He approvado, e chamado para o substituir, o Sr. Candido Miguel de Souza Carvalho.

Sao sorteados vinte e tres jurados para, em primeiro conselho, e depois de prestarem o juramento do estilo, tomarem conhecimento dos seguintes processos:

1.° Autora a justiça e réo Domingos José Pires de Miranda.
2.° Autora a justiça e réos Antonio de Castro Guimarães e Vicente Annes de Castro.
3.° Autora a justiça e réo Antonio de Souza Macedo,
4.° Autora a justiça e réo Antonio, Angola.
5.° Autora a justiça e réo José Porfirio do Nascimento.
6.° Autora a justiça e réos Francisco Antonio e José Martins.

O jury só acha materia para accusação nos quatro primeiros processos.

FRANQUEAR A FUGIDA AOS PRESOS — ABSOLVIÇAÕ.

Comparece á barra do tribunal o réo affiançado, Antonio Morin, acompanhado do seu advogado defensor, o Sr. Dr. José Baptista Lisboa.

São sorteados para formarem o jury de sentença os seguintes senhores: José Vieira da Costa, Augusto José de Carvalho, Antonio Martins de Sá, Francisco Servulo de Moura, Luiz Pinto Guedes, Dr. Luiz de Sequeira Queiroz, João da Silva Pinto, José Maria da Gama de Souza Mello, João da Costa Leite, Joaquim Baptista Magalhães, José Maria de Andrade, e o Dr. José Joaquim de Sequeira. Occupão seus respectivos lugares, e prestão o juramento do estilo.

Procede-se ao interrogatorio do réo, que diz chamar-se Antonio Morin, natural de França, com trinta e nove annos de idade, casado, e que vive de despachante da alfandega, e nega ter concorrido, directa ou indirectamente, para a fuga do preso Gendar.

Consta pela leitura do processo que, no dia 29 de maio de 1836, sahira da ilha de Santa Barbara, pelas quatro horas e meia da tarde, para a enfermaria da cadêa do Aljube, o preso Antonio Victor Gendar, Francez de nação, acompanhado de Jacinto Dias Soares e José Gomes Lopes, soldados addidos ao corpo de permanentes, e que, desembarcando em Valongo, fugira dentro de huma sege com o soldado Jacinto Dias Soares. Consta que o réo que se acha presente fôra nesse dia duas vezes á ilha, huma de manhã, e outra de tarde, e que se encontrára com o referido Gendar, e fallára com elle em francez, depois de elle haver desembarcado. Consta mais que o soldado, João Gomes Lopes, fôra procurar huma sege para conduzir o preso, e na occasião de voltar ao largo de Valongo, aonde o mesmo se achava guardado pelo outro seu camarada, já o não encontrára, havendo quem jurasse que o vira dentro de huma sege com o sobredito preso. Consta, finalmente, que o réo era procurador de Antonio Victor Gendar.

Terminados os debates, o Sr. presidente entrega o processo ao jury com os competentes quisitos.

O jury, depois de haver conferenciado por espaço de huma hora, volta á sala das sessões, e, pelo orgão do seu presidente, responde: quanto ao primeiro quisito que sim; quanto ao segundo, que não.

O Sr. presidente convida o conselho a occupar de novo o seu respectivo lugar, para se proceder a outro julgamento.

FERIMENTOS — ABSOLVIÇAÕ.

Comparece á barra do tribunal o réo affiançado, João Pires Chaves, acompanhado do seu advogado defensor, o Sr. Dr. José Baptista Lisboa.

Sendo interrogado o réo, diz chamar-se João Pires Chaves, natural do Rio de Janeiro, de 38 annos de idade, solteiro e carpinteiro. Perguntado sobre o crime de que he accusado, isto he, de ter dado humas pancadas em Manoel Francisco, responde que conhece a esse Manoel Francisco, mas que nunca tivera rixa com elle, e que não lhe déra taes pancadas.

Pela leitura do processo consta que o queixoso Manoel Francisco, guarda dos canos da Carioca, e morador no Cosme Velho, se queixára contra o réo, por este, no dia 18 de março de 1837, lhe haver dado humas pancadas, de que ficou gravemente ferido. Consta que, de todas as testemunhas que jurárão no summario, só huma he que jurou de vista, a qual era cunhada do queixoso; e que o réo, na formação da culpa, e andamento do processo, não foi ouvido, nem chamado a juizo; não obstante, o Sr. juiz de paz o pronunciou como incurso no artigo 205 do codigo criminal.

Depois dos debates, o Sr. presidente entrega o processo ao jury com os competentes quisitos.

O jury, depois de haver conferenciado por espaço de hora e meia, volta á sala das sessões, e, pelo orgão do seu presidente, responde: quanto ao primeiro quisito que sim; e quanto ao segundo, que não.

Nesta decisão se assignárão vencidos os Srs. Joaquim Baptista Magalhães, José Maria da Gama de Souza Mello, e Antonio Martins de Sá.

O Sr. presidente absolve a João Pires Chaves, manda se lhe dê baixa na culpa, e pague o autor as custas até o lançamento, etc.

Igualmente absolve a Antonio Morin, manda se lhe dê baixa na culpa, e pague as custas o cofre da municipalidade, etc.

Levanta-se a sessão pelas tres horas e tres quartos da tarde.

6ª SESSAÕ ORDINARIA EM 12 DE MARÇO.

Presidencia do Sr. juiz de direito chefe de policia.

Ás 10 horas da manhã abre-se a sessão.

Lê-se hum officio do Sr. juiz de paz da freguezia da Lagôa, participando que os jurados, Antonio Pereira Lopes, he fallecido, e José Bernardino Corrêa, acha-se fóra do imperio, como já participou á camara municipal desta cidade em officio de 2 do corrente. O primeiro dos jurados mencionados está por sua natureza dispensado, e o segundo igualmente.

São approvados e chamados para os substituir os Srs. Antonio José Pinto de Almeida e Manoel José Corrêa Calheiros.

He dispensado da sessão de amanhã o jurado, o Sr. Antonio José da Veiga, e da sessão de hoje, o Sr. Luiz José de Andrade.

São sorteados vinte e tres jurados para, em 1° conselho, e depois de prestarem o devido juramento, tomarem conhecimento dos seguintes processos.

1.° Autora a justiça e réo Epifanio Camillo Ferreira.
2.° Autora a justiça e réo Antonio José da Silva.
3.° Autora a justiça e réo Antonio Joaquim Corrêa.
4.° Autora a justiça e réo José Tiété Jardim.
5.° Autora a justiça e réo Clementino José Ribeiro.
6.° Autora a justiça e réo Antonio Joaquim Corrêa.
7.° Autora a justiça e réo João Rodrigues Pinheiro de Brito.
8.° Autora a justiça e réos o preto Mojolo, escravo, e outros,

O jury acha materia para accusação em todos os processos, excepto no primeiro.

ESTELLIONATO E FURTO — ABSOLVIÇAÕ E CONDEMNAÇAÕ.

Comparecem á barra do tribunal o autor, José Julio de Barros, acompanhado do seu advogado, o Sr. Dr. Joaquim Antonio da Costa, e os réos affiançados, Joaquim Monteiro Rebello e Manoel Joaquim da Silva Gil, acompanhados tambem dos seus advogados, os Srs. Drs. Pereira da Silva, defensor do 1.° réo, e José Maria Frederico de Souza Pinto, defensor do 2.°

São sorteados, para formarem o jury de sentença, os seguintes Srs.: Luiz Sebastião Fabregas Surigué, João de Castro e Silva, José Maria de Andrade, José Ventura Boscoli, Francisco Antonio de Mello, Francisco Antonio Pereira do Lago, Dr. Luiz de Siqueira Queiroz, Francisco Servulo de Moura, Dr. José Joaquim de Siqueira, José Corrêa da Silva, o padre José Alves Pinto de Azevedo e Joaquim Pinheiro de Campos. Occupão seus respectivos lugares e prestão o juramento do estilo.

O jurado Sr. Antonio Martins de Sá he recusado pelo Sr. Pereira da Silva.

Procede-se ao interrogatorio do 1° réo, que diz chamar-se Joaquim Monteiro Rebello, natural de Portugal, com vinte e cinco annos de idade, solteiro, e que he fabricante de chapéos. Sendo perguntado sobre o crime de que está accusado, por ter comprado huma porção de pelucia furtada, responde que he falso.

Sendo interrogado o 2° réo, diz chamar-se Manoel Joaquim da Silva Gil, natural de Portugal, de vinte e oito annos de idade, que he solteiro, e que vive de negocio. Perguntado sobre o crime de que he accusado, isto he, de ter vendido huma pouca de pelucia furtada ao autor, por hum preto do ganho, responde que he falso.

Pela leitura do processo consta que o autor tendo, no dia 19 de junho de 1837, comprado a José Wamosi, morador na rua de S. Pedro, humas sete peças de pelucia de seda preta, importando na quantia de quinhentos e tantos mil réis, de que lhe passara huma letra, e conduzindo as referidas peças de pelucia, por hum preto do ganho, para casa delle autor, que he na rua das Marrecas, aconteceu que na rua dos Ourives, entre a rua do Cano e do Ouvidor, o preto lhe desappareceu, como por encanto, com as sobreditas peças de pelucia. O autor correu logo á casa do vendedor da pelucia, dando-lhe parte do acontecido, e bem assim a todas as fabricas de chapéos desta cidade, inclusive a de Nitherohy, prevenindo seus donos, e fazendo-os scientes do furto que lhe havia sido feito, entrando neste numero o réo, Joaquim Monteiro Rebello, o que tudo fez constar por hum annuncio que se publicou no *Jornal do Commercio*. Consta que o autor, passados muitos tempos, viéra a saber que tinhão sido compradas as ditas sete peças de pelucia pelo réo, Joaquim Monteiro Rebello, morador na rua detraz do Hospicio, ao outro réo, Manoel Joaquim da Silva Gil, assistente na rua da Cadêa. Em consequencia, dirigio huma queixa contra os réos ao Sr. juiz de paz do 2° districto da Candelaria. Consta do depoimento da testemunha, Manoel Francisco Ribeiro, que jurou no corpo de delicto e summario, que no dia 6 de agosto de 1837, das sete para as oito horas da noite, entrára em casa do réo Rebello Manoel Joaquim da Silva Gil, e hum estrangeiro que não conheceu, com hum preto que conduzia sete peças de pelucia de seda preta, embrulhadas em hum pano de lona, dizendo o dito Gil para o réo: « Aqui está a cousa »; e depois o réo lhe déra huma porção de bilhetes, cuja quantia ignora; e que, retirando se o mencionado Gil e o estrangeiro, o réo pegára nas peças de pelucia, e levando-as para o interior da casa, lhes cortara logo as larjas e os cadarços, dando-lhes hum tal sumiço, que nunca mais apparecêrão. Consta mais do depoimento da testemunha que essas peças servirão para se fazerem 75 chapéos armados para a casa imperial, os quaes forão pagos a dez mil réis cada hum; e que em principio, toda a obra que se fez com a dita pelucia foi feita no interior da casa. Esta testemunha era official que trabalhava na fabrica do réo, e jura que presenciára todo este facto, e que o mesmo réo lhe disséra que tinha feito huma boa compra.

O Sr. juiz de paz pronunciou ao réo Joaquim Monteiro Rebello como incurso no art. 257 do codigo criminal, e não achou materia para pronuncia contra o réo Manoel Joaquim da Silva Gil. O jury, porém, em primeiro conselho, achou materia para accusação contra os dous réos, e o Sr. Dr. Joaquim Antonio da Costa, no seu libello accusatorio, pede que o réo Manoel Joaquim da Silva Gil seja punido como incurso no crime de estellionato.

Expendidas as razões da accusação e defeza, e interrogadas as testemunhas produzidas pelo autor e pelos réos, dão-se por concluidos os debates, e o Sr. presidente faz o resumo do estilo, e entrega o processo ao jury com os competentes quisitos.

O jury, depois de haver conferenciado por espaço de hora e meia, volta á sala das sessões, e, pelo orgão do seu presidente, responde, a respeito do réo Manoel Joaquim da Silva Gil: quanto ao primeiro quisito, que sim; quanto ao segundo, que não. Acerca do réo Joaquim Monteiro Rebello, responde: quanto ao primeiro quisito, que sim; quanto ao segundo, que sim; quanto ao terceiro, no minimo; e quanto ao quarto, que sim.

Lê-se hum officio do Sr. juiz de paz do 1° districto de S. José, participando que o juiz de facto, João Rodrigues de Araujo França, se acha fóra da côrte. He dispensado de comparecer em toda a sessão.

Lê-se hum requerimento do jurado, o Sr. José Marques de Sá, provando que servio na sessão judiciaria de maio do anno passado, e por isso pede dispensa de comparecer em toda a sessão. He dispensado como requer.

São approvados e chamados, para substituirem estes dous jurados, os Srs. João Marques de Almeida Rego e Francisco Dias de Castro.

O Sr. presidente absolve a Manoel Joaquim da Silva Gil, manda se lhe dê baixa na culpa, e pague o autor as custas; e condemna a Joaquim Monteiro Rebello a quarenta dias de prisão com trabalho, indemnisação, multa correspondente a 3 e hum terço do valor do furto, custas, etc.

O réo appella da sentença para o tribunal da relação.

Levanta-se a sessão pelas 4 horas da tarde.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

(Continuação do n. antecedente.)

PARTE TERCEIRA.

Passarei breve resenha á linha d'Oeste. Relativamente a esta mesma provincia do Pará, cumpre desvanecer hum prejuizo que poderá prevalecer, por isso que he apadrinhado por huma grande authoridade, como a de Condamine

Os Portuguezes, desde tempos immemoriaes, conservárão posse do Amazonas, de *Parauari* para cima, já por meio de huma franca navegação e extracção dos generos do interior, já na reducção dos Indios e fundação de muitas aldêas. Condamine, tendo ouvido só aos jesuitas hespanhóes, affirma absolutamente, na pag. 42 do seu diario, que os Portuguezes só principiárão essa posse do anno de 1710 em diante, attribuindo lhes violencia; o caso passou-se da maneira seguinte: aproveitando-se aquelles regulares da desintelligencia entre as duas nações visinhas, por occasião da guerra denominada da successão, preparárão huma expedição composta de brancos, mulatos e mistiços, e descêrão rio abaixo no anno de 1709; chegando á nossa povoação de *Nogueira*, levárão prisioneiro o missionario Fr. Balthazar da Madre de Deos, religioso carmelita, e dous brancos; conduzirão todos os Indios que existião em huma povoação portugueza, na margem septentrional do Amazonas, em o sitio chamado *Tayacatiba*, pouco mais acima do rio Jaruá, com os quaes fôrão estabelecer a aldêa denominada — *Jatimaguay* —; igualmente levárão alguns Indios Cambebas, de quatro das nossas aldêas.

Apenas hum tal attentado chegou á noticia do então governador do Pará, Christovão da Costa Freire, fez subir huma forte divisão de tropas, commandada por José Antonio da Fonseca, a qual aprisionou em huma ilha o jesuita João Baptista Sans e outros individuos, e chegando á aldêa de S. Maria Mayor, pôz em liberdade o missionario Fr. Barthazar da Madre de Deos e outros Portuguezes, conseguindo assim felizmente, e em pouco tempo, este como desforço daquelle esbulho.

A raia ao occidente da provincia de Matto-Grosso, talvez pelas difficuldades de ser bem explorada e reconhecida, tem sido imperfeitamente definida; dahi as oscillações sobre dominio e as recriminações entre os confinantes. O vice-rei de Buenos-Aires, D. Nicoláo de Arredondo, na informação que deixou ao seu successor D. Pedro de Mello, o instrue positivamente de que os Portuguezes havião feito fundações furtivas nas terras proprias da America hespanhola, na margem occidental do Paraguay, taes como os fortes de Albuquerque, da Nova Coimbra e do Principe da Beira, pelo que opportunamente havia dirigido as devidas reclamações e protestos ao vice-rei do Brazil. D. Diogo de Alvear, segundo commissario da demarcação do lado do sul, arrojou-se « asseverar de plano em hum dos seus impressos, » — que os Portuguezes usurpárão as ricas e grandes capitanias do Cayabá e Matto-Grosso. Nem so actual gabinete brasileiro são estranhas essas herdadas e rancorosas prevenções; sabe, e até o communicou ás camaras legislativas, na sessão passada, os attentados contra a posse e a propriedade nacional; que se aguarda para ensejo favoravel a explosão das intenções sinistras que se nutrem e dos manejos para annexar á Bolivia huma parte da provincia de Matto-Grosso, a pretexto de ser comprehendida na linha, que imagina serve de divisa entre as duas provincias: o governador della exerce, desde já, actos de dominio absoluto, na concessão, entre outras, de duas sesmarias que mais se internão por nosso territorio, huma sobre a margem esquerda do Paraguay, abaixo da barra do rio Jauru'; e outra sobre a margem esquerda deste ultimo rio; e continua a reter a posse das salinas do Jauru': he o grito *d'alerta*; hum governo sabio e previdente não espera pelo desfecho; molda a seu geito o tempo e as circumstancias.

Apezar da intima convicção de jámais dever-se admittir citações e argumentos, deduzidos do tratado de 1777, por considera lo reto e de nenhum vigor; todavia, adargando-se com elle os que nos lanção o labéo de usurpação, com elle mesmo, por esta vez, manejarei para demonstrar que, no sentido e espirito de alguns dos seus artigos, se estriba a posse do territorio de que fruimos, havido embora por duvidoso; e para dar huma idéa da necessidade de modificações na execução, como mui bem previu o tratado, descreverei succintamente a natureza e qualidades daquelles desconhecidos terrenos.

Villa Bella, hoje cidade de Matto Grosso, capital da provincia do mesmo nome, situada na margem oriental do rio Guaporé, cujos arredores se tornão todos os annos pantanosos, com os trasbordamentos deste, e do rio Sararé que lhe fica tres leguas ao sul, demora na lat. de 15° e na long. de 317°, 42'. Lançou-lhe os fundamentos o conde de Azambuja, primeiro governador e capitão general dessa capitania, em 13 de março de 1752: he este hum dos terrenos que indicão como usurpados; mas, se nem da demarcação, que por esses mesmos tempos se realisou, em virtude do tratado de limites de 1750; nem em algum dos artigos de outro de 1777 se notou de intrusão, mórmente sendo a Hespanha a que neste ultimo dictou a lei, com hum intervallo de mais de vinte cinco annos, para bem reflectir e examinar, segue-se que a taxa de usurpação he gratuita.

Distante se acha esta capital cincoenta leguas ao occidente da foz do rio Jauru', no Paraguay, espaço que, extremando-se pelo sul com a provincia hespanhola de Chiquitos, hoje Bolivia, he coberto por altas serras, denso matto, intermeado de campinas e cortado pelos dous pouco extensos rios — Alegre e Aguapehy, os quaes, nascendo pela lat. de 16°, no vertice e extremidade austral das altas serras chamadas de Aguapehy, com poucos palmos de distancia entre hum e outro rio, correm parallelos, e com breve intervallo, cortando-as pela extensão de sete leguas, até se precipitarem, pela face septentrional desta serrania, em duas altas catadupas na lat. de 15°, 52', formando estes rios, no campo, huma legua distante dellas, hum isthmo de 3,920 braças, voltando delle com direcções oppostas, o Aguapehy ao nascente, para desaguar no Jauru', tres leguas abaixo do registo deste nome, com trinta leguas de curso; e o Alegre ao poente, para entrar com pouco maior extensão no Guaporé, pela sua margem meridional, meia legua acima de Villa Bella.

Durante o governo de Luiz Pinto de Souza, terceiro capitão general desta capitania, fez-se a experiencia de passar hum bote do Guaporé para o Paraguay, navegando-se desde Villa Bella pelo Alegre acima, do qual tirado, e rolando por cima daquella parte do varadouro ou isthmo, que conta 5,322 braças, embora mais extenso, porém mais suave e praticavel do que o acima mencionado, cahio o bote no Aguapehy, e navegando nelle, entrou no Jauru' e deste no Paraguay. Convém advertir que, pelo pequeno cabedal d'aguas que levão estes dous rios no tempo da sêcca, e pela estreiteza dos seus canaes, só se proporciona este trajecto na estação das chuvas e das enchentes; até, para se superarem as cachoeiras, das quaes duas são mais notaveis, huma no Alegre, quando este rio se encosta ás serras de Santa Barbara; e outra no Aguapehy, treze leguas acima da sua confluencia no Jauru'.

A simples descripção deste sitio levanta a imaginação do contemplador; sem duvida, a natureza predestinou este isthmo para fecho do grande imperio; he aqui o berço dos dous rios gigantes que o abração e circumvallão; a corôa de magestade, collocada no ponto mais culminante de toda terra de Santa Cruz, como a principal atalaia; e para encher o Brazil seus altos destinos, traçou-lhe o genio do commercio vastas e vantajosas proporções.

He evidente, senhores, que são estes dous pequenos rios, Alegre e Aguapehy, os que satisfazem o sentido obvio e litteral do art. 10 do tratado de limites de 1777, tomado na sua ampla accepção, visto a inadmissivel e manifesta impossibilidade da *linha recta*, mandada tirar da foz do rio Jauru' á do Sararé, a qual deixaria com implicancias e embaraços para a corôa de Hespanha os mesmos terrenos de que este alto contractante nos confirma a actual e antiga possessão: ficaria de melhor vantagem no mesmo que cede, quando renuncia pelo artigo 20 toda a posse e direito que allegue a elles; o que já no artigo 10 se ordena positivamente se não observe, buscando-se outros rios e balisas naturaes entre o Jauru' e o Guaporé, para encher os expressados fins. Estes pontos, balisas ou rios só podem ser os ditos — Alegre e Aguapehy — privativamente, e as serras e terrenos de que nascem e regão; elles os que formão a mais proxima communicação entre o Paraguay e o Amazonas; limite o mais natural e conforme ao sentido dos artigos 4, 10 e 13. Por maior que fosse a parcialidade com que foi forjado este tratado de 1777, não pôde deixar de curvar-se aos dictames da razão e da equidade natural: assim, no artigo 16 do citado tratado, determinou-se aos commissarios que nessa demarcação da linha

---

aquelle bello soneto, que o marechal *Luiz Paulino*, poeta brazileiro, ali mesmo improvisára, quando os Francezes, senhores de Portugal, mandárão desarmar a tropa lusitana:

A teus pés, fundador da monarchia,
Vai ser a lusa gente desarmada;
Rende hoje a traição a forte espada
Que jamais se rendeu a valentia.

Oh! rei! se minha dôr, minha agonia
Penetrar póde sepulcral morada,
Arromba a campa, e com a mão mirrada
Corre a vingar a affronta deste dia.

Eu, fiel, qual te foi — Muniz — teu pagem,
Fiel sempre serei; grata esperança
Me sopra o fogo de immortal coragem.

E o pranto que a teus pés minha dôr lança
Recebe-o, grande rei, por vassalagem
Aceita-o, em protesto da vingança.

e tristemente partio de Coimbra.... Na Figueira embarcou-se para o Rio de Janeiro.

« — Na terra vaga errante o infeliz exilado. Senhor, tende piedade delle! — »

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

PARTE II. — Rio de Janeiro.

I.

Aquelles que hum dia, longe dos patrios lares, longe da casa paterna, volvêrão seus pensamentos para remotos tempos da infancia, em que tudo em torno lhes parecia sorrir desde a planta até o homem, em que tudo revelava amor, e exprimia prazer.... podem formar huma idéa, senão exacta, ao menos approximada, do estado de hum emigrado, só, e isolado em hum mundo que lhe não falla, que não o entende, nem o ouve!...

Embora fosse bello o paiz, civilisados e hospitaleiros seus habitantes, pittorescas suas montanhas, magestosas suas arvores, ha entretanto no homem huma idéa fixa — *innata* — que, rasgando o painel de hum passado que lhe fôra agradavel, mais ainda o afformosêa, com encantos maiores o desenha no espirito... e então a dura saudade, esse terrivel e doce espinho que tortura, mas que alimenta, que envenena os instantes da existencia, dourando-a entretanto, sabe imprimir n'alma huma dôr, hum sentimento indefinido, que nada poderá vencer e dominar!....

Os medicos achárão hum nome technico para exprimir essa idéa, tão familiar aos infelizes que amão sinceramente o seu paiz natal. Ella produz huma molestia incuravel que, pouco a pouco, vai definhando o corpo, e approximando o homem do sepulcro... Chamão-lhe *nostalgia*.

Eugenio admirava o bello paiz que lhe offertára hum asylo seguro... mil vezes se extasiava diante de bellezas tamanhas, que seus olhos nunca encontrárão na Europa. Entretanto, elle dizia consigo: — He sublime esta natureza, são bellas estas arvores, são lindas estas flores; mas, não são a natureza, as arvores, as flores do meu paiz natal.

E que lagrimas, que pranto copioso lhe escapavão dos olhos e lhe inundavão a face, quando, com seu pensamento, elle media a distancia que o separava de sua amante e de sua patria; quando elle via, como huma barreira invencivel, esse oceano immenso que se collocára no meio para aterrar as imaginações, separar homens que se procuravão e se entendião... oceano sem principio nem fim; immovel hoje, enfurecido amanhã; risonho agora, tenebroso logo...

Quantas vezes, passeando elle pelo morro do Castello, ai, ahi, esperando a vista pela vasta bahia do Rio de Janeiro, vendo entrar e sahir quotidianamente navios para todas as partes do mundo; ao abrir de cada véla que se largava, ao menor movimento que faz a embarcação quando ergue a ancora e se dirige ao mar, sentia seu coração despedaçar-se-lhe, e huma voz interna como que convida-lo a enviar pelos ventos á patria as tristes saudações de hum exilado que, com o pensamento nella, de dôr definhava longe.

« A felicidade, dizia elle comsigo, não he mais que huma irrisão terrivel... Embora no berço mil brados de alegria nos saudassem, embora nossa infancia se embalsamasse com perfumes e amor; hum anjo, hum anjo embora descesse do céo para adoçar nossos dias, encantar nossas horas, alegrar nossos instantes, nem assim poderiamos dizer — Somos ditosos! — porque a felicidade he huma especie de sonho sem sentido, de loucura de momento! A felicidade he palavra sem significação, sem objecto que exprima!

« Eu tinha huma mãi que amava; trocava de continuo com ella sorriso por sorriso, caricias por caricias. Ella morreu, no entanto!... Feliz! oh! que não!... Meu pai a torturava!...

« Restava-me huma amante... Oh! Isabel! Isabel! Quando pronuncio este nome, elle queima-me o coração como huma lava do Vesuvio...

« Tinha huma patria; que he feito della? Homens indignos lhe sorvem a ultima gota de sangue!... Só o infeliz emigrado póde comprehender o que seja huma patria!...

« Huma mãi, huma amante, huma patria, não te peço mais nada, oh! meu Deos!... »

II.

No Brazil, violentas commoções rebentavão todos os dias; a guerra civil parecia imminente, porque os partidos estavão exasperados, as paixões irritadas, e o governo impotente e fraco. Huma luta terrivel se preparava; luta desastrosa para o paiz, porque della resultou a sahida do homem que desprezára sceptro, corôa, reino, familia e paiz natal, para unir seu destino á sorte de hum povo nascente, partilhar seus trabalhos, suas fadigas e sua gloria!.. luta não manchada no seu principio com o sangue de irmãos, mas que, relaxando no futuro todos os laços da sociabilidade e união, preparou as sanguinarias rebelliões do Pará, Bahia e Rio Grande.

D. Pedro I, o heróe da independencia do Brazil, abdicou a corôa em favor de seu filho; deixou o seu paiz de adopção e partio, para de novo empunhar as armas e combater pela liberdade de outro povo...

Seu nome inscreveu-se na pagina a mais gloriosa dos annaes de duas nações, huma que na hora da decadencia pretendia regenerar-se, e a outra encetando apenas a sua carreira.

Eugenio correu com enthusiasmo a alistar-se nas fileiras dos bravos que devião salvar Portugal das garras do despotismo atroz que sobre elle pesava... Novamente sacrificava-se pela liberdade... mas agora com prazer maior, com mais sublime enthusiasmo. Elle ia rever aquelles lugares aonde se deslisárão seus primeiros annos; rever Isabel: que lhe importava o resto?

Liberdade! liberdade! És tu hum sonho vão, hum relampago passageiro, que passas e desappareces? Rios de sangue humedecêrão teu berço; queres ainda mais pranto, mais lagrimas, mais dôres e mais sangue? . . . . . .

FIM DA SEGUNDA PARTE.

P. S.

(Continuar-se-ha.)

Anno XIV. Sabbado 16 de março de 1839. N.° 63.

JORNAL DO COMMERCIO.

Rio de Janeiro. Impresso no prélo mechanico da typographia imperial e constitucional de J. Villeneuve e Comp.

ADVERTENCIA.

O JORNAL DO COMMERCIO se publica diariamente; o preço da assignatura he de 16$000 Rs. por anno; folha avulsa 160 Rs.

Os annuncios e avisos publicão-se no *Jornal do Commercio*, a razão de 80 Rs. por cada linha.

Todas as correspondencias, artigos communicados e reclamações, vindos das provincias, devem ser dirigidos aos editores, em cartas *francas* de porte.

O *Jornal do Commercio* publica todos os sabbados huma revista commercial, os preços correntes dos generos de importação e exportação, o resumo das fazendas importadas e exportadas, a lista das embarcações estrangeiras surtas no porto, etc.

PARTIDAS DOS CORREIOS.

Ouro Preto, S. João d'El-Rei, Valença, Vassouras, Parahyba, Iguassú, Freg. do Paty do Alferes: 2, 7, 12, 17, 22 e 27.

S. Paulo, Itaguahy, S. João do Principe, Rezende, Baependy, Campanha, Pouso Alegre, Freg. do Pouso Alto, Pirahy, Arrozal, Angra dos Reis, Paraty, Mangaratiba, Freg. de Mambucaba: 3, 8, 13, 18, 23 e 28.

Campos de Goitacazes, Macahé, S. João da Barra, Maricá, Aldêa de S. Pedro, Cidade de Cabo Frio: 4, 9, 14, 19, 24 e 29.

Cantagallo, Nova Friburgo, Magé, Santo Antonio de Sá, S. João de Itaborahy, Freg. de S. Bernabé e Santa Anna: 3, 13 e 23.

Nitherohy: todos os dias.

EFEMERIDES E METEOROLOGIA.

☾ Mingoante a 8, ás 10 h., 38 m. e 41 seg. da manhã.
● Nova a 15, ás 11 h., 19 m. e 41 seg. da manhã.
☽ Crescente a 22, ás 2 h., 35 m. e 29 seg. da manhã.
○ Cheia a 30, ás 11 h., 25 m. e 47 seg. da manhã.

15 de março.

Thermometro Fah. 77°, 78°, 79°.
» Reaum 20°, 20° 4/9, 20° 8/9.
Ventos. De manhã, Sul.
De tarde, S.-S.-O.
Tempo nublado, mar chão.

16 de março.

Nasc. do sol, 5 horas e 56 min.
Occ. do sol, 6 horas e 4 min.
Maré cheia, de M., 3 h. 45 m., de T., 4 h. 9 m.

CAMBIOS NO DIA 15 DE MARÇO.

As 3 horas da tarde.

Londres	32
Paris	320
Hamburgo	500
Ouro em barras	
Dobrões hespanhoes	31$300 a 31$400
» da patria	31$300
Pesos Hespanhóes	1$850 a 1$900
» da Patria	1$850 a 1$900
Moedas de 6$400 velhas	15$700 a 15$800
» » novas	14$700 a 14$800
» de 4$000	8$000 a 8$100
Prata	91 1/2 a 92 1/2
Apolices de 6 por cento juro	79
» 5 » »	nominal.
Acções da Comp. dos Paq. do vapor.	
» » Nitherohy	
» » dos Omnibus	
» » Monte Soccorro	
» » Banco	

RIO DE JANEIRO.

No dia 25 do corrente partirá para o Rio Grande huma nova expedição de 400 homens, no brigue barca de guerra *Vinte Nove de Agosto* e no patacho mercante *Maria da Gloria*.

O Sr. Francisco de Assis Peregrino, enviado pelo governo da provincia de Minas para estudar em Paris, communicou-nos o seguinte artigo, que os nossos leitores acharão interessante. O Sr. Peregrino possue o curioso instrumento de que ali se falla, e conhece perfeitamente o seu mechanismo.

NOTICIA SOBRE A REGOA DE CALCULAR,

chamada regoa ingleza ou sliding rule, instrumento pelo qual se póde obter á vista, sem penna, lapis nem papel, e mesmo sem saber arithmetica, o resultado de toda especie de calculo numerico.

Huma noticia publicada por Mr. Jomard, membro do Instituto, no boletim da sociedade dita d'encouragement, em 1816, depois de hum relatorio de Mr. Ampère, ácerca do arithmographo ou regoa logarithmica circular de Mr. Gatay, nos faz conhecer que os Allemães fôrão os primeiros que tiverão a engenhosa idéa de traçar os logarithmos sobre hum instrumento semicircular.

Algum tempo depois, Scheffelt traçou as divisões sobre hum pé (medida), e Gunter (Inglez) applicou a este mesmo pé huma escala logarithmica movediça. Em 1761, Lambert mandou executar em Augsbourg grandes regoas de quatro pés de comprimento, que davão até as duas millesimas partes dos numeros.

Depois da invenção das regoas logarithmicas, nada mais importava do que tornar a sua execução perfeita e o seu uso popular: em 1778 Mountain, em 1802 Makay, em 1814 Jones, fôrão successivamente aperfeiçoando a construcção deste instrumento.

A regoa de Mr. Jones foi descrita por Mr. Jomard no boletim da sociedade acima mencionada, folheto de agosto de 1815, época em que este sabio induzio a Mr. Lenoir filho, fabricante real para os instrumentos scientificos, a se occupar da construcção da regoa logarithmica, afim de tornar seu uso geral, como entre os Inglezes.

Mr. Lenoir executou primeiramente a regoa proposta por Mr. Jomard, e calculada por Mr. Collarbœuf, cuja parte dividida tem 35 centimetros: fez depois a de 25 centimetros, cujas divisões fôrão calculadas por Mr. Collardeau, discipulo da escola polytechnica, e que publicou em 1820 a primeira instrucção franceza sobre este instrumento, tomando por guia a instrucção ingleza, que lhe tinha sido dada por Mr. Hachette, logo que voltára da Inglaterra.

Todavia, ha apenas dous annos que Mr. Lenoir tem podido chegar a aquelle grão de perfeição, de que era susceptivel este importante instrumento, de cuja precisão nas divisões depende toda a exactidão dos calculos.

Com este instrumento que, pela sua fórma, he chamado em Inglaterra sliding rule (regoa movediça), e ao qual se deu primeiramente em França o nome de regoa logarithmica, porém, que he hoje conhecido pelo nome de regoa de calcular, se póde obter em hum instante o resultado de longos e penosos calculos, que por este meio não são senão hum brinquedo.

Util ao homem instruido, a quem ella dispensa de huma multidão de operações monotonas, que não podem nem attrahir a sua attenção e nem della privarem-se inteiramente, a regoa de calcular não offerece menor vantagem a aquelle que, por falta de meios ou de tempo necessario a certos estudos, não poderia, sem o seu soccorro, chegar aos resultados que por meio della se pódem obter; e, porisso, póde-se dizer que todas as classes da sociedade são chamadas a gozar desta invenção, cujo uso tornar-se-ha cada dia mais commum.

A utilidade das regoas de calcular tem sido de tal sorte reconhecida em Inglaterra, que, nas escolas, os meninos que aprendem a lêr, são obrigados a aprender ao mesmo tempo a trabalhar com ellas; e o mesmo se começa hoje a praticar em França.

ASSEMBLÉA PROVINCIAL DO RIO DE JANEIRO.

SESSÃO EM 14 DE MARÇO.

Presidencia do Sr. Freitas Magalhães.

A's 11 horas da manhã feita a chamada, achárão-se presentes 21 Srs. deputados: o Sr. presidente declarou aberta a sessão, e lida a acta da antecedente foi approvada.

O Sr. 1° secretario deu conta do seguinte expediente:

Officio do secretario do governo da provincia, enviando o authographo da resolução desta assembléa, sanccionada pelo Exm. presidente da provincia, autorisando-o a fazer as despezas necessarias com a exploração e orçamento de huma estrada que communique a villa de Vassouras com a estrada do commercio: — Ao archivo.

Dito do mesmo secretario, communicando ficarem expedidas as necessarias ordens á camara de Itaborahy e ao major, chefe da terceira secção das obras publicas, para que informem acerca de qual seja a mais commoda e preferivel divisão para a nova freguezia da extincta Villa Nova de S. José d'El-Rei: — Ficou a assembléa inteirada.

Dito do mesmo secretario, enviando o officio da camara municipal de Campos, de 2 do corrente, acompanhado das informações dadas pelos parochos das freguezias de S. Salvador e de S. Sebastião, relativas á mortandade produzida no anno proximo preterito por molestias endemicas e epidemicas: — A' commissão de saude publica.

Do mesmo secretario, transmittindo o officio da camara municipal de Nova Friburgo, enviando as informações acerca das molestias endemicas e epidemicas que reinárão no seu municipio, durante o anno findo, e estado da vaccina: — A' mesma commissão.

Dito do mesmo secretario, remettendo por copia as informações dadas pelo reitor interino do seminario de Jacuecanga, acerca do estado de semelhante estabelecimento, enviando a conta corrente de suas dividas activas e passivas, a que se refere S. Ex. o Sr. presidente da provincia, no seu relatorio: — A's commissões de instrucção publica e de fazenda.

Dito do mesmo secretario, remettendo a planta dos atterros, pontes e vallão do — Cahe tudo — a que se refere o relatorio de S. Ex. o Sr. presidente da provincia: — A' commissão de obras publicas.

Dito do mesmo secretario, enviando as copias da deliberação do governo da provincia, de 28 de abril proximo passado, pela qual foi desapropriada a metade da agua que alimenta o chafariz de S. Lourenço desta cidade, e que para seu uso reservára o conselheiro José Caetano de Andrade Pinto, quando cedeu a outra metade para uso publico, e bem assim do contracto com o mesmo conselheiro, celebrado naquella data pelo mesmo governo, afim de que a assembléa decrete os fundos para os pagamentos da quantia ajustada: — A' commissão de fazenda.

Do mesmo secretario, remettendo huma representação dos moradores além do Rio Guandu', das freguezias de Itaguahy, Marapicu', e S. Pedro e S. Paulo do Ribeirão das Lages, insistindo na necessidade de ser elevada a freguezia a capella do Bananal: — A's commissões ecclesiastica e de estatistica.

Do mesmo secretario, enviando a copia do contracto celebrado pelo governo da provincia, a 31 de agosto passado, com huma companhia organisada em Campos, para a construcção de huma ponte sobre o rio Parahiba, entre os limites do Fundão e da Lapa, remettendo a respectiva planta: — Ficou a assembléa inteirada.

Dito do mesmo secretario, remettendo por copia hum officio da camara municipal do Pirahy, pedindo autorisação de gastar a quantia de 240$ rs., no futuro anno financeiro, com o aluguel de huma casa para a escola publica do seu municipio: — A' commissão de fazenda.

Dito do mesmo secretario, enviando huma representação de varios negociantes da villa de Iguassu', na qual ponderão os inconvenientes que soffre o seu commercio com a execução da lei provincial n. 18 do anno passado, e a informação dada a semelhante respeito pela respectiva camara municipal: — A' commissão de fazenda.

Dito do mesmo secretario, remettendo as informações acerca dos curatos da provincia, e numero de seus fogos, faltando apenas os dos municipios de Magé e Barra Mansa, cujas informações se exigião de novo das respectivas camaras: — Ao Sr. deputado que fez a requisição.

Foi remettido á commissão de fazenda hum requerimento do professor de grammatica latina desta cidade, João Chrisostomo da Rocha e Araujo, pedindo huma indemnisação pecuniaria para aluguel de casa.

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA.

Foi lido hum parecer da commissão ecclesiastica, em deferimento do requerimento do marquez de S. João Marcos, offerecendo a seguinte resolução, que foi a imprimir para entrar na ordem dos trabalhos:

« A assembléa legislativa provincial resolve:

« Art. unico. O Ribeirão dos Macacos e o alto da serra de Santa Anna ficão sendo pontos de divisão de territorio entre a freguezia da Sacra Familia e a de S. Pedro e S. Paulo do Ribeirão das Lages, e consequentemente dos municipios de Vassouras e Itaguahy, no encontro dos districtos das freguezias referidas.

« Paço da assembléa, 14 de março de 1839. — *M. A. da Silva. — J. C. Monteiro. — Santos Lobo.* »

Foi lido igualmente hum parecer da commissão de obras publicas, sobre huma representação da camara municipal de Valença, offerecendo a seguinte resolução, que foi a imprimir para entrar na ordem dos trabalhos:

« A assembléa legislativa provincial resolve:

« Art. 1.° Fica autorisada a camara municipal da villa de Valença a despender até a quantia de hum conto de réis com o encanamento das aguas para o chafariz da mesma villa, segundo o plano adoptado pela directoria, e que fôr approvado pelo presidente da provincia.

« Art. 2.° Ficão derogadas as disposições em contrario.

« Paço da assembléa, 14 de março de 1839. — *J. F. Vianna. — Santos Barreto. — F. Carneiro de Campos.* »

Foi lido e approvado hum outro parecer da mesma commissão, pedindo informações ao governo da provincia sobre o estado da obra do rio Casseribu', e huma copia do contracto celebrado com o empresario da dita ponte.

Foi lido e julgado objecto de deliberação, indo a imprimir, hum projecto do Sr. deputado I. M. Alvares de Azevedo, declarando de utilidade publica a desapropriação do terreno em que está situada a villa de Iguassu'.

Forão lidos e approvados os seguintes requerimentos:

« Requeiro que se peça ao Exm. presidente desta provincia a planta e perfil do chafariz, projectado para esta cidade. — *Santos Barreto.* »

« Requeiro que se pergunte, por intermedio do presidente da provincia, á camara municipal de Nitherohy, a razão porque, sendo autorisada, assim como as outras camaras da provincia, a fazer a despeza necessaria com o reparo urgente das estradas do municipio, segundo a resolução desta assembléa, de 12 de maio de 1838, n. 14, não tem todavia providenciado cousa alguma ao dito respeito, fazendo sentir ao povo os graves incommodos que são notorios, a ponto de se tornarem transitaveis apenas por gente de pé e a cavallo, os caminhos que outr'ora forão de carro, como tive occasião de observar a meia legoa de distancia deste lugar. — *Souza França.* »

SEGUNDA PARTE DA ORDEM DO DIA.

Continuou a discussão dos pareceres das commissões ecclesiastica e de fazenda, sobre o requerimento do vigario de Suruhy, Joaquim Valerio Lizardo e Rego, adiados pela hora na sessão de hontem: depois de longa discussão, foi approvado o parecer das commissões, indeferindo a pretenção do supplicante de ser aposentado, ficando prejudicado o parecer em separado, do Sr. Santos Lobo.

Forão approvados em primeira discussão, e passárão para a segunda, os projectos ns. 4 e 5 — C — o primeiro, declarando que os professores de ensino primario, declarados isentos de frequentar a escola normal, tem direito de vencer o ordenado e mais vantagens da lei provincial n. 1 de 1837; e o segundo, elevando a freguezia o curato do Rio Claro, do municipio de S. João do Principe.

Entrou em segunda discussão o projecto n. 1 — C — sobre a approvação dos compromissos das irmandades e confrarias religiosas da provincia: o artigo 1° foi approvado; ao artigo 2°, o Sr. Souza França propôz a seguinte emenda que foi apoiada e approvada:

« Supprima-se o artigo 2.° »

O projecto passou para a terceira discussão.

O Sr. presidente deu a ordem do dia seguinte, e levantou a sessão ás 2 horas da tarde.

TRIBUNAL DOS JURADOS.

7ª SESSÃO ORDINARIA EM 13 DE MARÇO.

Presidencia do Sr. juiz de direito chefe de policia.

A's 10 horas da manhã abre-se a sessão.

He dispensado de comparecer em toda a sessão, por motivo de molestia justificada, o jurado Sr. Luiz José de Andrade.

He dispensado da sessão de hoje o Sr. João da Costa Leite, e he dispensado por tres dias o Sr. José Maria da Gama e Souza.

He approvado, e chamado para substituir o lugar do jurado que foi dispensado, o Sr. Joaquim José dos Santos.

São sorteados vinte e tres jurados para, em 1° conselho, e depois de prestarem o devido juramento, tomarem conhecimento dos seguintes processos:

1.° Autora a justiça e réo Felicissimo de Menezes Mello e Castro.

2.° Autora a justiça e réo Joaquim José dos Santos.

3.° Autora a justiça e réo Manoel Joaquim, crioulo forro.

4.° Autora a justiça e réo Alexandre José Monteiro da Silva.

5.° Autora a justiça e réo Miguel dos Santos.

6.° Autora a justiça e réos João Caetano de Oliveira e outros.

7.° Autora a justiça e ré D. Izabel de Hungria Marques.

8.° Autora a justiça e réo Francisco das Neves.

O jury acha materia para accusação em todos os processos, excepto nos dous primeiros.

ESTELLIONATO E FALSIDADE — CONDEMNAÇÃO.

Comparece á barra do tribunal o réo preso, Antonio Joaquim Bento, acompanhado do seu advogado defensor, o Sr. Dr. Antonio Carlos Cordeiro.

São sorteados, para formarem o jury de sentença, os seguintes Srs.: José Ribeiro da Silva Leão, Antonio Caetano da Cruz, José Maria de Andrade, Antonio Martins dos Santos Porto, Joaquim José da Silva Guimarães, Joaquim Moreira Garcez, Luiz Sebastião Fabregas Surigué, Luiz Pinto Guedes, João Pedro Carvalho de Moraes, Ezequiel da Rocha Freire, José Corrêa da Silva e Candido Miguel de Souza Carvalho. Occupão seus respectivos lugares, e prestão o juramento do estilo.

Procede-se ao interrogatorio do réo, que diz chamar-se Antonio Joaquim Bento, natural de Portugal, com 48 annos de idade, casado, e que he madeireiro. Perguntado sobre o furto de dous escravos, que consta de sua accusação, e sobre a falsificação de documentos, como consta dos autos, responde que tudo he falso, o que mostraria na sua defesa.

Pela leitura do processo, consta que o réo Antonio Joaquim Bento, combinado com José Custodio Pereira, furtárão no anno de 1832 dous escravos, o primeiro, Thomaz, Benguela, pertencente ao cirurgião, Antonio Alves, o qual foi seduzido pelo réo, e conservado em sua casa por alguns dias; e o segundo, José, Cabinda, escravo de Antonio José de Souza Rebello, roubado pelo réo e por José Custodio Pereira, o qual foi vender os referidos escravos em Maricá a Antonio Esteves, pela quantia, hum de quatrocentos mil rs., e outro de duzentos e cincoenta.

Pelo depoimento das testemunhas, interrogatorios e acareações feitas aos réos com os escravos, consta a existencia do delicto, e bem assim, que o réo e o seu companheiro são os delinquentes. Consta mais que o réo, quando fôra preso, déra na cadêa o nome de Antonio Joaquim de Brito, e que na visinhança do sitio em que era morador, (ladeira do Livramento) não gozava de muito bom credito. Consta, finalmente, que o réo fabricára o papel falso da venda dos escravos, segundo o officio do Sr. intendente geral da policia, e que fôra pronunciado pelo juiz do crime do bairro de Santa Rita, o Sr. José Ignacio Vaz Vieira; e bem assim o seu companheiro José Custodio Pereira, que se separou deste processo.

Terminados os debates, o Sr. presidente faz o resumo do estilo, e entrega o processo ao jury com os competentes quisitos.

O jury, depois de haver conferenciado por espaço de meia hora, volta á sala das sessões, e pelo orgão do seu presidente, o Sr. Luiz Sebastião Fabregas Surigué, responde: a respeito do crime de furto de escravos, quanto ao primeiro quisito que sim, quanto ao segundo que sim, quanto ao terceiro ao medio, quanto ao quarto que sim. A respeito do crime de falsidade: quanto ao primeiro quisito que sim, e quanto aos mais negativamente.

FOLHETIM.

RELIGIÃO, AMOR E PATRIA.

ROMANCE HISTORICO.

PARTE III. — Porto. (1832)

I.

Estamos no Porto, leitor, na cidade mais nobre e mais leal do reino de nossos avós. Ei-la cercada de hum exercito immenso, capitaneado por hum general estrangeiro, que acreditou vencer homens livres, como venceu os escravos do Bey de Argel! — E o povo que guardava e defendia seus muros, era pouco, mas bravo, mas escolhido, que aprendeu a morrer, mas não a entregar-se.... Erão esses poucos homens, que afundárão as frotas do infante nas aguas da Ilha Terceira; os poucos que resistirão ás balas e ao punhal, á morte no campo da batalha, e á morte nos cantos e lugares ermos; erão os poucos que se bateião como cães desesperados, que destruirão e derrotárão as mais bellas tropas do usurpador....

E o seu valor, e o seu enthusiasmo communicava-se a todos que os vião e os rodeiavão. O bello sexo partilhava tambem tamanha gloria: homens e mulheres lutavão em esforços, em denodo, em coragem, em resignação... Homens e mulheres sacrificavão-se alegres e contentes pelo bem e liberdade de sua patria.

(*) *Vide Jornal do Commercio de 12, 13, 14 e 15 de março.*

— Como vai elle? perguntou huma mulher, coberta com hum manto preto, entrando para o hospital dos officiaes, ao medico que delle sahia.

— Melhor, respondeu-lhe o Doutor. — He preciso socego.

E ella se encaminhou com outras mais do seu sexo, que se applicavão a curar e tratar dos feridos, para huma sala, onde se achavão muitos leitos. Sentou-se perto de hum, e, terna e melancolicamente, começou a olhar para quem nelle tranquillamente dormia.

Quem a visse naquella posição, de certo que se admiraria de encontrar huma tão bella senhora empregada em semelhante mister.

Tinha a phisionomia melancholica e romantica das formosas Venezianas, as mais bellas filhas do Adriatico; hum corpo delicado de Franceza, huma graça e doçura de Brasileira, e huns olhos fogosos de Hespanhola. Os cabellos ondeavão-lhe sobre os hombros, tão pretos como o ebano...

— Isabel, disse-lhe o doente, acordando e ganhando vida com o aroma virginal que em torno delle se evaporava; já aqui tão cedo? Como pagar-te tantas finezas?

— Se por ti deixei meus pais, minha familia, que mais poderei fazer, que exceda aquelle sacrificio?

Eugenio, que era o doente, encheu-lhe a mão de mil beijos, e admirou com toda a liberdade huma tão grande devoção, tão sublime amor da parte de huma donzella...

Apenas chegou ao Porto com a heroica expedição que acompanhou o duque de Bragança, elle soube que ali se achava a familia de sua amada, cuja lembrança e amor mais ainda havia exaltado a ausencia de alguns annos; procurou-a immediatamente. Hum minuto mais que tardasse, adeus, nobres sonhos da infancia, adeus, ventura da vida!... porque os pais de Isabel partião novamente para Coimbra, e deixavão o Porto, que acabava de ser tomado e occupado pelo ex-imperador do Brazil.

Isabel não póde sustar a vista de seu amante, ella estava prestes a entrar para hum convento, sepultar no segredo e no mysterio das practicas religiosas huma vida, que ella recusava dedicar a outrem, que não fosse aquelle que sua alma escolhêra, que seu coração dominára.

Deixou familia, e, em despeito dos desejos e esperanças de seus pais, ficou no Porto, e esperava a todo o instante que Eugenio se restabelecesse de huma s feridas que havia recebido no primeiro combate que teve lugar entre as tropas do usurpador e o exercito constitucional, logo que este se fortificou na cidade.

Eugenio considerava-se o homem mais feliz do mundo, por ter conseguido reinar sobre aquelle coração como em hum templo; elle não cessava de admirar, a par de seus encantos physicos, ao lado dessa belleza que eclipsava tudo, aquella candura d'alma, aquelles nobres sentimentos de heroina, que batião no peito de Isabel.

Cada vez mais amoroso, mais apaixonado, elle dividia seus pensamentos entre os cuidados que reclamava o seu posto e emprego, e os carinhos que dedicava a seu amor. Nem a patria, nem Isabel, tinhão razões de queixa, porque elle soube amar a ambos, e com a mesma força; e Isabel unicamente, lembrando-se de quando em quando que huma bala do inimigo o poderia roubar á patria e ao seu amor, deixava cahir algumas lagrimas de seus bellos olhos, que se deslizavão sobre seu bello rosto, como fios de perolas...

II.

O dia havia sido terrivel, e quem olhasse para as aguas do Douro, que, roncando, tristemente marchavão para o oceano, pensaria que o rio só despejava ondas de sangue.

Os dous exercitos, sitiante e sitiado, espantárão se á vista de tanta carnagem. Foi huma das mais terriveis batalhas que tiverão lugar, durante essa época memoravel e gloriosa do cerco do Porto. Os vencedores a denominárão — 23 de setembro.

A noite que succedeu a esse dia pareceu com elle partilhar as dôres. Escura em demasia, verdade he que occultava o horror do campo ensanguentado; mas, quem por ali acaso fosse, a cada passo abatroava-se com hum cadaver, ou escorregava no sangue coalhado que cobria o chão...

Se dos bivaques militares escapava de instante a instante huma luz, como que amortecida, a seu rouxo reflexo, como á tocha de huma furia, scenas se mostravão, que só o inferno poderia igualar... que Satanaz unicamente poderia ver sem estremecimento e horror.

Os edificios da cidade do Porto, e principalmente a *Torre dos Clerigos*, donde pendia huma ou outra luz desgarrada, atravessando o negro horisonte, assemelhavão-se ás ruinas de Thebas e Palmyra, onde somente echôão a voz agoureira do mocho e o canto funebre da coruja. Apenas o silencio do tumulo, que reinava naquelles lugares, era interrompido pelo rumor pezado das vagarosas passadas do soldado que estava de guarda, ou pelos gritos raros e distantes de alguma sentinella perdida.

Hum homem, entretanto, errava pelas margens do Douro que banhão a base do convento da Serra do Pilar. Seria algum genio infernal, que, no meio de tantos horrores, se dirigisse acaso ao campo da batalha, para rir-se, sombar e galhofar com os mortos?

Elle aproximou-se do rio, medio-lhe com os olhos a profundidade, e atirou-se no meio de suas vagas.

Ao barulho, entretanto, das aguas fendidas por seus esforços, a sentinella do Porto grita-lhe, sobresaltada: — Quem vem lá?

Elle estremeceu, hum terrivel pensamento o deteve; se retrocede, a sentinella fará sem duvida fogo; se continúa a atravessar o rio, que resposta lhe ha de dar elle, que ignora o santo e a senha?

O Sr. presidente julga Antonio Joaquim Bento incurso no artigo 264 do codigo criminal, e o condemna em tres annos e tres mezes de prisão com trabalho, multa de dous e meio por cento do valor dos escravos, indemnisação e custas, etc.

O réo protesta por novo julgamento para o jury de Nitheroihy.

Levanta-se a sessão pelas tres horas e meia da tarde.

Pede-se-nos a publicação do seguinte

VOTO DE GRAÇAS DIRIGIDO AO EXM. SR. JOHN PASCOE GRENFELL, CHEFE DE DIVISAÕ, E EX COMMANDANTE DAS FORÇAS NAVAES NESTA PROVINCIA.

Illm. e Exm. Sr. — Os abaixo assignados, devedores da salutar coadjuvação dos não vulgares serviços que V. Ex. prestou, na defeza da integridade do imperio, nesta provincia, dirigem a V. Ex. seu cordial agradecimento. Na ardua e nobre tarefa que V. Ex. tão prudente e tão heroicamente desempenhou, brilhou sempre o saudavel effeito da politica, e o magico poder da valentia, qualidades estas que, caracterisando a V. Ex., gravão nos corações dos abaixos assignados mui vivas saudades, e mui justo pezar pela privação da coadjuvação dos auxilios de V. Ex. na importante empreza que a patria nos tem confiado. Estas saudades e este pezar tem linitivo na esperançosa recordação dos abaixos assignados, que a posição de V. Ex. ha de continuar a influir para de novo raiarem, nesta ensanguentada provincia, dias de paz, dias de ventura.

Os abaixo assignados temem offender a modestia de V. Ex., descendo á descripção dos brilhantes e heroicos feitos de V. Ex.: limitão-se por isso a significar a V. Ex. seus reconhecimentos aos prestantes serviços de V. Ex. a prol da causa legal nesta provincia: voto acompanhado pela aura publica dos gratos rio-grandenses defensores da integridade do imperio e trono constitucional do senhor D. Pedro II: os infrascriptos dirigem constantes votos ao céo, pela prolongação da vida, gloria e bem-estar de V. Ex.

Acampamento aquem do S. Gonçalo, 19 de dezembro de 1838. — João da Silva Tavares, commandante superior da guarda nacional; Manoel dos Santos Loureiro, coronel de legião; Antonio de Medeiros Costa, coronel de legião; João Propicio Menna Barreto, tenente coronel; Francisco Antonio de Menezes, tenente coronel; Manoel Pereira Vargas, tenente coronel; Serafim Ignacio dos Anjos, major; Leonel Gomes Porto Lencino, capitão commandante do 5° corpo; João Nepomuceno da Silva, tenente coronel commandante do 1° batalhão de caçadores; Manoel Cavalcanti de Mello, major do 1° batalhão; Antonio Fernandes Padilha, major graduado; Candido Eufemio Zins Mello, capitão; José Antonio Pinto, capitão; Francisco Victor de Mello Albuquerque, tenente; Joaquim Felizardo, tenente do 3° batalhão de caçadores; Antonio Joaquim de Santa Anna, tenente do 1° batalhão; José Perries, tenente addido do 1° batalhão; Manoel Nunes de Araujo Sudré, tenente do 1° batalhão; João Francisco Cavalcanti de Albuquerque, tenente do 1° batalhão; Victorino José Carneiro Monteiro, alferes; Joaquim José Francisco, alferes; João Baptista de Souza Braga, alferes; José Muniz Tavares, alferes; Francisco José da Silva Cruz, alferes; Manoel de Oliveira Boeno, capitão; Antonio Antunes da Porciuncula, capitão; Francisco da Silva Porto, tenente; José Baptista de Oliveira, tenente; Thomaz Gomes Vianna, alferes; Zeferino Damião Delmon, capitão; Florisbello Antonio de Avila, tenente; Possidonio Antonio de Campos, alferes; Zeferino José de Campos, tenente; Francisco José Feijó, tenente; Antonio de Souza Quadrado, capitão; Serafim Caetano Alves Vieira, capitão; João Nunes da Silva, alferes; João Francisco Pereira, alferes; Marcelino Pereira das Neves, alferes; Albino Caetano, alferes; Agostinho Gomes Jardim, major; Sebastião José do Canto, tenente; Zeferino Antonio dos Santos, alferes; Francisco José Henriques, capitão; Domingos Alves de Castro, tenente; Celestino Gularte Pinto, capitão; Antonio Pinto de Magalhães, tenente; Esmal Antonio de Mello, alferes; Fidencio Velloso de Linhares, alferes; Antonio Guedes de Oliveira, tenente; José Carneiro de Fontoura, alferes; Salvador José de Lima, alferes; José Pinto de Araujo, alferes; José Maria Alvares, alferes; Bernardo José de Freitas Guimaraes, alferes; João Antonio Severo, capitão; José Luiz Ozorio, tenente; João Machado da Silveira, capitão, Antonio Israel Ribeiro, capitão; Antonio Rodrigues de Figueiredo, capitão; Boaventura da Costa Torres, capitão; Manoel de Abreu e Silva, tenente; José Saldanha Pereira de Macedo, tenente; Bernardino Vizeu de Almeida, tenente; Antonio José Ferreira Santorião, alferes; Rafael Pinto de Azambuja, alferes; Ricardo de Souza Pereira, alferes; Izaias Antonio Alves, alferes; João Francisco Ilha da Silva, alferes; David Pereira Machado, capitão; Maximiano Soares Lima, capitão; José Joaquim Barboza, alferes; Vencesláo Tavares Leiria, tenente; José Antonio Campos, tenente; Trajano Cezar Burlamaque, tenente coronel commandante do 7° batalhão; Francisco Manoel Accioli, ajudante do 7° batalhão; Antonio Alves de Paiva, tenente da 4° companhia do 7° batalhão; Francisco Rodrigues Cardoso, tenente do 7° batalhão; Joaquim Pinto de Mello, tenente do 7° batalhão; José Joaquim Candido Mauricio, capitão com exercicio de cirurgião; Joaquim José da Cunha Junior, tenente; Joaquim de Pontes Marinho, capitão do 7° batalhão de caçadores de 1° linha; Manoel Francisco Alves, capitão do 7° batalhão de caçadores; José Bento Alvares, alferes do 7° batalhão; Filippe Marques dos Santos, tenente e secretario do batalhão 7° de caçadores; José Vieira Nunes, capitão; Manoel Mathias Velho, capitão; Manoel Luiz Ozorio, major de legião; João Frederico Caldewell, tenente coronel; José dos Santos Loureiro, tenente coronel; José Corrêa da Silva Guimarães, major; Manoel Leite de Azevedo, capitão; Vicente José Pereira, tenente ajudante; Tristão da Silva Pedroso, capitão; Santos Figueiroa, tenente; José Joaquim da Assumpção, alferes; Mariano Francisco da Silva, alferes; Atanazio Seixas, capitão; Antonio Fernandes Lima, capitão; João Borges Vieira, alferes; José da Luz Cunha, tenente; Vicente Ferreira, tenente; Mathildo José de Vargas, alferes; José Fabricio da Silva, tenente; Fortunato Ricardo, tenente; Justo Ferreira de Moraes, alferes; Salvador Ribeiro Pinto, tenente; Pedro Jairy, tenente; Antonio José Dias, alferes; João Jacinto Fogaça, alferes; Francisco Pinto de Moura, capitão; Firmiano Francisco da Silva, alferes; Manoel Corrêa, alferes; Antonio Maria de Magalhães, capitão; Lauriano Soares, alferes; Joaquim dos Santos Loureiro, capitão; Ignacio dos Santos Belmonte, alferes; Lino Pedro Belmonte, alferes; Antonio José Lopes Neto, tenente; Joaquim José Gonçalves Fontes, capitão; Antonio Carlos da Costa Aguiar de Andrade, major; Guilherme Xavier de Souza, 1° tenente; José Joaquim de Mesquita, capitão; Antonio Vaz de Almeida, 1° tenente; Ignacio José de Bastos, capitão; Flordoardo Eloy de Medeiros, 1° tenente; Militão Peixoto de Miranda, tenente; Bernardo José Corrêa dos Santos, tenente coronel graduado; Manoel Luiz Corrêa, alferes; Facundo Antonio Maciel, alferes; Manoel Gonçalves de Faria, alferes; Joaquim Pinto de Moraes, tenente.

RESPOSTA DADA PELO CHEFE DE DIVISAÕ, JOHN PASCOE GRENFELL.

Illms. Srs. — Com sentimentos do mais profundo reconhecimento e gratidão accuso a recepção do voto de graças que VV. SS. me dirigirão do acampamento aquem do S. Gonçalo. O haver merecido o applauso e alleição de tão honrados e valentes Brazileiros he para mim huma das maiores glorias, e ditoso me julgarei se, todavia, poder influir para a feliz terminação de huma contenda em que VV. SS., fieis á lei, á patria e ao imperador, tem feito tantos e tão heroicos sacrificios.

Deos guarde a VV. SS. Bordo da corveta *Dous de Julho*, surta em Montevidéo, 23 de fevereiro de 1839. — Illms. Srs. João da Silva Tavares, commandante superior da guarda nacional, e mais chefes e officiaes que se dignárão dirigir-me o voto de graças, do acampamento aquem do S. Gonçalo, datado de 19 de dezembro de 1838.

N.° 9. — QUARTEL GENERAL, 16 DE MARÇO DE 1839.

Ordem do dia.

S. Ex. o Sr. marechal de campo graduado, commandante das armas interino, manda fazer publico, para conhecimento da guarnição, que, em virtude do decreto de 5 do corrente mez, communicado em aviso da mesma data, ficão extinctas as classes dos Srs. officiaes avulsos, organisadas por decreto de 31 de janeiro de 1833; devendo, em consequencia, os Srs. commandantes das ditas classes fazerem entrega neste quartel general dos archivos dellas e de tudo o mais que lhes fôr concernente, prevenindo aos Srs. officiaes das mesmas que, d'ora em diante, se devem dirigir directamente a este quartel general, e comparecêrem no 1° dia util de cada mez, para a revista de mostra, ás horas do costume.

Outrosim determina o mesmo Ex. Sr., que o Sr. cirurgião-mór do exercito fique encarregado do detalhe do serviço que tiverem de prestar os Srs. cirurgiões desta guarnição, que se não acharem arregimentados. — *Manoel Antonio da Fonseca Costa*, ajudante d'ordens.

EDITAL.

O Dr. Saturnino de Souza e Oliveira, inspector da alfandega desta côrte, faz saber que, no dia 16 do corrente mez, se hão de arrematar em praça, ao meio dia, na porta d'alfandega, 829 volumes, sendo livros e folhetos impressos em portuguez, avaliados por 200$ rs., impugnados em factura de Antonio Francisco d'Andrade, pelo 1° escriturario da alfandega, José Ribeiro da Silva; 20 peças de oleados, de 9 a 11/4, 30 cobertas de dito para mesas, de 9 a 12/4 em quadro, e 6 ditas de 10 a 12/4 de largo, com 20/4 de comprido, por 300$, impugnadas em factura de Guilherme Joppert, pelo 2° escriturario, Luiz Vieira da Costa; 60 peças de oleados para mesas, de diversas larguras, por 300$, impugnadas em factura de M. R. Carneiro, pelo 1° escripturario, Rafael Pereira de Carvalho; sendo tres arrematações sujeitas a direitos e expediente. Rio de Janeiro, 14 de março de 1839. — *Saturnino de Souza e Oliveira.*

DECLARAÇÕES.

De ordem do Sr. Dr. juiz de paz do 1.° districto da Candelaria se faz publico que a audiencia deste juizo, que devia ter lugar no dia terça feira 19 do corrente, por ser dia santo, fica transferida para o dia 20 seguinte; e assim se ficará cumprindo em iguaes circumstancias. — O escrivão, *Antonio Candido Gaivoto Guimarães.*

— Faz-se publico que, pelo juizo municipal desta côrte, escrivão Barroso, correm os 9 dias de pregão para a venda e arrematação do brigue escuna *Diligente*, capturado pela corveta de guerra ingleza *Electra*, pelo prohibido trafico de Africanos, em cumprimento de sentença da commissão mixta brazileira e ingleza, cujos pregões findão em 23 do corrente mez de março, depois do que haverão tres praças successivas, e será arrematado na ultima, avaliado em 1:500$ rs., pela mestrança do arsenal (assim como todos os outros), e se acha depositado no trapiche de Alexandre Dyoth, defronte de S. Francisco da Prainha. Outrosim se faz publico pelo mesmo juizo, que são findos os nove dias de pregão do brigue escuna *Feliz*, e vão correr as tres praças da lei, sendo a primeira segunda feira 18 do corrente mez, a segunda quinta feira 21 do mesmo, e se ha de arrematar na terceira praça. Rio de Janeiro, 15 de março de 1839. — O escrivão da arrematação, *José Alves Barroso.*

— Amanhã domingo, pelas 4 horas da tarde, haverá sessão do conselho da sociedade — Bem estar dos caixeiros.

☞ A directoria da companhia de navegação de Nitheroihy convida aos Srs. socios para se reunirem na rua do Sabão n. 37, ás 5 horas da tarde do dia 18 do corrente, afim de se discutir o parecer da commissão de emenda aos estatutos. Rio de Janeiro, 13 de março de 1839. — *Luiz Ferreira Chaves*, secretario.

☞ Faz-se publico que, do dia 15 do corrente em diante, as barcas da carreira trabalharão da fórma seguinte: em dias de trabalho andarão a navegação ás 6 horas da tarde, e em dias de guarda ás 7 horas, sendo a ultima barca de S. Domingos ás 5 horas, em dias de trabalho, e em dias de guarda ás 6 horas. Rio de Janeiro, 11 de março de 1839. — *Luiz Ferreira Chaves*, secretario.

COMPANHIA FLUMINENSE DOS OMNIBUS.

Pauta geral dos dias uteis.

Da cidade a Botafogo, ás 7, 8 e 9 horas da manhã, e ás 3, 4, 5 e 6 horas da tarde.

Da cidade ao Engenho Velho, ás 8 horas da manhã, e ás 2 1/2, 5 1/2 horas da tarde.

Da cidade a S. Christovão, ás 6 1/2, 8 1/2 horas da manhã, e ás 2 1/2, 5 1/2 horas da tarde.

Da cidade ao Areal, ás 6 1/2, 8 1/2 horas da manhã, e ás 2 1/2, 5 1/2 horas da tarde.

De Botafogo á cidade, ás 7, 8, 9 e 10 horas da manhã, e ás 4, 5 e 6 horas da tarde.

Do Engenho Velho á cidade, ás 7 e 9 horas da manhã, e ás 4 1/2 horas da tarde.

De S. Christovão á cidade, ás 7 1/2, 9 1/2 horas da manhã, e ás 3 1/2, 6 1/2 horas da tarde.

Do Areal á cidade, ás 7 1/2, 9 1/2 horas da manhã, e ás 3 1/2, 6 1/2 horas da tarde.

As viagens extraordinarias, nos sabbados e domingos, ou dias santos de guarda, serão annunciadas no escritorio da mesma companhia. Rio de Janeiro, 16 de março de 1839.

Inspector do ponto central, *Santos.*

REPARTIÇÃO DA POLICIA.

Relação das pessoas despachadas no dia 15.

PORTO — Manoel José Pereira Mendes, natural de Bastos, subdito brazileiro, e leva comsigo sua cunhada, Maria José Villela, e mais dous sobrinhos, Antonio Pereira Mendes e Manoel José Pereira Mendes.

José Bazilio de Gouvêa.

THEATROS.

S. JANUARIO.

Domingo 17 do corrente representar-se-ha o drama em 2 actos, intitulado

A EXEMPLAR CARIDADE DE SANTA ISABEL,

RAINHA DE PORTUGAL.

Os finaes dos actos serão ornados com o apparato proprio, harmonias e côros. Apenas termine, terá lugar a excellente aria, acompanhada a côros, da opera — Moysés no Egypto — composição de Rossini, cantada pela actriz Margarida Lemos.

Rematará o espectaculo com o muito bem aceito drama, denominado

OS MONGES DE TOLEDO.

Os bilhetes de camarotes e cadeiras achão-se á venda no escritorio do theatro.

FRANCEZ.

RUA DE S. FRANCISCO DE PAULA.

O Sr. Leroux, physico muito conhecido na Europa, e em diversos pontos da America, tem a honra de annunciar ao publico desta côrte que elle dará, domingo 17 do corrente, hum bem escolhido espectaculo, cujo programma he o seguinte:

Primeira parte. — Prestigios.

1.° A laranja encantada; 2.° o bombardeamento; 3.° a distribuição das flores; 4.° o obelisco; 5.° a bella Milaneza; 6.° o feiticeiro do tempo; 7.° a caixa mysteriosa; 8.° a galeria de Versailles.

Segunda parte. — Jogos hydraulicos.

Neste admiravel divertimento, verificado entre fogos e artificios, representar-se-ha: 1.° o triumpho de Neptuno; 2.° as cascatas de S. Cloud; 3.° o sol de agua; 4.° o chapéo chinez; 5.° a maquina pneumatica.

Terceira parte. — Phantasmagoria.

O Sr. Leroux, possuidor da famosa phantasmagoria de Robertson, representará huma variedade de quadros, cuja enumeração seria muito extensa. — *N. B.* O theatro não ficará ás escuras.

Os bilhetes achão-se á venda no theatro francez, rua de S. Francisco de Paula, e na rua do Ouvidor n. 65. A galeria e a platéa serão franqueiadas, tanto aos homens como ás senhoras. Preço da galeria, 1$500 réis; da platéa, 1$000 réis.

PARTE COMMERCIAL.

PERNAMBUCO, 2 DE MARÇO.

O bacalhão do brigue *Despatch*, de Jersey, vendeu-se a retalho a 10$200 e 10$500. As duas cargas pelo *Manchester* e *Gorland*, de Terra Nova, seguirão para a Bahia. O assucar vendeu-se a 1$550, e ha toda a probabilidade de baixar mais. Farinha, 17 a 18$000 rs.; carne secca, 2$800; vinho de Tarragona, 55$ rs., ultima venda; de Lisboa, tinto, 85 a 88$000. Fretes, libras 3 a libras 3. 5. Cambio, 30 1/2 firme. Da Bahia chegou o vapor *S. Salvador* com a noticia de estar o cambio ali a 32 d. Nada tem chegado moderno da Europa, ou portos a sota-vento. O ultimo navio de Liverpool, o *Medium*, não adianta cousa alguma. O *S. Manoel Augusto* sahio para essa em 27 do passado. (*Carta particular.*)

REVISTA SEMANAL.

Rio de Janeiro, 15 de março de 1839.

IMPORTAÇAÕ.

A escassez de entradas, junto á apathia que tem reinado nas vendas, desde a nossa ultima revista, mingoa de materia offerece para tratar. Apenas em farinha tem o mercado apresentado animação sensivel; em todos os mais artigos o movimento foi insignificante; e até muitos houvêrão, (que os mais delles forão) que soffrerão completo empate.

AGUARDENTE: — Este artigo, por isso que de ordinario faz parte dos carregamentos de vinho, tem tido a sorte destes, a qual he como se verá debaixo da respectiva rubrica.

AZEITE DOCE: — Os preços estão mais frouxos. Algum ha que se vendêra por menos do preço minimo cotado.

CERVEJA: — Vendeu-se alguma, ingleza, a 4$200 e 4$500; e huma porção hamburgueza, a 3$400.

CARNE SECCA: — As vendas forão pequenas e os preços estiverão frouxos.

CABOS DE CAIRO: — Vendêrão-se os que chegárão ultimamente.

CARNE SALGADA: — He procurada.

FARINHA DE TRIGO: — As transacções neste artigo tiverão bastante actividade no decurso da semana: os preços continuárão a melhorar, e as vendas deitárão a mais de 7,000 barricas, o que reduz o deposito em primeira mão a obra de 8,000, incluindo a carga entrada hontem de Richmond. As noticias recebidas do exterior são muito favoraveis para o artigo, não só pelo augmento dos preços, e diminuição de depositos, como tambem em consequencia de ordens para compras. Os embarques esta semana andão por 4,000 barricas para a Bahia, Montevidéo, Rio Grande e Cabo de Boa Esperança. Pelas ultimas noticias de Pernambuco havia ali apenas 3,500 barricas e tinha-se vendido *Baltimore* a 21$.

VINHOS. — *Mediterraneo*: — Não nos consta que houvessem vendas para consumo. A apathia em que o mercado tem estado para este artigo, junto ás noticias favoraveis que a respeito delle se recebêrão do Rio da Prata, induzirão a fazer seguir para ali tres carregamentos, a saber: os do *Veloz*, *Napoleon* e *Procer*; além destes, falla-se que terão igual destino huma carga chegada do norte esta semana, e outra que aqui se comprára antes de hontem para reexportação, a preço que, por ora, não se tem publicado. Com a sahida destes cinco carregamentos ficará o nosso mercado muito aliviado do peso que nelle fazia o avultado deposito de vinhos do Mediterraneo, que d'est'arte se tornará consideravelmente reduzido.

— *Portugal*: — Continua o empate nas vendas de *Porto*, cuja qualidade he, como temos avisado, communmente inferior. *Figueira*: vendeu-se huma porção de muito boa qualidade a 104$ rs. Ha em ser mais algum, vindo no mesmo carregamento, o qual, porém, segundo nos consta, he inferior áquelle. De *Lisboa P R R* e *Sanguinal*, vindo dos portos do norte, houvêrão vendas de 114$ a 118$ rs., assim como de outras marcas de 80$ a 92$ rs., segundo a qualidade.

VINAGRE: — Qualidade regular *portuguez* tem-se vendido a 48$ rs., e o especial superior até 70$ rs.

EXPORTAÇAÕ.

CAFÉ: — Tem sido muito procurado no decurso da semana. As vendas deitão de 11 a 12,000 saccas de todas as qualidades, e ficáõ em ser pouco mais de 2,000.

Embarcarão no consulado e trapiche da ordem, de 9 a 15 do corrente inclusive	18,829.
Totalidade no decurso do mez.	31,469.
Total desde o 1° de janeiro.	154,[illegible]0.

ASSUCAR: — *Campos.* Nada se fez esta semana. Os preços cotados são os das ultimas vendas, e a elles ha vendedores.

Santos: — Não ha.

Bahia: — Vendêrão se 700 caixas a 2$600 e 2$700 o branco, e 1$600 o mascavo, e ficão em ser apenas humas 60 a 70 caixas.

Pernambuco: — Não ha.

COUROS: — Temos a notar unicamente a venda de huns 2,500 dos grandes. Nos pequenos nada ha feito. O deposito he de 22 a 24,000 de todos os pezos.

AGUARDENTE: — Nada temos a acrescentar por ora ao que dissemos na revista passada, senão que o preço está cada dia mais frouxo, por falta de compradores.

JACARANDA': — Vendeu-se huma porção do superior a preço que não se tem publicado; comtudo, sabe-se que fôra maior de 200$.

CAMBIOS, METAES, ETC.

CAMBIO: — 30 1/4 e nos ultimos dias algumas transacções a 30 sobre *Londres*, 320 sobre *Paris*, e 588 sobre *Hamburgo*, forão os cursos durante a semana, sem que o mercado apresentasse feição notavel, em sentido algum. Hoje fez-se a 30 sobre Londres, 320 sobre Paris e 590 sobre Haml[illegible]o.

METAES: — As onças b[illegible] hum pouco: tendo cahido para 31$300 a 31$40[illegible] 31$600 por que estavão. A prata, pelo contrari[illegible] m sido mais procurada, e tornou a subir de 90 p[illegible] 1 1/2 a 92 1/2. As mais especies não apresentárão differenças notaveis.

FUNDOS PUBLICOS: — Não tiverão alteração de preço no decurso da semana. Effeituárão-se diariamente vendas a 79, e muitos possuidores não querem vender por aquelle preço, aguardando outro melhor.

ACÇÕES DAS COMPANHIAS PUBLICAS: — Poucas forão as transacções neste ramo, e essas a preços tão inconstantes e caprichosos, que possivel não fôra dar huma regular e exacta cotação delles, que servisse de criterio para o valor que as differentes acções tem no mercado. As causas que, de ordinario, em outros mercados operão as oscillações no preço deste artigo, não se tem dado em o nosso, para as vicissitudes disparatadas que diariamente vemos na venda, ora de humas, ora de outras acções. Circumstancias ou

---

Pára, portanto, e espera immovel, apenas erguendo acima d'agua a cabeça. O guarda, nada mais ouvindo, attribue aquelle rumor á correnteza e choque das vagas; immediatamente, porém, de novo elle resôa, e, quem vem lá? grita o sentinella,

— Amigo, responde-lhe do rio huma vóz forte.

— Chegue á falla!

E a sentinella o foi reconhecer.

— Meu bravo, disse-lhe o homem, eu não sou espião. Toma este dinheiro. Eu te juro que aqui venho por causa de huma moça somente.

— Aqui não se passa, recuai, respondeu-lhe o guarda, ide á outra sentinella.

Então o homem se encaminha para a outra sentinella, que estava postada na distancia de trinta passos daquelle lugar. Offereceu-lhe o dinheiro, a sentinella recebeu-o, e entrou na cidade.

No seguinte dia, no lugar reservado ao supplicio dos trahidores, hum desgraçado, com os olhos vendados e de joelhos, recebia vinte balas no coração.

Era a segunda sentinella que se fuzilava . . .

A primeira, acaso adevinhais quem seja?

O proprio duque de Bragança, ex-imperador do Brazil!!!

III.

— Ai! gritou Isabel, saltando de seu leito, toda tremula. Quem sois vós? Que audacia aqui vos trouxe?

— Quem sou? respondeu-lhe hum homem alto, magro, com a physionomia pallida e macilenta, e acompanhando esta phrase com hum riso sardonico e infernal. Quem sou? pois assim esquecesto Coimbra e seus habitantes, e tua propria familia?

— Antonio Gonçalves! gritou ella, reconhecendo-o! . . .

— Sim, Antonio Gonçalves! E cuidaves que elle te havia desamparar no meio de huma soldadesca sem disciplina, sem freio; de homens sem pundonor, sem religião?

— Dei-vos, por ventura, o direito de velar sobre mim?

— Não, mas tomei-o por minhas mãos, porque te amava.

— Agradeço-vos, e no momento actual vos não posso ouvir fallar assim. Sou casada.

— Sei-o.

— Então deixai-me, e para sempre.

— Oh! Eu deixar-te! Enganas-te; agora que te tenho em meu poder, que te posso calcar a meus pés . . . desamparar a minha victima! . . . Isabel! estamos sós!

Ao ouvir esta palavra, a infeliz Isabel deixou-se cahir sobre o leito, com os olhos espantados, e como querendo sahir fóra de suas orbitas. Ella comprehendeu toda a enormidade do abysmo em que se achava . . . olhou com horror o desprezo para esse homem, que assim pretendia abusar de suas forças contra huma fraca mulher . . .

Elle approximou-se do leito . . .

— Recuai, gritou-lhe ella, e, chegando-se para huma janella que dava sobre hum pequeno e estreito beco, onde estava a casa situada, disse-lhe, mansamente, e como fazendo esforço sobre si mesma: se deres hum passo para mim, eu me atirarei por esta janella.

— Então, respondeu-lhe elle furiosamente, minha vingança será ainda peior . . . Elle morrerá . . .

De repente abre-se a porta do fundo, e Eugenio se precipita dentro da camara. Infame! exclamou elle, e avançou com a espada desembainhada . . .

Gonçalves tira precipitadamente do bolso huma pistola e a dispara . . .

Isabel, percebendo este movimento, atira-se sobre seu esposo para salval-o . . . Foi ella quem recebeu o tiro, e cahio banhada no seu sangue! . . .

IV.

. . . . . Hum povo immenso enchia a praça das execuções militares. Hum homem, accusado de se ter introduzido na cidade eterna, como espião do exercito de D. Miguel, e de haver assassinado a esposa de hum tenente do bravo batalhão dos voluntarios constitucionaes, ia ser fuzilado. . . .

. . . . . .

V.

O sol appareceu, com toda a sua magestade, no dia 10 de outubro de 1832. Por cima das bellas collinas, que cercão as duas margens do Douro, gravitava elle lentamente, em hum brilhante céo azul-claro.

O Douro rolava mansamente suas aguas, fulgurando com os raios do sol, que se quebravão na sua superficie. Dir-se-ia que o rio, naquelle dia, pretendia erguer acima, e mostrar a todos, as palhetas d'ouro do seu leito.

Os dous exercitos, constitucional e miguelista, marchavão hum contra o outro.

Vencedores! será acaso para vós este o sol de *Austerlitz*? Vencidos! que nome lhe darei? Erguei-vos, victimas de *Waterloo!* . . . o astro do dia, do seio do seu esplendor, vos allumia e esclarece!

Tocárão as trombetas. As tropas se collocão em linha de batalha. A quem a victoria? Oh! Senhor dos exercitos, olhai para os defensores da patria!

Hum estrondo horroroso fez-se ouvir. Tudo o furor descompassado dos raios, quando estremecem e atemorisão a terra, não poderia igualar o rumor que produzirão esses milhares de abrazadas balas, que do exercito dos sitiantes partirão. Do Porto lhes ripostárão do mesmo modo, e, em hum momento, a cidade e as suas bellas torres e ameias, as montanhas e os dous exercitos, desapparecêrão em huma nuvem de fumo, de cujo seio apenas escapavão, de quando em quando, os gritos e gemidos dos agonisantes . . .

Os sitiantes dirigirão-se, então, para o convento da Serra. O forte que ahi foi edificado, domina o Porto, e sua posição he optima para manobrar. Os miguelistas parecião não ter outro fito senão a sua tomada. Elles subirão denodadamente até acima; lá, porém, havião bravos, que responderão aos sitiantes pelo fogo o mais energico e impetuoso. Mas, já lá se vai a tropa constitucional rendendo, e o seu estandarte sendo presa dos inimigos, quando hum joven official se atira imprudentemente á brécha, ahi derroca e derriba tudo o que se lhe ante-oppõe, e de novo, entre rios de sangue, ergue o real estandarte.

Este acto de heroismo dá novo vigor aos constitucionaes: em hum instante, os miguelistas mais corajosos, que subirão ao forte, são delle precipitados.

Os sitiados não se batem mais como homens, mas como tigres furiosos, que dispersão e estragão tudo: nadão, alegres, no sangue dos inimigos, e esse sangue horrifa os estandartes azul-brancos da rainha de Portugal.

Durou tres dias o attaque do forte da Serra. Os constitucionaes ganhárão a victoria. Deos he justo.

Entre os bravos, porém, cuja morte teve de chorar o exercito libertador, contou-se o valoroso tenente que salvára o estandarte e o forte, na occasião do principal attaque.

Chamava-se Eugenio José do Souto, e era tenente do batalhão dos voluntarios.

FIM.

P. S.